UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

DANILA DA SILVA NASCIMENTO GOMES

GRUPO ESCOLAR COELHO RODRIGUES: UM ESTUDO HISTÓRICO SOBRE A CULTURA ESCOLAR PRIMÁRIA NA CIDADE DE PICOS/PI (1954- 1971)

TERESINA
AGOSTO / 2022

DANILA DA SILVA NASCIMENTO GOMES

GRUPO ESCOLAR COELHO RODRIGUES: UM ESTUDO HISTÓRICO SOBRE A CULTURA ESCOLAR PRIMÁRIA NA CIDADE DE PICOS/PI (1954- 1971)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da Professora Doutora Jane Bezerra de Sousa. Linha de pesquisa: História da Educação

TERESINA
AGOSTO/2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação
Serviço de Representação da Informação

G633g Gomes, Danila da Silva Nascimento
Grupo Escolar Coelho Rodrigues: um estudo histórico sobre a cultura escolar primária na cidade de Picos/PI (1954- 1971) / Danila da Silva Nascimento Gomes. -- 2022.
130 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Teresina, 2022.
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Jane Bezerra de Sousa.

1. Educação - História – Piauí. 2. Cultura escolar. 3. Ensino primário. 4. Grupo escolar. I. Sousa, Jane Bezerra de. II. Título.
CDD 370.981 22

Bibliotecário: Hernandes Andrade Silva – CRB-3/936

DANILA DA SILVA NASCIMENTO GOMES

GRUPO ESCOLAR COELHO RODRIGUES: UM ESTUDO HISTÓRICO SOBRE A CULTURA ESCOLAR PRIMÁRIA NA CIDADE DE PICOS/PI (1954- 1971)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da Professora Doutora Jane Bezerra de Sousa. Linha de pesquisa: História da Educação

Aprovada em: 25 08 2022

BANCA EXAMINADORA

Jane Bezerra de Sousa

Professora Dra. Jane Bezerra de Sousa (Presidente)

Rosa Fatima de Souza Chaloba

Professora Dra. Rosa de Fátima Souza Chalobo (Examinadora Externa)

Professor Dr. Antônio de Pádua Carvalho Lopes (Examinador Interno)

Aos meus pais, Geraldo e Maria do Socorro, que Deus os abençoe grandemente. À minha irmã Danelle (Obrigada, querida!). E ao meu esposo Girlan por acreditar nos meus sonhos (Te amo, vida!). À minha força diária, minha amada filha Darliene! (Minha razão de viver!). *In memorian* de nossa colega de turma Osmarina Moura. Que guerreira! Saudades eternas!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter dado força, perseverança e acreditar sempre que as dificuldades e os obstáculos seriam vencidos e que o resultado final seria brilhante. Sei que ele segurou na minha mão até aqui. Serei eternamente grata a Deus por me deixar viver essa experiência tão importante para minha formação profissional e pessoal.

Agradeço grandiosamente aos meus amados pais, Geraldo e Maria do Socorro, pelo dom da vida e pelo incentivo e apoio durante toda a minha trajetória escolar e acadêmica. Meus sonhos sempre foram compartilhados e sonhados juntamente com vocês. Muito obrigada! Deus os abençoe!

A minha irmã Danelle Nascimento, pelo incentivo e ajuda na construção desta dissertação. Sua leitura atenta e o compartilhamento de materiais para enriquecer sempre mais esta pesquisa foi de extrema importância. Para você um mundo de felicidade!

Ao meu esposo Girlan pelo companheirismo, apoio e dedicação! Obrigada por acreditar em mim e não medir esforços para que juntos pudéssemos superar os obstáculos dessa jornada! Saiba que pode contar comigo sempre, te amo!

À minha fonte de inspiração diária, minha florzinha, meu amor incondicional, a Darliene, mamãe reza todos dias a Deus pedindo pela sua vida, que você cresça em graça e sabedoria!

Não posso deixar de frisar que o curso de Mestrado em Educação realizado pelo Programa de pós-Graduação em Educação- PPGED, do Campus Ministro Petrônio Portela em Teresina/PI, cursado por mim, foi realizado no momento da nossa História que ficará para sempre em minha memória: A pandemia do Covid-19. Um momento muito delicado que dificultou um pouco nossa pesquisa, mas que foi vencido, graças a Deus.

Gratidão à minha orientadora, a Professora Drª Jane Bezerra de Sousa, pelo exemplo de pesquisadora, e de ser humano, por seus ensinamentos e paciência em todo meu processo de formação, o incentivo à pesquisa e sabedoria em indicar fontes e sugestões para o trabalho

final. Pelas várias leituras e correções ao trabalho, pelas sugestões de leitura, pelas conversas e pela disponibilidade e incentivo durante a realização da pesquisa, muito obrigada!

Agradeço também aos amigos da 31ª turma de Mestrado em Educação, que viveram comigo toda essa experiência gratificante e, ao mesmo tempo, conturbada devido ao momento pandêmico que vivenciamos. Em especial agradeço a uma das colegas de sala a quem aprendi a admirar e chamar de amiga porque, de fato, nesses dois anos ela se mostrou uma verdadeira amiga, sempre prestativa e atenciosa: Juliana Assunção, minha gratidão!

À professora Dra Rosa de Fátima Souza Chaloba, pela gentileza e disponibilidade em apreciar meu texto e contribuir imensamente para o trabalho final.

Ao professor Dr. Antônio de Pádua Carvalho Lopes, por contribuir com minha escrita, realizando uma leitura precisa e atenciosa no texto final.

Ao grupo de pesquisa do qual faço parte, NESC, pelas contribuições teóricas e práticas que trouxeram à minha formação. Pelas relações afetivas construídas, em especial, ao colega professor e amigo, Higo Meneses, sempre prestativo aos meus chamados, não medindo esforços em orientar-me, aconselhando e direcionado a melhor forma de explanar as ideias no texto final. Deus abençoe sua vida grandemente, meu amigo!

Agradeço, de uma maneira geral, a todos que contribuíram direta e indiretamente para que esta pesquisa fosse realizada. Para aqueles que torcem e acreditam na caminhada a que me proponho a trilhar, meu muito obrigada!

RESUMO

O presente estudo tem como foco a cultura escolar no ensino primário do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, de 1954 a 1971. O *corpus* documental é constituído por Leis e Decretos (em especial a Lei Orgânica do Ensino Primário 8.529 de 02/01/1946), livros atas, livros de inspeção, relatórios do Departamento Estadual de Educação, documentos do escriturário da Escola do período de estudo em destaque: processos de alunos, livros atas e livros de matrícula. Foram também utilizadas fontes imagéticas (fotografias) que nos ajudaram na compreensão da cultura escolar do Grupo Coelho Rodrigues. O objetivo geral é analisar a cultura escolar do Grupo Coelho Rodrigues no período de 1954 a 1971. O estudo tem como referencial teórico de análise a Nova História Cultural. A pesquisa aqui exposta é de natureza qualitativa. Adotamos como aporte teórico: Burke (1992), Lopes & Galvão (2010), Brito (1996), Ferro (1996), Le Goff (1990), Nosella e Buffa (2009), Sousa (2005), Sousa (2008) dentre outros. Para efetivação da pesquisa, foram realizadas visitas ao Arquivo Público do Estado do Piauí Casa Anísio Brito para levantamento e organização das fontes, bem como no próprio Grupo Escolar, atualmente com o nome de Unidade Escolar Coelho Rodrigues, no Museu Ozildo Albano, localizado na cidade Picos, local onde antes funcionava o Grupo Escolar que pesquisamos, na 9ª Gerência Regional de Educação de Picos e em arquivos pessoais das pessoas que foram entrevistadas. O recorte escolhido trata-se inicialmente do ano de 1954, que tem como destaque a visita do inspetor David Ângelo Leal, que descreve em seu relatório de visita as condições precárias em que se encontrava o Grupo Escolar, finalizando no ano de 1971 com a nova sistematização do ensino decorrente da Lei 5692/1971. Esta lei mesclou o ensino primário ao primeiro ciclo do ensino secundário. Compreendemos com essa pesquisa a organização e a cultura material do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, descrevendo aspectos do cotidiano escolar do ensino primário, a partir da memória de ex-professores, ex-alunos e ex-diretores. Acredita-se que esta análise proporciona reflexões sobre a cultura escolar de uma instituição educativa que tanto contribuiu para o desenvolvimento do ensino primário em uma cidade do interior do estado do Piauí.

Palavras-chave: Cultura escolar; Ensino Primário; Grupo Escolar.

ABSTRACT

The present study focuses on the school culture in the primary education of the Coelho Rodrigues School Group from 1954 to 1971. The documentary corpus consists of Laws and Decrees (especially the Organic Law of Primary Education nº 8.529 of 01/02/1946), minutes books, inspection books, reports from the State Department of Education, documents from the school clerk from the period of featured study: Student processes and enrollment books. Imagery sources (photographs) were used to help us understand the school culture of the Coelho Rodrigues Group. The general objective is to analyze the school culture of the Coelho Rodrigues Group in the period from 1954 to 1971. The study is based on the theoretical framework of analysis in the New Cultural History. The research presented here is qualitative in nature. We adopted as theoretical support: Burke (1992), Lopes & Galvão (2010), Brito (1996), Ferro (1996), Le Goff (1990), Nosella and Buffa (2009) Sousa (2005), Sousa (2008) among others. In order to carry out the research, visits were made to the Public Archive of the State of Piauí, 'Casa Anísio Brito', to survey and organize the sources, as well as to the School Group itself, currently called the Coelho Rodrigues School Unit, at the Ozildo Albano Museum, located in the city of Picos, where the School Group that we researched used to be, in the 9th Regional Education Management of Picos and in personal files of the people who were interviewed. The chosen clipping is initially the year 1954, which highlights the visit of inspector David Ângelo Leal who describes in his visit report the precarious conditions in which the Escolar Group found itself, ending in 1971 with the new systematization of education resulting from Law 5692/1971, this law merged primary education with the first cycle of secondary education. With this research we understand the organization and material culture of the Coelho Rodrigues School Group, describing aspects of everyday school life in primary education, based on the memory of former teachers, former students and former principals. It is believed that this analysis provides reflections on the school culture of an educational institution that contributed so much to the development of primary education in a city in the interior of the state of Piauí.

Keywords: School culture; Primary school; School Group.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: População picoense 1950/1960 24
Imagem 2: Mapa da cidade de Picos, destacando também a capital Teresina 33
Imagem 3: Poema de Sousa Libório sobre a cidade de Picos 36
Imagem 4: Lei 2.880 de 20/06/1968 39
Imagem 5: A casa de mestre Abrãao 41
Imagem 6: Igrejinha do Sagrado Coração de Jesus 42
Imagem 7: Praça Félix Pacheco / Centro de Picos 1970 44
Imagem 8: Portaria nomeando a professora Julieta Neiva ao cargo de direção 62
Imagem 9: O Grupo Escolar Coelho Rodrigues 62
Imagem 10: Prédio atual onde ficava o Grupo escolar Coelho Rodrigues (Fachada) 63
Imagem 11: Prédio atual onde ficava o Grupo escolar Coelho Rodrigues (destacando do lado esquerdo o prédio dos Correios) 64
Imagem 12: Notícia da formatura da primeira turma da Escola Normal Oficial de Picos 66
Imagem 13: Capa do Livro de Frequência e Diário do ano de 1958 69
Imagem 14: Frequência de professoras e conteúdos ministrados em 11 de novembro de 1958 69
Imagem 15: Frequência de professoras e conteúdos ministrados em 11 de março de 1963 ... 70
Imagem 16: Frequência de professoras e conteúdos ministrados em 15 de maio de 1969 71
Imagem 17: Ficha de matrícula do Grupo Escolar Coelho Rodrigues para a 1ª série Curso Primário no ano de 1971 72
Imagem 18: Ficha de matrícula do Grupo Escolar Coelho Rodrigues para a 3ª série Curso Primário no ano de 1971 72
Imagem 19: Capa do curso primário – programa experimental para a 1ª série (1960) 77
Imagem 20: Índice do curso primário – programa experimental para a 1ª série (1960) 78
Imagem 21: Modelo de Exame de linguagem de dezembro de 1952 79
Imagem 22: Modelo de Prova de conhecimentos gerais de março de 1953 80

Imagem 23: Modelo de Prova de Matemática de março de 1960 81
Imagem 24: Termo de Inspeção do Grupo Escolar Coelho Rodrigues 84
Imagem 25: Inscrição no Exame de Suficiência de 1968 95
Imagem 26: Certificado de habilitação para ensinar no Ensino Secundário com a disciplina de História 96
Imagem 27: Professoras participando do Curso de Supervisão em Colatina Espírito Santo .. 99
Imagem 28: Momento Cívico no Encontro de Supervisão em Colatina 100
Imagem 29: Carteiras do Grupo Escolar Coelho Rodrigues 106
Imagem 30: Carteiras e Lousa do Grupo Escolar Coelho Rodrigues 107
Imagem 31: Capa do livro de Admissão ao Ginásio 109
Imagem 32: Contracapa do livro de Admissão ao Ginásio 109
Imagem 33: As 3 páginas do Índice do livro de admissão ao Ginásio 110
Imagem 34: Uniforme dos alunos do Grupo Escolar Coelho Rodrigues 114

LISTA DE SIGLAS

CADES - CAMPANHA DE APERFEIÇOAMENTO E DIFUSÃO DO ENSINO SECUNDÁRIO
CODESE – COMISSÃO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO
DEP - DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA
GECR – GRUPO ESCOLAR COELHO RODRIGUES
IMH – INSTITUTO MONSENHOR HIPÓLITO
LDB – LEI DE DIRETRIZES E BASES
PARFOR – PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA
PPGED – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
SEPLAN – SECRETARIA DO PLANEJAMENTO DO ESTAD DO PIAUÍ
SGEC - SECRETARIA DO ESTADO DA GUANABARA
UESPI – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
UFC- UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
UFPI – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: População piauiense 1950/1960 23
Quadro 2: Trabalhos sobre Grupos escolares 31
Quadro 3: Das escolas de ensino primário da rede particular de Picos (1954-1971) 35
Quadro 4: Escolarização primária no Piauí e em Picos- Censo de 1950 38
Quadro 5: Das escolas de ensino primário da rede municipal em Picos (1954-1971) 38
Quadro 6: Das escolas de ensino primário da rede estadual na zona urbana de Picos (1954-1971) 39
Quadro 7: População de Picos 1950/1970 48
Quadro 8: Cidades desmembradas de Picos no recorte temporal da pesquisa 49
Quadro 9: Tipos e quantidades de Escolas Primárias Estaduais no Piauí 1950/1960 56
Quadro 10: Datas comemorativas no calendário escolar do Piauí 65
Quadro 11: Análise de 64 matrículas do curso primário para ano letivo de 1972. Estas foram encontradas no prédio atual do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, localizado à Rua Monsenhor Hipólito em Picos/PI 73
Quadro 12: Programa de ensino primário 76
Quadro 13: Visitas ou outros fatos ocorridos antes do período em estudo 87
Quadro 14: Visitas ou outros fatos ocorridos no período em estudo 88
Quadro 15: Professoras que lecionaram no Grupo Escolar Coelho Rodrigues em Picos/PI nas décadas de 1950/1960 101
Quadro 16: Professoras do Grupo Escolar Coelho Rodrigues que foram inspetoras 102
Quadro 17: Professoras do Grupo Escolar Coelho Rodrigues que foram diretoras 102

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PIAUIENSE: MODERNIZAÇÃO, GRUPO ESCOLAR E CIDADE 21
2.1 Os grupos escolares, modelo ideal de escola pública primária no Brasil 26
2.2 Picos: a cidade modelo em desenvolvimento (1950 -1970) 34
2.3 História e memória do Grupo Escolar Coelho Rodrigues em Picos/PI (1954 a 1971) 49
3 A CULTURA ESCOLAR: A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL E SEUS ATORES 59
3.1 Arquitetura e espaço escolar do Grupo Escolar Coelho Rodrigues 60
3.2 Os documentos escolares e suas variadas funções 67
3.3 Os profissionais da fiscalização e boa conduta: os inspetores e as diretoras 81
3.4 Professoras primárias: memórias e práticas escolares 91
4 A CULTURA ESCOLAR E SUA MATERIALIZAÇÃO 103
4.1 O espaço escolar: cadeiras, carteiras e mesa 104
4.2 O desenvolvimento das atividades pedagógicas: a lousa e os livros didáticos 107
4.3 Um artefato disciplinador: o uniforme escolar 112
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 118
APÊNDICES 125

1 INTRODUÇÃO

A História da Educação parece ter entrado em minha vida muito antes de uma total compreensão a respeito dela, ainda em processo de construção de uma identidade que alguns anos mais tarde seria definida e transformada em profissão docente. Retorno então ao ano de 1988, ainda com quatro anos de idade, e adentrando à escola pela primeira vez, deparei-me com aquele espaço escolar que muito tempo depois seria meu ambiente de trabalho. Não exatamente a mesma escola, mas tantas outras instituições escolares pelas quais já passei atuando na minha profissão docente.

Ao falar da minha formação, posso afirmar que sempre me interessei pela área da Educação (cursos da área de Humanas), tanto que cursei e conclui os seguintes cursos: Licenciatura Plena em Pedagogia (2006 - UESPI); Licenciatura em Letras Português (2008 - UFPI) e Licenciatura em História (2014 - PARFOR - UFPI), sendo que o meu interesse pela História da Educação cresceu ainda mais após este último curso.

O desejo de fazer um mestrado em Educação encontrava-se adormecido até que me deparei com a seleção para o referido mestrado em agosto de 2019, edital este publicado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da UFPI, no qual constava a linha de pesquisa sobre História da Educação. Aprovada neste, a minha orientação ficou a cargo da professora Drª Jane Bezerra de Sousa, conversarmos entre uma orientação e outra a respeito da definição da temática em estudo, pois inicialmente trabalharia com história de vida de docentes.

Porém, achamos melhor reformular a temática. Adentrando a pesquisa sobre instituição escolar, compreendemos e ampliamos, assim, os estudos realizados no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, aumentando o recorte temporal e tendo como foco da pesquisa a cultura escolar. Esta temática atualmente vem ganhando grande respaldo e leva-nos a refletir.

Partindo desta temática, resolvemos trabalhar com a história e memória do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, que fica situado no centro da terceira maior cidade do Piauí (Picos). O referido Grupo Escolar iniciou suas atividades em uma sala alugada de uma pensão paga pelo estado, pensão esta pertencente ao Sr. Raul Rodrigues, cuja cerimônia de inauguração ocorreu em 15 de fevereiro de 1929.

Entendemos que a partir das interações sociais e culturais em que as pessoas vivem, o espaço é necessário para entender a importância da humanidade e, portanto, constitui uma rede de relações interpessoais. Portanto, por meio da memória é possível uma compreensão

dos diversos aspectos que envolvem o contexto sócio-histórico-cultural vivenciado por diversos sujeitos.

Diante do exposto, questionei-me: como uma instituição escolar, mediante a cultura escolar ali existente, pode transformar diversos sujeitos, construindo a história do ensino primário no estado do Piauí e mantendo-se viva na memória educativa e social de um povo?

Recorremos aos conceitos de identidade e de memória para permitir, dessa forma, a articulação e a comunicação mediante as falas das pessoas que foram entrevistadas, daquilo que foi vivido e experimentado. Assim, a memória, segundo Michael Pollak (1992, p. 210): "é a operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar". E a identidade seria "a imagem que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, o que ela se mostra aos outros e a si, o que ela acredita de si e o que quer dos outros a mesma crença" (POLLAK, 1992, p. 212).

O objetivo geral desta pesquisa foi o de examinar a cultura escolar do Grupo Coelho Rodrigues no período de 1954 a 1971. Elegeu-se os seguintes objetivos específicos: a. Analisar a organização e a cultura material do Grupo Escolar; b. Descrever aspectos do cotidiano escolar, a partir da memória dos agentes sociais dessa instituição; e c. Compreender o desenvolvimento do ensino primário dentro do Grupo Escolar Coelho Rodrigues.

O período delimitado para esta pesquisa trata-se do ano de 1954, que tem como destaque a visita do inspetor David Ângelo Leal. Este descreveu em seu relatório de visita as condições precárias em que se encontrava o Grupo Escolar, relatório este que está redigido no Livro de Inspeção do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, encontrado no Museu Ozildo Albano em Picos/PI. O Inspetor relatou: "Pedaços de reboco desabados. Pintura interior e exterior deselegante. Parte do muro exterior em aberto, sem gradeamento" (PICOS, 1954). Tais aspectos nos levam a concluir que existia nesse período uma desatenção por parte dos órgãos responsáveis, sobretudo do próprio governo do Estado, em manter a estrutura física do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, que tinha sua importância para o desenvolvimento do ensino bprimário na cidade de Picos/PI. Esse momento de decadência era visível por parte da sociedade que de fato se utilizava do serviço educacional ali oferecido até o ano de 1970, momento este em que o grupo escolar precisou ser transferido para outro prédio por conta do estado de conservação em que se encontrava.

O período encerra-se em 1971 com a nova sistematização do ensino decorrente da Lei 5692/1971. Esta lei integrou o ensino primário ao primeiro ciclo do ensino secundário. Observa Brito (1996, p. 160): "Ocorre que os estados não estavam preparados para essa mudança e como a Lei facultasse a adoção gradual, progressiva da reforma, muitos protelaram

em fazê-la". Vale destacar aqui que a Lei 5692/71 alterou a nomenclatura e organização do Grupo Escolar para o de Unidade Escolar, abrangendo assim os níveis de ensino que passam a vigorar como ensino de 1ª e 2º graus.

Este estudo utiliza um método histórico qualitativo, localizado na história da educação brasileira, propício ao estudo da história das instituições escolares e da cultura escolar. Portanto, a base teórica relacionada à Nova História Cultural é muito importante, pois essa parte da história possibilita a expansão do objeto de pesquisa. Como no diz Pesavento (2008, p. 64):

> Este, talvez, seja um dos aspectos que, contemporaneamente, mais dão visibilidade à História Cultural: a renovação das correntes da história e dos campos de pesquisa, multiplicando o universo temático e os objetos, bem como a utilização de uma multiplicidade de novas fontes.

E, no tocante as fontes desta pesquisa, foram utilizados documentos oficiais e de legislação: Leis e Decretos (em especial a Lei Orgânica do Ensino Primário), livros atas, livros de inspeção, relatórios do Departamento Estadual de Educação. Documentos do escriturário da escola do período de estudo em destaque: processos de alunos, livros atas e livros de matrícula. Fontes imagéticas (fotografias) também nos ajudaram na compreensão da cultura escolar do Grupo Escolar Coelho Rodrigues. Livros da história da cidade de Picos nos levaram a caracterizar o ambiente social, econômico e político da época em estudo, estabelecendo relação com o Grupo Escolar.

No tocante aos objetos materiais da escola, tivemos acesso a provas, convites, carteiras, cadernos e uniformes. Enumeramos aqui os locais nos quais obtivemos as fontes: no próprio arquivo do Grupo Escolar, atualmente com o nome de Unidade Escolar Coelho Rodrigues; no arquivo Público do Estado do Piauí em Teresina; no Museu Ozildo Albano, localizado na cidade Picos, local onde antes funcionava o Grupo Escolar que pesquisamos; na 9ª Gerência Regional de Educação de Picos e em arquivos pessoais das pessoas entrevistadas.

Fizemos uso também da História Oral através de entrevistas que foram autorizadas pelos sujeitos participantes que assinaram um Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento (TCLE), após aprovação do projeto de pesquisa inserido na Plataforma Brasil e analisado pelo CEP da UFPI com Parecer Consubstanciado tendo como número de Protocolo o CAEE 40351420.5.0000.5214. As entrevistas foram gravadas e transcritas. Utilizamos como instrumento de coleta de dados com as fontes orais, as entrevistas semiestruturadas, uma entrevista narrativa com base em questões abertas com foco na cultura escolar primária do período em estudo (1954-1971). O encontro para a realização da

entrevista foi previamente agendado, tanto no tocante ao melhor horário e local como referente à escolha do participante conforme a sua disponibilidade.

Levamos em conta os estudos da Nova História Cultural que vem trabalhando tanto com as variadas possibilidades de análise quanto com a ampliação dos objetos de estudo. Apropriamo-nos também da História Oral que, segundo Alberti (2015, p. 155), "é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita".

"A história oral" – diz-nos Alberti (idem, p. 164) – "é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade". Ao mesmo tempo, o trabalho com a História oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação. "A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade" (ALBERTI, idem, p. 167).

Orientamo-nos também no tocante ao conceito de História Oral como sendo o conjunto de procedimentos, desde a formulação do projeto, para definir o grupo de pessoas a serem entrevistadas, bem como realizar o planejamento para registrar, incluindo transcrições dos depoimentos, autorização de uso, arquivamento. Reforçamos ainda que, quando possível, os resultados devem primeiro retornar ao grupo que conduziu a entrevista (BOM MEIHY, 1998).

Frisamos ainda que as entrevistas foram transcritas e repassadas aos participantes da pesquisa para que pudessem ler e adequar a ideia do que foi dito, para que não haja dúvida a respeito do que fora colocado neste trabalho, lembrando que primamos pelo anonimato dos colaboradores. Porém, uma das entrevistadas, a senhora Oneide Fialho Rocha, que é professora aposentada, permitiu-nos colocar dois documentos em que aparecem seu nome.

Reforço que, considerando a possibilidade de alguns dos participantes não se encontrarem morando na cidade de Picos ou mesmo no estado do Piauí, foi utilizado os mesmos meios de comunicações digitais para realizar a entrevista semiestruturada. Para melhor explicar os dados coletados, foi realizada também uma pesquisa bibliográfica para fornecer suporte teórico que pudesse embasar a pesquisa. A análise de documentos escritos fora baseada nos fundamentos teóricos e metodológicos da Nova História Cultural.

Dos participantes dessa pesquisa, encontram-se três professoras aposentadas que chamaremos carinhosamente de: Esperança, Girassol e Estrela. Estes nomes foram escolhidos por percebermos no momento das entrevistas como cada professora falou de sua profissão e suas perspectivas para a educação presente e futura. Uma delas se mostra esperançosa e

acredita em dias melhores (Esperança), a outra vê a educação como Sol, essencial à vida (Girassol); e a última se mostrou feliz pelas contribuições deixadas à educação picoense (Estrela). Todas elas aceitaram e permitiram que fossem adotados os referidos codinomes.

A partir da década de 1980, determinadas crenças sobre as características típicas da história mudaram: os temas contemporâneos foram incorporados à história, de modo que um novo campo se estabeleceu, a saber, a história do tempo presente; após uma análise qualitativa, os relatórios individuais não serão mais considerados relatórios exclusivos, mas podem transmitir experiências coletivas e realizar visões de mundo e de sociedade. E para uma melhor compreensão do conceito de história do tempo presente, Scocuglia (2007, p.28) nos diz:

> Com efeito, se aceitamos a inseparabilidade do presente e do passado e se entendermos que todo historiador pesquisa o passado a partir do seu tempo (que é o presente) e do seu espaço social (hoje), poderemos aceitar que história (da educação) do tempo presente modifica a história (da educação) do tempo passado! E, portanto, a história da educação do tempo presente é determinante das descobertas da história da educação do passado vivo. Em outras palavras, podemos argumentar que a história da educação do tempo presente não é só importante em si mesma, mas é também determinante do conhecimento do passado.

Desse modo, percebemos que esta pesquisa busca no estudo do tempo presente uma compreensão da cultura escolar que se encontra enraizada em um determinado povo, passando assim às gerações futuras a importância da memória tanto individual quanto coletiva para a compreensão da História como um todo, pois a educação se constitui entrelaçada com outros aspectos da sociedade: sociais, culturais e econômicos.

Destacamos aqui que esta pesquisa tratou da cultura escolar no âmbito do ensino primário, ensino este que tomou proporções grandiosas no tocante à educação brasileira da época. Ao pensarmos a composição dos cidadãos brasileiros e as mudanças pelas quais o país vinha passando, também ficamos maravilhados com a modernização das escolas, resultando em discussões sobre a atualização dos métodos utilizados no ensino primário, que surgiram no final do século XIX e continuaram a existir e se expandir nas primeiras décadas do século XX.

Com a implementação da Constituição de 1946, o setor público começou a investir em educação, a determinar com mais eficiência o trabalho educacional e a proteger a educação primária como uma das necessidades básicas de toda a população. Analisando o Decreto nº 8529, de 2 de janeiro de 1946, podemos entender melhor o progresso e os contratempos que envolvem a organização do ensino primário.

No decorrer da pesquisa, precisamos ampliar os estudos no tocante aos aportes teóricos utilizados, tanto da Nova História Cultural como das Instituições Escolares. Quando falamos sobre a história da educação, não podemos deixar de entender que, de acordo com a pesquisa Magalhães (2004), esses estudos são influenciados pela Nova História Cultural, que envolve objetos e a expansão de fontes e métodos tradicionalmente utilizados no estudo de materiais históricos. Como nos mostra Magalhães (2004, p. 91):

> No âmbito da Nova História (um movimento renovador da historiografia europeia que marcou as década de 70 e 80 do século XX), a história da educação aberta à interdisciplinaridade, associada à sociologia, tendeu a evoluir de uma história institucional (centrada na educação como sistema, como instituição) para uma história problema aberta às relações de educação e das instituições educativas, na sua diversidade sociocultural e pedagógica, com a sociedade, pelo que a historiografia e apresenta uma panóplia de conceitos e de temas inovadores: herança cultural, igualdade de oportunidades, educação e mobilidade social, educação e desenvolvimento, educação e poder, educação e reprodução social, educação e gênero.

A historiografia da educação se renova, se transforma, descobrindo o sentido da educação e estabelecendo seu próprio discurso. Ainda segundo Magalhães (2004, p. 91):

> Nas décadas de 80 e 90 do século XX a história da educação não cessou de desdobrar em Novos Campos e objetos, procurando superar limitações metodológicas resultantes de uma análise estrutural estreita suportada por séries diretas e pela prevalência da fonte escrita. Para além das entradas "particulares", a historiografia da Educação abriu-se à filosofia, à sociologia e à psicologia, à antropologia, à linguística, alcançando uma (re) valorização conceitual e uma maior centralidade nos discursos, e nas práticas educativas e nas representações simbólicas- uma historiografia marcada pela história cultural.

Entre esses novos campos e objetos de estudos estão a instituições escolares, que nos remetem ao estudo aprofundado da cultura escolar, a qual, segundo Vinão Frago (2007, p. 87):

> A cultura escolar, assim entendida, seria constituída por um conjunto de teorias, ideias, princípios, normas, modelos, rituais, inércias, hábitos e práticas (formas de fazer e pensar, mentalidades e comportamentos) sedimentadas ao longo do tempo em forma de tradições, regularidades e regras de jogos não interditadas, e repartidas pelos seus actores, no seio das instituições educativas.

Percebemos que as instituições escolares começaram a ser mais profundamente compreendidas e pesquisadas, destacando o tema da cultura escolar, que se encontra como ponto principal nesta pesquisa. Na cultura escolar, o significado dominante é fornecer algo

além do pensamento social e da capacidade de ação, de modo a obter conhecimentos e até habilidades extraídas do processo formal de educação.

Nos embasamos também em Magalhães (2004, p. 114), que nos diz:

> A história do sistema educativo não é uma somatória de instituições escolares justapostas nem, por outro lado, a história de uma dessas instituições se torna possível fora de um todo coerente. É nos domínios da representação e a da apropriação que esta autonomização se revela mais consequente, por que mais relacional e menos autocentrada. Constituindo um todo em si mesma, cada instituição escolar ou educativa integra esse todo mais amplo que é o sistema educativo.

Compreendemos, assim, que a instituição escolar não se encontra isolada do meio social a que pertence. Observamos, no decorrer da pesquisa, como acontecia a dinâmica do Grupo Escolar Coelho Rodrigues com seus fatores externos. Fatores estes sociais, educacionais, políticos, econômicos e culturais, buscando entender o comportamento dos indivíduos fora do grupo escolar e como tais comportamentos influenciavam a organização e a cultura escolar.

Como forma de organização e para uma melhor compreensão da pesquisa aqui realizada, optamos por dividir essa dissertação em três capítulos, como explicitado a seguir.

O primeiro capítulo é intitulado **A História da educação piauiense: modernização, grupo escolar e cidade,** dando ênfase aos grupos escolares como modelo de escola pública primária no Brasil. Neste capítulo ainda falaremos da cidade de Picos, do seu desenvolvimento econômico, político, social e educacional no período do recorte da pesquisa, finalizando com uma reconstituição da História e Memória do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, destacando a cultura escolar primária do referido grupo.

No segundo capítulo, nomeado **A cultura escolar: a organização espacial e seus atores,** apresentamos a arquitetura do prédio escolar, bem como a importância do espaço e da cultura material para a construção das identidades dos sujeitos e reconstrução da cultura escolar da época. Mostraremos as várias funções que possuem os documentos escolares, quem eram os sujeitos escolares e suas famílias e o que estas representavam para o desenvolvimento educacional, social e econômico da cidade de Picos. Destacamos as figuras dos inspetores escolares e das diretoras, profissionais estes que organizavam com maestria o Grupo Escolar Coelho Rodrigues. Por fim, apresentamos as memórias das práticas realizadas pelas professoras primárias que atuavam no Grupo através das entrevistas realizadas com as professoras aposentadas, bem como pelo olhar daqueles ex-alunos (as) que ainda guardam na memória toda essa riqueza escolar

Chegando ao terceiro capítulo, que tem como título **A cultura escolar e sua materialização**, trataremos dos objetos escolares que são lembrados pelos entrevistados em suas falas, por fazerem parte do espaço escolar e social destes; destacaremos as cadeiras, carteiras, mesa, fardamentos, lousa e livros didáticos, frisando que estes últimos, de difícil acesso, nem todos os alunos tinham condições de adquiri-los.

Sendo assim, uma pesquisa desta natureza torna-se relevante para conhecer a cultura escolar de uma instituição educativa que tanto contribuiu para o desenvolvimento do ensino primário em uma cidade do estado do Piauí. Acredita-se que os estudos acerca da História e Memória do Grupo Escolar Coelho Rodrigues contribuem para o entendimento do que chamamos de conservação de um patrimônio educacional, espaço este de vivências e aprendizados, lugar este em que a educação prevalecia em todos os seus aspectos, buscando alcançar a todos os sujeitos sociais. Espera-se, assim, despertar o interesse de outros pesquisadores na construção de novos trabalhos sobre cultura escolar e revisitar histórias de instituições escolares que se encontram adormecidas dentro do grande leque que é, sem dúvida, a História da Educação do Estado do Piauí.

2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PIAUIENSE: MODERNIZAÇÃO, GRUPO ESCOLAR E CIDADE

Neste capítulo, trataremos da História da Educação Piauiense, dando ênfase aos grupos escolares como modelo de escola pública primária no Brasil. Destacamos o processo de modernização ocorrido no Piauí no recorte de nossa pesquisa, bem como da cidade de Picos no seu desenvolvimento econômico, político, social e educacional do mesmo período, finalizando com uma reconstituição da História e Memória do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, com destaque para a cultura escolar primária do referido grupo.

Para compreendermos melhor sobre a formação do campo da História da Educação que abrange o recorte temporal de nossa pesquisa, utilizamos Vidal e Faria Filho (2003, p. 45) para nos direcionar, retornando um pouco no tempo e tratando da Obra de Primitivo Moacir:

> Os sete volumes d'A Instrução e a República, de Moacyr não foram o único investimento do INEP na divulgação de documentos úteis à história da educação nacional. Tendo sido constituído com a função, dentre outras, de "organizar a documentação relativa à história e à situação atual da educação no país", o Instituto deu início em janeiro de 1940 à elaboração dos subsídios para a história da educação brasileira série composta por onze volumes editados entre 1942 e 1951, contendo a relação dos "atos e fatos de maior importância na vida educacional do país", de caráter oficial ou iniciativa privada, em todos os Estados nos anos de 1940 a 1950.

Ainda segundo Vidal e Faria Filho (2003), depois de Anísio Teixeira assumir a liderança do INEP em 1952, a fim de relançar a investigação sobre o estatuto docente do território do país, assumiu o compromisso de constituir um lugar privilegiado para a investigação e análise de dados financiados por cientistas sociais. Em 1955, foi criado o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), vinculado ao INEP e ao Ministério da Educação e Cultura. Nos anos seguintes, foi associado a cinco pólos regionais, localizados em São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Bahia. Não podemos esquecer da relação da História da Educação enquanto disciplina nas Escolas Normais. Complementando esse pensamento Vidal e Faria Filho (2003, p. 46-47) assinala o seguinte:

> A disciplina surgia no contexto das reformas que, nos anos 1920, pretendiam modificar a educação nacional, introduzindo princípios da escola ativa, posteriormente aglutinados em torno do ideal da escola nova no ensino primário, e elevando o preparo docente pela ampliação e especialização do curso normal.

Sob tais circunstâncias, as reformas e mudanças ocorridas naquele período na escola foram fortalecidas para permitir que ela respondesse às necessidades da sociedade. É importante destacar que de acordo com as políticas de governo, o grupo escolar vai se implantando aos poucos em um modelo de escola com características urbanas marcantes, padronizadas e que requisitavam preparo docente. Para tanto era preciso estudar a fundo a história da educação primária, em uma busca pela compreensão de como a escola se apresentava com suas peculiaridades.

Segundo Silva (2012, p. 42):

> Neste sentido, tomou-se como referência a história da educação primária em todo o país, para compreender e apreender uma concepção de "escola" que contribuísse para esse estudo, uma vez que, a escola por natureza se reveste de múltiplas dimensões, determinantes e complexidades em suas práticas educativas.

No Piauí, não fora diferente, o mesmo processo de industrialização vivido no período histórico relevante é caracterizado pela transição de um sistema baseado na agricultura de exportação para a sociedade, o período em destaque trata-se da grande industrialização em nosso país que ocorreu entre as décadas de 1950-1970. Porém, destacamos que esse processo de industrialização vivenciado no Brasil não abrange por completo todo o território piauiense, será percebido essa transição de forma mais significativa na capital do referido Estado, Teresina. Industrialização essa que foi aos poucos expandindo para algumas das cidades mais desenvolvidas da época, percorrendo o período de 1950 a 1970 e anos seguintes.

Como o Piauí se posiciona em relação a essas mudanças, que tipo de representação foi construída e inspirou a imaginação das pessoas, essas questões nos ajudam a entender melhor o período desta pesquisa. Segundo Martins (2014, p. 4):

> Para compreendermos as diversas representações de modernidade que estruturavam a realidade piauiense e que possibilitaram que Teresina despontasse como o principal centro irradiador dos ideais de modernidade é preciso atentar para o contexto político, econômico e cultura do período de 1900 a 1950, é preciso considerar a intensa movimentação cultural vivida então. Nas três primeiras décadas, 1900 a 1930, Teresina se caracterizou por certo crescimento econômico decorrente da expansão da borracha de maniçoba, como um lugar onde ações foram desenvolvidas em busca da modernização, onde se vivenciava experiências modernizadoras expressas em vários campos sociais e, em especial, através da cultura escolar, um dos símbolos de modernização, um elemento de diferenciação entre os sujeitos que compunham a sociedade.

Martins (2014) mostra-nos que a modernidade que se presenciava na água encanada, luz, automóveis, alguns edifícios, destacando os edifícios escolares, não era acessível a todos. Observamos, assim, Teresina como uma cidade moderna, em evolução, considerado esses elementos em destaque importantes na análise da sociedade. Enfatizamos ainda que estes símbolos da modernidade podiam ser observados em alguns bairros próximos ao centro da cidade, destacando aqui a venda de água à comunidade carente dos locais periféricos de Teresina.

No contexto geral, esta forma de perceber a realidade social, bem como a importância da escola, mostra uma forma extraordinária de perceber também a modernidade que, vivida pela elite, era sentida por toda a população teresinense da primeira metade do século XX, refletindo assim nas outras cidades do estado do Piauí.

Com toda essa urbanização e modernidade, não podemos esquecer que tudo só se torna possível por conta da cidade que se mostra para nós como um imã, afirmação de Rolnik (1992, p. 12): "[...] um imã, um campo magnético que atrai, reúne e concentra os homens". A autora nos diz ainda: "Isto mesmo, a cidade é antes de mais nada um imã, antes mesmo de se tornar permanente de trabalho e moradia" (p.12).

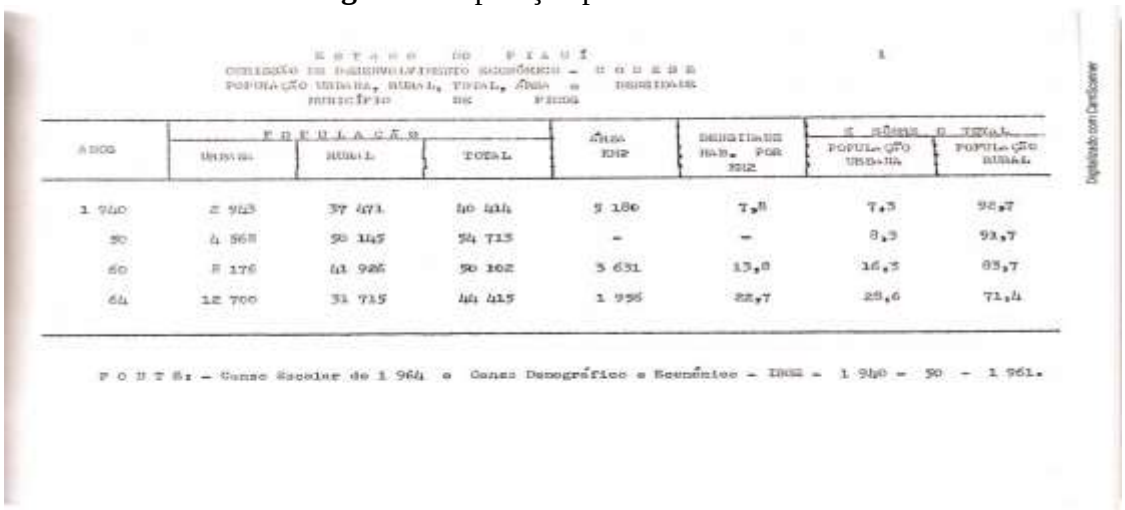
Porém, podemos observar no quadro abaixo que, mesmo diante da modernização em torno das cidades, mais precisamente nos centros urbanos, a população rural piauiense se sobressaia à população urbana.

Quadro 1: População piauiense 1950/1960

Anos	População	Crescimento	% população urbana	% população rural
1950	1.045.696	27,90	16,31	83,69
1960	1.263.368	20,82	23,60	76,40

Fonte: IBGE (1950,1960)

Imagem 1: População picoense 1950/1960



ANOS	POPULAÇÃO URBANA	POPULAÇÃO RURAL	POPULAÇÃO TOTAL	ÁREA KM2	DENSIDADE HAB. POR KM2	% URBANA POPULAÇÃO URBANA	% TOTAL POPULAÇÃO RURAL
1 940	2 923	37 471	40 414	5 180	7,8	7,3	92,7
50	4 568	50 145	54 713	-	-	8,3	91,7
60	7 176	43 926	50 102	5 631	13,8	16,3	83,7
64	12 700	33 715	46 415	1 956	22,7	28,6	71,4

F O N T E: - Censo Escolar de 1 964 e Censo Demográfico e Econômico - IBGE - 1 940 - 50 - 1 961.

Fonte: CODESE: Estatísticas Básicas / Picos - 1980

No tocante à cidade não poderíamos esquecer aquela à qual fazemos alusão nesta pesquisa, a cidade de Picos, que também passava por transformações sociais num contexto de modernização implementado na República. Adquirira, assim, obras como iluminação elétrica, mercado público, cuidados com o centro urbano, estradas, defesa sanitária, escola primária, entre outras. Destacamos, a partir da fonte acima, que a população rural continuava maior que a urbana.

Segundo Jane Sousa (2005, p. 89):

> Picos (PI) era um pequeno núcleo urbano. O Rio Guaribas (ainda perene) tinha relevante papel para a vida e para a economia da cidade (culturas de vazantes, lavadeiras e banhos nos animais). A cidade possuía uma agência bancária do Banco do Brasil (inaugurada em 1944), a luz elétrica era gerada por uma caldeira de vapor de 36HP, funcionando de 18 às 21 horas (inaugurada em 1929 pelo coronel Francisco Santos); uma rádio difusora (inaugurada em 1942), que tinha seus amplificadores espalhados pela cidade; a feira livre que acontecia aos sábados com vários produtos da região, e dois cinemas (Cine Ideal e o Cine Guarani).

Não podemos deixar de destacar uma tradição familiar reproduzida às gerações seguintes na propagação dos sobrenomes entre as famílias, por conta da presença latente dos coronéis na história da cidade de Picos que exerciam uma autoridade local de destaque no meio social. Pinheiro (2018, p.128) aponta: “Percorrendo as ruas e travessas de Picos, o transeunte se depara com as placas escritas com os nomes dos coronéis Antônio Rodrigues, Francisco Santos, Raimundo Macedo, Joaquim Balduíno, Luís Nunes, Joaquim Santos, Luís Santos”.

A figura do coronel encontrava-se também ligada à história do processo educacional na cidade de Picos/PI. Destacamos o Coronel Francisco de Sousa Santos, que foi o responsável por trazer de Teresina três normalistas recém-formadas para lecionarem no Grupo Escolar Coelho Rodrigues.

Destacamos a partir das leituras realizadas que ainda faltavam instituições de ensino, submetendo os/as professores/as municipais a se mudarem para espaços improvisados para ensinarem as crianças a ler, escrever e contar. Em comunidades mais afastadas, as aulas eram ministradas pelos professores conhecidos como itinerantes, estes professores eram escolhidos pelo chefe do poder executivo municipal em Picos ao qual o mesmo tivesse confiança.

Segundo Pinheiro (2018, p. 131):

> A presença de "homens mais letrados", como os mestres também eram conhecidos, dava a eles a confiança para penetrarem no universo particular das famílias por onde passavam. Muitos deles tinham acesso a informações privilegiadas, que só diziam respeito ao foro do sujeito, mas devido ser portador de conhecimentos que fugiam ao contexto onde ensinava, tornava-o uma figura ilustre perante os demais. Foram, pois, homens de ação que deixaram as suas contribuições para a história da educação no Estado do Piauí.

Destacamos também, no auge dos anos de 1950, a criação do Ginásio Estadual Picoense, segundo Deus (2001, p. 28):

> O 1º Ginásio foi criado por iniciativa do então Juiz de Direito de Picos. Dr, Vidal de Freitas, a quem Picos deve gratidão. No ato da inauguração do Ginásio houve o discurso do Dr. José Vidal de Freitas, do advogado Dr. José Gregório, do prefeito Celso Eulálio e do governador Rocha Furtado.

Ainda sobre o Ginásio, Sousa (2019, p. 93) reforça:

> Picos agora tinha o Ginásio, e isso representava uma conquista importante no conjunto das cidades piauienses. O curso ginasial pôs fim à migração precoce dos jovens para outras cidades, trazendo o sonho da faculdade, os bailes de formatura, a ampliação do contato com livros e o intercâmbio com outros Ginásios do estado e do país. Alguns alunos ainda guardam seus diplomas, o exame de admissão, suas notas, fotografias de época, possibilitando a recuperação desse tempo e da cultura escolar.

O ano de 1955 é comemorado com grande júbilo pelo povo picoense por se tratar do Centenário da cidade, fato este ocorrido na época em que a cidade tinha como gestor municipal Dr. Helvídio Nunes de Barros. Deus (2001, p. 29) descreve este momento dizendo:

> Toda a sociedade picoense participou da vasta programação de eventos com direito a um documentário histórico ímpar, além de alvorada festiva, missa solene celebrada por Dom Paulo Libório e vários padres, passeata, inauguração de obras públicas, banquete, competição esportiva e o baile de gala no Picoense Clube. Na ocasião foram coroadas pelo prefeito a Rainha do Centenário da Vila Municipal de Picos (a senhorita picoense Maria Ceci campos Moura) e as princesas do Centenário (Maria do Carmo Portela Cardoso e Francisca de Barros Moura.

Segundo Deus (2001), chegando ao ano de 1960, destacamos um momento importante em que a Igreja de Roma, por meio do Papa João XXIII, no sentido de fornecer vigorosamente a produção de alimentos, exercia uma enorme atração sobre os países ricos do mundo, e destacava que em tempos e condições normais de produção, a população continuou a crescer. Aproximando-se para o 2000, tinha-se como certeza que muitas pessoas morreriam de fome. Assim, o Papa fez um apelo às Nações Unidas convocando uma reunião para apoiar os países subdesenvolvidos. Assim, o país recebeu assistência internacional para melhorar as condições agrícolas e de vida da população rural.

Neste mesmo período, como nos diz Deus (2001), o Governador do Piauí, Dr, Petrônio Portella Nunes, indicava Picos como um Modelo de Município Piauiense por meio da Circular INDA-P/65, exatamente em janeiro de 1963. A autora nos explica que:

> A comissão examinou o quadro administrativo do estado e concluiu: deve ser Picos o "Município Modelo Piauiense", tendo em vista que o Município reúne a maior soma de requisitos no estado, é o que oferece melhor distribuição de riquezas, não apresentando latifúndio ou minifúndio. Os solos do Município permitem o uso de máquinas agrícolas e possui abundante potencial de águas subterrâneas. Possui lavoura bastante diversificada. É o maior produtor de algodão, feijão, milho, farinha de mandioca, arroz, alho e cebola. Apresenta maior índice de alfabetização e o maior potencial humano na Zona Rural (DEUS, 2001, p. 31).

Iremos adentrar agora no conhecimento sobre os grupos escolares e como estes foram se expandindo pelo país ao ponto de serem reconhecidos como uma escola pública ideal ao desenvolvimento do ensino primário.

2.1 Os grupos escolares, modelo ideal de escola pública primária no Brasil

Como este texto refere-se ao ensino primário, destacamos aqui a escola primária graduada definida por Rosa Souza (2014) é composta por uma mesma classificação de alunos, várias salas de aulas e vários professores, sendo muito estudada na história da educação no

Brasil. Essa escola primária chamada de Grupo Escolar, segundo Rosa Souza (2014), foi implantada pela primeira vez no estado de São Paulo em 1893 neste mesmo ano, afirma Rosa Souza (2014, p.105) que "a partir da reunião de escolas isoladas agrupadas pela proximidade, ficando obrigados a adotar o tipo de organização e método de ensino das escolas-modelos do estado". Este é um modelo de organização da educação que visava atender muitas crianças, com novos métodos e com uma professora com melhor qualificação, assim como ocorria em outros países, conforme Rosa Souza (1998, p. 21):

> De fato, no final do século XIX, a universalização do ensino primário era um fenômeno consolidado em muitos países europeus e nos Estados Unidos da América. No bojo desse processo, e escola primária foi "(re)inventada: novas finalidades, uma outra concepção educacional e uma outra organização do ensino. O método individual cedeu lugar ao ensino simultâneo; a escola unitária foi, paulatinamente, substituída pela escola de várias classes e vários professores, o método tradicional cedeu lugar ao método intuitivo, a mulher encontrou no magistério primário uma profissão, os professores e professoras tornaram-se profissionais da educação.

Rosa Souza (1998) mostra-nos que o século XIX foi o pano de fundo da experimentação e construção de escolas graduadas, que deram uma estrutura coerente, duradoura e adequada para a popularização do ensino. A crença de que a escola tem o poder de ser moralizada, civilizada e de consolidar a ordem social foi difundida de maneira incomum na época e tornou-se a base ideológica para a formação do sistema nacional de educação. Nesse sentido, o estabelecimento de uma nova organização racional de ensino com o objetivo de ensino simultâneo foi um enorme desafio e demanda básica para a difusão da educação em massa.

O método intuitivo abordado pelos grupos escolares tinha como objetivo substituir o método tradicional e ficou conhecido também como lições de coisas, Rui Barbosa defendeu esse método assim como relata Saviani (2014, p. 27):

> Rui Barbosa foi um grande defensor desse método, cujos princípios e fundamentos foram por ele se sistematicamente apresentados em seus célebres Pareceres, culminando com a tradução do livro de Calkins sobre as lições de coisas, que é a essência do método intuitivo. Caetano de Campos foi um entusiasta desse método e por ele se guiou na organização das escolas-modelo e dos grupos escolares.

Rosa Souza (1998) nos mostra que tal afirmação pela visão dos críticos implica princípios diferentes da lógica dominante nos métodos tradicionais. Este método baseia-se na aprendizagem baseada na memória e na repetição, incluindo métodos dedutivos de

conhecimento, segundo Pestalozzi do simples ao complexo ou do geral ao especial. Segundo Rosa Souza (1998, p.27), “o método intuitivo difundiu-se amplamente pela Europa na segunda metade do século XIX quando o movimento de renovação pedagógica entrou em sua fase ativa tornando-se nova tendência norteadora do ensino especialmente no nível primário”.

É importante abordarmos também aqui a questão do tempo escolar que se transformou ao longo do tempo e que direcionou nas modificações dos programas de ensino, bem como suas atividades, dessa maneira, o uso do tempo é outro aspecto extremamente importante nesse contexto, uma vez que contribuem para alteração de novos métodos e recursos pedagógicos, segundo Faria Filho e Vidal (2000, p. 20):

> Nesse sentido, não é de estranhar que a essa distribuição e utilização diária do tempo nas escolas, da primeira metade do século XIX correspondesse um diminuto “programa” de ensino. Tais programas em sua extensão e profundidade, eram muito diferentes daqueles elaborados nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX. As mudanças nos programas acompanharam, pari passu, as mudanças ocorridas nas formas de organização e uso do tempo escolar, as quais, por sua vez, guardaram estreitas relações com desenvolvimento dos métodos e materiais pedagógicos e com a construção de espaços escolares.

Segundo Rosa Souza (1998), as escolas isoladas ainda eram a base dos projetos de modernização do ensino primário, que, paradoxalmente, incorporaram a maior parte dos conceitos de inovação e difusão educacional dos países europeus e dos Estados Unidos. É observado uma crescente difusão de ideias sobre a organização do ensino e dos métodos dentro das escolas graduadas tendo relação com o momento de renovação que adentrava no Brasil.

Devido às condições extremamente instáveis da educação pública e à falta de recursos financeiros do país para esse setor, esse modelo é considerado muito oneroso. Como nos mostra Rosa Souza (1998, p. 34):

> Eram precárias as condições do ensino público na Província de São Paulo em todo o Império durante o século XIX. Havia poucas escolas providas funcionando em salas impróprias com insuficiente mobiliário e materiais didáticos; a maior parte dos professores eram leigos e recebiam parcos salários. O desinteresse do poder público pela educação elementar era desolador o que explica o florescimento das escolas particulares em todos os níveis de ensino.

Tal crescimento se observava pela precariedade encontrada nas escolas públicas já existentes. Faria Filho e Vidal (2000) diz-nos que as escolas funcionavam em espaços temporários como igrejas, escritórios da prefeitura, saguões de entrada de edifícios da

maçonaria, edifícios comerciais ou a residência do proprietário (o próprio mestre), que às vezes recebia ajuda para pagar o aluguel.

Particularmente no século XIX, destaca-se a necessidade da construção de edifícios específicos para a escola pensando assim numa ação educativa eficaz e comprometida com crianças, espaços esses que não comprometessem as estruturas espaciais da família, a igreja e demais grupos sociais. Sobre os grupos escolares, Faria Filho e Vidal (2000, p. 25) destacam como escolas-monumentos:

> Monumentais, os grupos escolares, na sua maioria, eram construídos a partir de plantas-tipo em função do número de alunos em geral 4, 8 ou 10 classes, em um ou dois pavimentos, com nichos previstos para a biblioteca escolar, museu escolar, sala de professores e administração. Edificados simetricamente em torno de um pátio central ofereciam espaços distintos para o ensino de meninos e meninas. A divisão formal da planta, às vezes, era acrescida um muro, afastando rigidamente e evitando a comunicação entre os dois lados da escola. Esses prédios tinham entradas laterais diferentes para os sexos. Apesar de padronizados em planta, os edifícios assumiram características diversas, sendo-lhes alteradas as fachadas

Rosa Souza (1998) mostra-nos aqui que a escola graduada possui vantagens pedagógicas e econômicas, indo assim ao encontro ao projeto político de abrangência da educação popular. Agrupar o maior número de crianças em um mesmo edifício escolar resultaria na economia de gastos e ajudaria no controle. Sendo assim, nos centros mais populosos seria mais fácil a implantação desse tipo de escola com a finalidade da escolarização em massa.

> A criação das escolas centrais é colocada como questão simples e decorrente do processo de reforma bastando reunir em um só prédio as escolas já existentes em uma localidade. Dessa forma, foram criados os grupos escolares por via de um artifício legal, segundo o qual, havendo mais de uma escola no raio de obrigatoriedade escolar, o governo poderia autorizá-las a funcionar em um só prédio. A denominação grupo escolar foi preferida a “escola centrais” ratificando sentido mesmo da reunião de escolas, e aparece um ano depois no regulamento da instrução pública (ROSA SOUZA, 1998, p. 45).

Ao falarmos sobre grupos escolares no Piauí, apontamos o Regulamento Geral da Instrução de 1910, que reforma a instrução pública, no estado em seu artigo 6º:

> O ensino deverá seguir tanto quanto possível o método intuitivo, servindo o livro apenas de auxiliar, de acordo com os programas minuciosos desenvolvidos. A instrução moral e cívica não terá curso especial, mas ocupará constantemente e no mais alto grão a atenção dos professores (PIAUHY,1910).

De acordo com o “Regulamento Geral do Ensino” de 1910, o ensino público do Estado tinha como objetivo desenvolver uma educação que promovesse o lado intelectual, moral e cívico, a fim de proporcionar às crianças um bom senso de responsabilidade social. Para isso, deveria ser sempre usado o melhor método. Por necessitarem de instalações especiais adequadas, a constituição do grupo escolar não aconteceu de imediato. O grupo escolar era uma entidade moderna e, para isso, necessitava de um professor que fizesse jus a esse processo de modernização.

Santos (2019, p. 30) reforça ainda que:

> A inserção dos grupos escolares nas redes urbanísticas do Estado foi ocorrendo de forma lenta, uma vez que os grupos escolares caminharam paralelamente com as Escolas Isoladas, Escola Modelo e as Escolas Reunidas. Enquanto nos interiores piauienses, entendidos aqui como zona rural, o ensino primário público continuou entregue ao comando de professores que utilizavam as suas residências para recepcionarem os alunos diariamente.

Vale ressaltar que, de acordo com a Lei nº 8529 de 2 de janeiro de 1946, a Lei Orgânica da Educação Primária mantém os grupos escolares como instituições de ensino primário. No tocante à adaptação do Sistema de Ensino Primário do estado do Piauí, destacamos o Decreto-Lei nº 1.306 de 02/09/1946 adaptando assim a Lei Orgânica do ensino primário citado anteriormente. Frisamos que o ano escolar teria duração de 10 meses, sendo dividido em dois períodos, e as férias seriam fixadas adaptando-as aos costumes locais.

Outra lei importante e que faz parte do nosso recorte temporal de estudo foi a Lei nº 4.024 de 20/2/1961, que estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Nesta lei, os tipos de estabelecimentos que poderiam oferecer a instrução primária não ficavam mais estabelecidos, apenas reforçava o desenvolvimento das crianças no âmbito do raciocínio e das expressões artísticas, sendo ministrado em quatro séries por ano.

Após a criação desta lei, destacamos o regime militar que começou com um golpe em 1964, que derrubou o governo de João Goulart, e continuou até 1985, ano em que José Sarney assumiu a presidência. Nesse período, o país contou com seis presidentes militares eleitos por eleições indiretas (povo não tem o poder de escolha), dos quais três foram eleitos pela Assembleia Nacional e três eleitos pelo Colégio Eleitoral.

Considerando a importância de fazer um balanço sobre estudos de instituições escolares no Piauí, traremos nesta sequência um quadro que fará referência alguns trabalhos produzidos sobre instituições escolares e que serviram como embasamento para a realização desta pesquisa e escrita desta dissertação. Os referidos trabalhos possuem como foco de

estudo os grupos escolares, ensino primário e cultura escolar; os trabalhos que seguem foram aqui elencados e utilizados principalmente por fazerem parte, em sua maioria, de produções da pós-graduação em educação da UFPI, ou de trabalhos que abordaram, de alguma maneira, a temática de estudo desta dissertação e que foram relevantes à esta produção.

Quadro 2: Trabalhos sobre Grupos escolares

AUTOR	TÍTULO	TIPOLOGIA	ANO	INSTITUIÇÃO
Antônio de Pádua Carvalho Lopes	Superando a Pedagogia sertaneja: Grupo escolar, Escola normal e modernização da escola primária pública piauiense (1908-1930).'	Tese	2001	UFC
Jane Bezerra de Sousa	Picos e a consolidação de sua rede escolar: do grupo escolar ao ginásio estadual	Dissertação	2005	UFPI
Welbert Feitosa Pinheiro	De Tamboril a Isaías Coelho: A Educação dos Mestre-Escola ao Grupo Escolar (1935-1970	Dissertação	2007	UFPI
Maria do Amparo Holanda da Silva	História e Memória das Primeiras Instituições Escolares de José de Freitas-PI (1928 – 1971)	Dissertação	2012	UFPI
Amada de Cássia Campos Reis	História e Memória da Educação em Oeiras-Piauí	Dissertação	2006	UFPI
Ana Maria Gomes de Sousa Martins	A formação de professores primários no Piauí: entre as apropriações e mudanças decorrentes da lei orgânica do Ensino Normal	Tese	2016	UFPI
Elisangela Maria da Silva	Grupo Escolar Padre Delfino (1958-2016) – História e Memória.	Dissertação	2018	UFPI
Nayane Sousa Santos	Organização e funcionamento do Grupo Escolar Franco Rodrigues (1968 – 1973): apontamentos sobre a cultura escolar	Dissertação	2019	UPE

Maria do Socorro Pereira de Sousa Andrade	A geografia nos grupos escolares no Piauí: currículo, prática educativa e cultura escolar (1927-1961).	Tese	2019	UFPI

Fonte: Quadro produzido pela autora, com base nas teses e dissertações consultadas, 2021.

A leitura dos trabalhos acima possibilitou inúmeras reflexões sobre o processo de implantação e organização dos Grupos Escolares no Piauí e apontamos que esse tipo de escola no nosso estado se consolidou de forma organizada do ponto de vista do tempo, espaço e geralmente bem localizadas na cidade como um símbolo de modernidade. Por isso estavam geralmente em prédios próprios, bem planejados e arejados. Os edifícios eram considerados majestosos na área urbana, as transformações do tempo e espaço escolar levaram para o desenvolvimento de uma nova cultura com programas mais abrangentes e a necessidade da profissionalização docente.

Rosa Sousa (1998, p.59) destaca a importância dos grupos escolares para a história da escola primária brasileira:

> Por mais de sete décadas, os grupos escolares constituíram modelo predominante de escola elementar no Brasil. Nesse período, essas instituições educativas consagraram uma cultura escolar, determinadas maneiras de praticar e conceber o ensino e forjaram identidades profissionais vinculados ao magistério primário. Apesar de sua extinção nos meados da década de 1970, eles deixaram uma herança inalterada. Os princípios básicos de organização administrativa e pedagógica das quatro primeiras séries do ensino fundamental permanecem os mesmos, assim como as suas promessas e fracassos. Revisitar a origem desse modelo centenário é uma forma de participar dos debates sobre os rumos da Educação na sociedade global mostrando o caráter histórico e arbitrário da escola e por isso, contingente.

Deixamos aqui a reflexão a respeito dos enfrentamentos para consolidação da escola primária em nosso país. Desafio árduo que nos leva a pensar nas diferentes culturas existentes dentro do âmbito escolar, bem como na prática desenvolvida nesses estabelecimentos de ensino.

2.2 Picos: a cidade modelo em desenvolvimento (1950 - 1970)

Falar da história de um povo obriga-nos a pensar na conservação da memória deste povo, contribuir para que tudo que for lembrado e contado fique registrado de alguma forma. E, ao historicizar uma cidade, conseguimos retratar o cotidiano, as emoções, a vida privada, reforçando que toda cidade possui sua história e que aqui iremos reconstituir a história da cidade a qual o Grupo Escolar que pesquisamos encontra-se localizado, a cidade de Picos.

A cidade de Picos, no estado do Piauí, encontra-se localizada a 306 km da capital Teresina, sendo o principal entroncamento rodoviário deste estado e o segundo da região Nordeste do país. A cidade está rodeada de montes picosos, montes estes que provavelmente deram o nome à cidade. Picos localiza-se à margem direita do rio Guaribas e seu povoamento deu-se mediante a vinda de compradores de cavalos oriundos dos estados vizinhos, Pernambuco e Bahia.

Imagem 2: Mapa da cidade de Picos, destacando também a capital Teresina



Fonte: Piauí (1975)

Destacamos, no período de povoamento (1754), a figura do vaqueiro pela predominância das fazendas na região; neste mesmo ano Antônio Borges Marinho edificou uma capela num local que hoje corresponde à cidade de Bocaina. A cidade de Picos ergueu-se freguesia (Nossa Senhora dos Remédios) no ano de 1851 e em 20 de dezembro de 1855 foi elevada à categoria de vila. No ano de 1859, destacamos o nome do português vindo da Bahia, o senhor Félix Borges Leal, que instalou a fazenda Curralinho às margens do rio Guaribas, sendo elevada enfim a cidade em 12 de dezembro de 1890, data comemorada até hoje como aniversário da cidade, perfazendo assim 130 anos de emancipação (SOUSA, 2019).

No que se refere à educação deste período do povoamento Sousa, (2019, p. 80) diz-nos que:

> A educação informal que formava o vaqueiro, se dava através da imitação da rotina do dia- a- dia, das atividades do pastoreio, numa sociedade em que a criação de gado e agricultura de subsistência eram os principais meios de sobrevivência. Nesse momento, a preocupação com o saber ler e escrever era superada pela necessidade e pelo desejo do aprendizado do trabalho cotidiano.

Sousa (2019) mostra-nos ainda que outros professores naquele período eram os mestres em escolas ambulantes, pessoas da própria comunidade que sabiam ler, escrever, contar, comprometidas com o ensino dessas habilidades. As aulas eram ministradas em casas alugadas ou casas de estudantes, sem livros, com móveis fornecidos pelos próprios alunos, sendo o chão frequentemente o local utilizado para escrever. Muitas vezes, impunham-se penalidades para aqueles que não aprendessem a lição, sendo aplicada à palmatória. Por meio desses procedimentos, não apenas se acreditava no efeito desse método de ensino, mas também se tentava manter a autoridade.

Ressaltamos ainda que os mestres-escolas recebiam pagamento feito pelos pais dos alunos, que acompanhavam o processo. No entanto, aos poucos os mestres-escolas iam desaparecendo por conta da chegada de professoras públicas enviadas pelo Estado. Segundo Vieira (2002, p. 46):

> A tradição oral aponta Ana Clara De Lima e Castro como a primeira professora formada que exerceu o magistério na Vila dos Picos. Esse fato pode ser confirmado a partir das informações contidas em documento datado de 1894, em que o presidente do Conselho Municipal da cidade de Picos, Coriolano de Carvalho e Silva, quais os professores que estavam exercendo o magistério na respectiva cidade “ao actuais professores desta cidade são do sexo feminino, D. Ana Clara de Lima Castro, diplomada pela extinta escola normal e nomeada pelo presidente desta província em 11 de março de 1886”.

Vieira (2002, p. 61) mostra-nos também a criação de uma vaga para professor Público Municipal no ano de 1900, na cidade de Picos:

> O orçamento revela, ainda, que as aulas custeadas pelo município seriam desenvolvidas na povoação de Jenipapo (atualmente a cidade de Itainópolis). Embora não se encontrem no orçamento de 1894, referências aos ordenados professores públicos, subsidiados pelos cofres do Estado. Acredita-se que as aulas patrocinadas pelo governo estadual tenham continuado a existir, ficando o município com duas escolas estaduais, localizadas na sede do município, uma para cada sexo e uma municipal, uma funcionando no povoado Jenipapo.

E assim perdurou por um longo tempo essa situação em solo picoense, até a implantação do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, em 1929. Lembrando que mediante o descaso do poder público com a educação muitas escolas particulares se incumbiram de

ensinar as primeiras letras. Antes da inauguração do GECR existiam várias escolas particulares. A este respeito Jane Sousa (2005, p. 24) nos diz que:

> Prota implantou o Ginásio Gonçalves Dias, lecionando sozinho para turmas de 1ª. a 5ª. série, chegando a ter 65 alunos matriculados. Outras escolas particulares do período foram o Instituto Coelho Rodrigues de propriedade de Mário Martins (aluno de Francisco Prota), fundado em 1921, que funcionou sob regime de internato para jovens do sexo masculino, e o Colégio Felisberto de Carvalho, do professor Miguel Lidiano, que era uma escola mista. Havia ainda a escola de Quirino Pereira Nunes, a de Zezé Eulálio e a de Ulisses Rocha, que ensinavam a ler, escrever e contar (SOUSA, 2005, p. 24).

Percebemos assim a desassistência do setor público em nossa Estado e, principalmente, na cidade de Picos, com a criação dessas escolas particulares, no início do século XX, uma vez que nem toda família tinha condição econômica para colocar os filhos em estabelecimentos dessa natureza.

Em relação às escolas particulares, elas encontram-se presentes na memória dos sujeitos participantes dessa pesquisa, sujeitos estes que estudaram ou trabalharam no Grupo Escolar Coelho Rodrigues no período compreendido entre 1954 e 1971. Uma dessas pessoas que estudou no grupo lembra as escolas que já existiam na época: “Ginásio Estadual Picoense, Escola Municipal Landri Sales, Instituto Monsenhor Hipólito, Escola Santa Teresinha. As duas últimas da rede particular de ensino” (ALUNA de 1959, 2021). Outra aluna recorda: “As escolas privadas que tinham eram o IMH, Instituto Monsenhor Hipólito e a Escola de Dorinha Xavier; as públicas, fora o grupo, eu não lembro” (ALUNA de 1966, 2021). Abaixo, podemos observar as escolas de ensino primário da rede privada que atuavam em Picos no recorte desta pesquisa.

Quadro 3: das escolas de ensino primário da rede particular de Picos (1954-1971)

Escola	Ano	Turno
Instituto Monsenhor Hipólito	1944	Diurno
Instituto Rui Barbosa	1945	Diurno
Escola Santa Teresinha	1950	Diurno
Instituto Padre Anchieta	1963	Diurno
Escola Machado de Assis	1963	Diurno

Fonte: Quadro produzido pela autora (2021), baseado na *Revista piauiense de municípios* (1955) e Sousa (2019).

Utilizando ainda da fala dos sujeitos participantes, podemos conhecer melhor como era cidade de Picos no recorte temporal já citado. Na memória da aluna de 1959:

> Uma cidade pequena, pacata, quase não havia roubos, homicídios, qualquer forma de violência, podia-se sair a qualquer hora, inclusive à noite, sem

> maiores preocupações. Não havia água encanada, o abastecimento era, em parte, do rio Guaribas; as pessoas de mais posses, compravam dos olhos d'águas existentes nas proximidades. A luz elétrica só permanecia entre as 18 e 23 horas. Os postes eram de madeira, com lâmpadas amarelas. O arroz, o café, o sal, o milho para o fubá era processado manualmente em um pilão. Apesar de tudo, as pessoas tinham mais tempo para se confraternizar, conversar, partilhar amizades com a família, os vizinhos, os amigos (ALUNA DE 1959, 2021).

Os poetas e escritores da época em estudo descreviam em seus poemas o encanto e amor que sentiam por sua terra natal, trazendo nas linhas, as serras, morros e o município modelo, como podemos observar no poema que segue:

Imagem 3: Poema de Sousa Libório sobre a cidade de Picos



PICOS

Sousa Libório

Municipio modêlo que fulgura,
Na constelação plauiense, oh terra amada,
Em te esmerou se a mistica natur..
Que te elevou à fama cobiçada.

Picos, eldorado de encanto, de doçura..
Os campos teus, qual selva aveludada,
Quão românticos de grande formosura,
As tuas sérras em noite enluarada.

Lindos gorgeios canta a passarada
Nos teus morros saudosos refulgentes
Quais bandos harmônicos em revoada.

Teus roçados então impregnados..
De fragrâncias em céus alvinitentes,
Meu torrão natal e dos meus antepassados.

Fonte: Jornal *O Dia*, 7 de Junho de 1970 (Arquivo Público do Estado do Piauí)

Uma cidade aconchegante e que tinha o desenvolvimento econômico, educacional e cultural a ser conquistado num futuro próximo. A fundação da Escola Normal nos anos 1960 possibilitou a formação de professores no próprio município sem que fosse necessário o deslocamento para outras cidades, além disso nos anos 1970 foi marcante as novas instalações do Ginásio Estadual Marcos Parente. A chegada do 3º BEC e Indústrias Coêlho mudariam o cenário da cidade, todos esses aspectos marcados na memória, como apresentamos abaixo:

> Um tempo de desenvolvimento do setor agrícola, com as culturas de milho, feijão e algodão. O rio Guaribas corria caudaloso e se destacavam as grandes vazantes de plantação de alho e outras culturas de subsistência. Um período também frutífero no setor educacional; ainda na década de 50, a população celebrou festivamente a formatura da primeira turma do Ginásio Estadual Picoense. Até então, a juventude tinha que se deslocar para outras cidades a fim de concluir esse estudo. Nos anos 60, sob a gestão do picoense Helvídio

> Nunes de Barros, à época governador do Estado, foi criada e entregue à população a Escola Normal Oficial de Picos, um marco para a cidade, oferecendo maiores oportunidades para as mulheres. No decênio de 1970, foi inaugurada as novas instalações do Ginásio Estadual Marcos Parente; com o solo fértil, multiplicaram-se as construções dos poços artesianos, oferecendo a todos água em abundância. Chegaram a Picos o 3° Batalhão de Engenharia de Construção e as Indústrias Coelho, movimentando a economia e gerando emprego e renda para a cidade (ALUNA de 1959, 2021).

Um dos nossos entrevistados também falou de como era cidade de Picos no recorte de nossa pesquisa. Ele nasceu na referida cidade a 15/02/1958 e começou seus estudos em 1969 no Grupo Escolar Coelho Rodrigues. Sobre a cidade ele nos contou:

> Eu me lembro de Picos na época dos meus 7 anos. Quando eu era menino, a gente morava ali na rua Boa Sorte perto do rio, lembro das brincadeiras de criança brincando, banhando no rio a água era bem limpa. Eu lembro muito do sino da igreja porque era a partir dele que a gente sabia o horário das refeições, a cidade de Picos era muito diferente do que é hoje, tinha muito espaço muito lazer, me lembro até de um parque que ficava na praça, era um parque permanente (ALUNO DE 1969, 2021).

Na sua fala, o mesmo aluno de 1969 destacou uma localidade da cidade de Picos:

> Aqui do lado do Canto da Várzea onde mora agora só era roça, tinha um riacho chamado Riacho dos Macacos. As poucas pessoas que moravam para cá pegavam água no poço jorrante que ficava na casa de seu Celso Eulálio, que hoje já é falecido. Com o tempo a Agespisa fez um chafariz que ficava localizado onde hoje é a loja da Jota Construções, ali na Avenida Nossa Senhora de Fátima, me lembro bem de tudo, pois quando viemos da rua em 1965 aqui para o canto da Várzea foi bem na época em que começaram a limpar as roças para começar a construção, em 1967, do quartel da Polícia que foi inaugurado em 1972. O comandante da época era o comandante Major Bonfim Caldas. Eram tempos difíceis, não tinha energia. A energia que tinha era lá para a rua que era gerada na usina que ficava na Rua São Benedito, a energia também só era até 10 horas da noite, depois já não tinha mais energia. A pessoa que trabalhava lá era o Senhor Pedro, chamado Pedro da Usina, que também é da minha família, meu tio. (ALUNO DE 1969, 2021)

No tocante aos estudos, o aluno de 1969 disse-nos em que instituições estudou com os referidos anos, deixando explícitas as dificuldades enfrentadas para conseguir estudar.

> Comecei a estudar em 1969 no grupo Escolar Coelho Rodrigues, localizado na praça Josino Ferreira, no primeiro ano A. Fiz o meu primário até o terceiro ano no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, no quarto ano eu fiz à noite na escola Municipal Landri Sales, aí em 1974. Depois fui para o primeiro ano ginasial, naquela época já passava direto para o Ginásio, não tinha mais o exame de admissão. O Ginásio já fiz no Marcos Parente à noite em 1975 e em 1976 começou o chamado esquema que a gente fazia dois anos em um. Em 1977, eu terminei o ginásio e em 1978 iniciei o meu científico numa escola que ficava na Avenida Getúlio Vargas, que tinha

> como diretora Dona Zizi. Estudei apenas 4 meses, pois adoeci de hepatite, nessa época tive que desistir. Retornei em 1979, aí peguei e desisti, não terminei. Retornei em 1980 novamente, tudo isso ainda no primeiro ano do científico. Nesse ano foi o ano em que quebrei a minha perna, desisti novamente e em 1981 consegui terminar o primeiro ano científico. Aí em 1982 fui para o segundo ano, aí foi o tempo que passei para o terceiro ano, só que aí comecei a trabalhar na Indústria Coelho e também desisti, aí não voltei mais a estudar (ALUNO DE 1969, 2021).

A dificuldade encontrada pelo nosso entrevistado remete-nos a muitas histórias de superação para conseguir estudar naquele período na cidade de Picos. Observamos que, além do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, já existiam outras escolas de ensino primário tanto municipais como estaduais, tanto na zona urbana como na zona rural. Isso nos mostra os quadros abaixo:

Quadro 4: Escolarização primária no Piauí e em Picos - Censo de 1950

Especificação	**Piauí**	**Picos**
Pessoas presentes de 7 a 14 anos	230.879	12.571
Unidades escolares de ensino fundamental comum	574	16
Matricula geral no ensino fundamental comum	46.155	1.255

Fonte: IBGE (1950)

Neste quadro, percebemos como ainda eram poucos os estabelecimentos de ensino fundamental comum para um contingente de mais de 12 mil crianças entre a faixa etária dos 7 a 14 anos na cidade de Picos, sendo que bem menos de 2 mil crianças de fato frequentavam o referido grau de ensino.

Quadro 5: Das escolas de ensino primário da rede municipal em Picos (1954-1971)

Escolas	**Ano**	**Rural**	**Urbano**	**Lei**
70 escolas (relacionadas ao professor)	1950	Diurno		Sem lei específica
Landri Sales	1966		Diurno	Lei nº 655 de 17 07/1967
José Eulálio	1967		Noturno	Lei nº 655 de 17 07/1967

Fonte: Produzido pela autora (2021), baseado na legislação municipal do período em estudo.

Aqui, no quadro 5, percebemos como existiam várias escolas distribuídas nas localidades rurais, reforçando que nem sempre havia de fato o prédio onde funcionava a escola, geralmente o professor era que se deslocava até as residências dos alunos. Na zona urbana, com o Grupo Escolar Coelho Rodrigues, tínhamos também o Landri Sales, estes

durante o dia. Destaca-se a importância de uma escola de ensino primário noturno, possibilitando o acesso daqueles que não tinham condições de estudar durante o período diurno.

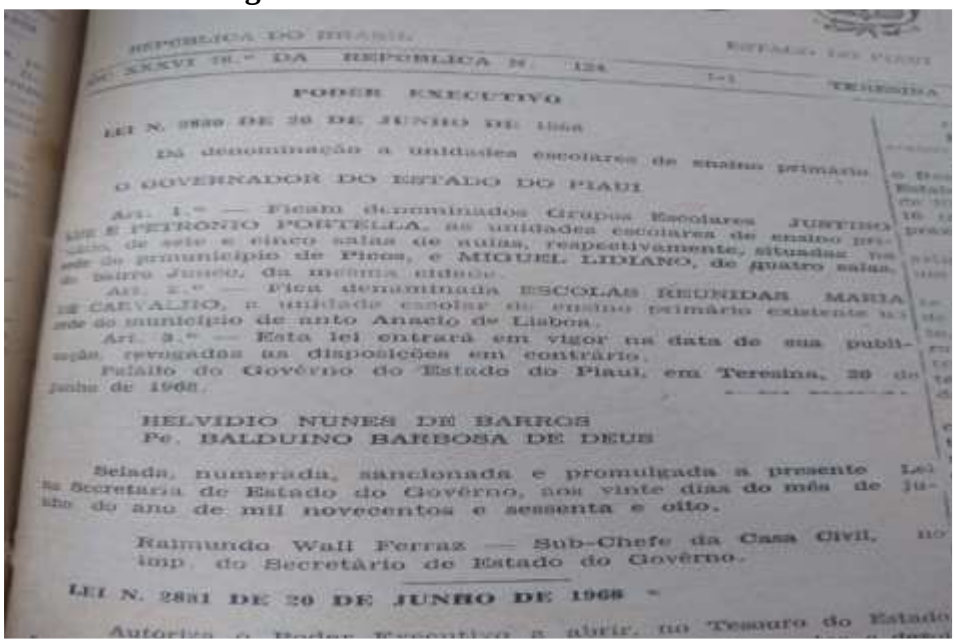
Quadro 6: Das escolas de ensino primário da rede estadual zona urbana de Picos (1954-1971)

Escola	Ano	Turno	Lei
Justino Luz	1963	Diurno	Lei 2.880 de 20/06/1968
Miguel Lidiano	1964	Diurno	Lei 2.880 de 20/06/1968
Coronel Fcº Santos	1971	Diurno	Lei não encontrada no decorrer da pesquisa

Fonte: Produzido pela autora com base na lei 2.880 de 20/06/1968 e entrevistas realizadas (2021)

Neste quadro, apresentamos a contribuição do governo estadual em expandir o ensino primário na cidade de Picos, ajudando assim na criação de mais vagas, pois com o tempo a procura pela modalidade crescia. Buscava-se contemplar também aqueles que só podiam estudar no período noturno. Abaixo, segue a página do Diário Oficial do ano de 1968, que dá a denominação de grupos escolares a esses estabelecimentos de ensino primário.

Imagem 4: Lei nº 2.880 de 20/06/1968



PODER EXECUTIVO

LEI N. 2880 DE 20 DE JUNHO DE 1968

Dá denominação a unidades escolares de ensino primário

O GOVERNADOR DO ESTADO DO PIAUI

Art. 1.º — Ficam denominados Grupos Escolares JUSTINO LUZ E PETRÔNIO PORTELLA, as unidades escolares de ensino primário, de sete e cinco salas de aulas, respectivamente, situadas no bairro Junco, da mesma cidade.

Art. 2.º — Fica denominada ESCOLAS REUNIDAS MARIA DE CARVALHO, a unidade escolar de ensino primário existente no município de Anto Anacleto de Lisboa.

Art. 3.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Govêrno do Estado do Piauí, em Teresina, 20 de junho de 1968.

HELVIDIO NUNES DE BARROS
Pe. BALDUINO BARBOSA DE DEUS

Selada, numerada, sancionada e promulgada a presente Lei na Secretaria de Estado do Govêrno, aos vinte dias do mês de junho do ano de mil novecentos e sessenta e oito.

Raimundo Wall Ferraz — Sub-Chefe da Casa Civil, no impedimento do Secretário de Estado do Govêrno.

LEI N. 2881 DE 20 DE JUNHO DE 1968

Fonte: PODER...(1968)/Arquivo Público do Estado do Piauí

No âmbito Estadual, destacamos a criação do Departamento de Educação e Saúde no ano de 1954. Dentro deste departamento existia o serviço de Inspeção no qual foram criados

15 inspetorias regionais, que tinham como figuras principais o inspetor primário e o supervisor escolar, sendo que o inspetor necessitava ser aprovado em concurso público e ter como formação mínima o Curso Ginasial, sendo este cargo regido pelo Decreto 1.438, publicado em 31 de janeiro de 1933.

No tocante aos Centro Regionais de Supervisão, a cidade de Picos era classificada como o 4º centro, abrangendo 22 municípios: Aroazes, Bocaina D. Expedito Lopes, Francisco Santos, Fronteiras, Itainópolis, Inhuma, Jaicós, Monsenhor Hipólito, Novo Oriente, Oeiras, Pio IX, Padre Marcos, Pimenteiras, Santa Cruz do Piauí, Santo Antônio de Lisboa, São Julião, São José do Piauí, Simões, Valença do Piauí.

No âmbito municipal, mais precisamente na cidade de Picos, destacamos o serviço da educação municipal criado pelo prefeito Dr. Oscar Neiva Eulálio em 1967, experimentando assim uma relativa expansão de sua rede física. Ao consultar a legislação municipal do período em estudo, podemos destacar a criação do prédio do Landri Sales, escola noturna Zezé Eulálio, o Colégio do povoado Torrões, o Colégio Borges de Sousa do povoado Umari, dentre outros. Destacamos como Secretária de Educação que tinha como designação Chefe do Serviço Municipal de Educação a senhora Maria do Socorro Neiva Eulálio.

É importante abordarmos aqui a relação entre a cidade e a escola para o melhor entendimento do cenário em que estava o Grupo Escolar Coelho Rodrigues, no recorte de tempo adotado. Ao falar da convivência na cidade de Picos entre os anos de 1954 e 1971, o entrevistado ficou emocionado segundo ele são tempos bons que não voltam mais e reforçou:

> A convivência era melhor possível, as pessoas se falavam, as pessoas dividiam as coisas que tinham. Por exemplo, quando se matava um porco, se dividia com os vizinhos. Lembro-me do finado seu Braz, casado com a finada dona Zefinha, ele tinha umas propriedades e aí no inverno ele mandava tirar as coisas que tinha para consumir e ainda dividia com outras pessoas. Ele doava pedacinhos de terra também para as pessoas produzirem alguma coisa. Era bom demais, tenho muita saudade! (ALUNO DE 1969, 2021).

Outro relato que nos chamou a atenção, que nos mostra com detalhes como era a cidade de Picos no recorte de nossa pesquisa, nos foi concedido por uma professora que lecionou no Grupo nos anos de 1967 a 1969. Aqui chamada de Esperança, é ela que nos relata:

> Picos era uma cidade pequena cujo contornos geográficos da cidade era da igreja do Sagrado Coração de Jesus aos correios, não tinha mais nada de um lado morro, que não tinha nenhuma casa, só uma casinha branca no morro do mestre Abraão. Na Aerolândia tinha umas 4 a 5 casas perto de seu

> Estevinho, que era Oficial de Justiça. Já existia o cemitério, para chegar ao cemitério ia pela Rua são Benedito, a rua dos comércios, aí quando chegava na BR, que era chamada de rodagem, aí acabava tinha uma casa do outro lado, que era o hotel de Neusa, uma senhora que se chamava Neusa era a proprietária e até chegar no cemitério era só roça. Uma cidade muito pequena (ESPERANÇA, 2021).

Nesta imagem que segue observamos a casa citada pela entrevistada em seu relato: a casa do mestre Abraão em cima do morro com vista para a Praça Felix Pacheco. Destacamos que essa casa fora construída após a grande enchente de 1960, que destruiu muitas casas e deixou muitas pessoas desabrigadas, sendo a pioneira para a expansão e construção de outras casas no decorrer do período de 1970, dando início assim a povoação da região dos morros, principalmente onde hoje fica localizado o bairro Aerolândia.

Imagem 5: A casa de mestre Abrãao



Fonte: Créditos da foto: Varão. Acervo pessoal de Cristina Varão

Na imagem abaixo, observamos a igrejinha do Sagrado Coração de Jesus, em Picos, uma vez que a religiosidade do povo também é destaque nas falas dos entrevistados. Podemos observar na imagem o momento em que as pessoas estão voltando para suas residências após a celebração de uma missa. Destacamos aqui que até a atualidade as celebrações realizadas nessa igreja são bem frequentadas pelos fiéis, principalmente no mês de junho, que é dedicado ao festejo do padroeiro, o Sagrado Coração de Jesus. Nesse espaço em que vemos as pessoas

se dispersando, encontra-se hoje uma pequena e bonita praça, local onde as pessoas se organizam para assistir às celebrações dos festejos.

Imagem 6: Igrejinha do Sagrado Coração de Jesus



Fonte: Créditos da foto: Varão. Acervo Pessoal de Cristina Varão

A professora Esperança contou-nos ainda que:

> Não tinha água encanada, chegou de fato no fim da década de 1960. A água que abastecia Picos era do Rio Guaribas e de dois olhos d'água que tinha aqui na região, chamado olho d'água dos Cabaços e olho d'água da Boa Vista. Quem ia buscar essa água levava o jumento para trazer, eu vi também homens indo buscar a água no rio com um pau sobre os ombros com duas latas de querosene, uma de cada lado cheias d'água (ESPERANÇA, 2021).

É interessante perceber que o desenvolvimento chegou aos poucos e que, na simplicidade da vida, as pessoas circulavam nos espaços sociais e fazendo amizades, destacando a cultura local. A aluna de 1959 relatou que Picos era "uma cidade pequena, pacata, quase não havia roubos, homicídios, qualquer forma de violência, podia-se sair a qualquer hora, inclusive à noite, sem maiores preocupações". A aluna de 1966 reforçou que:

> As famílias conversavam nas calçadas, tinha o catecismo no domingo, nas residências tinha as freiras que vinham para dar o catecismo as crianças. A convivência era boa, a gente ficava à vontade, a noite era escuro, a gente não podia sair à noite, tinha luz mas muito fraca e só até as nove horas da noite, tinha uns escuros, a gente tinha medo (ALUNA DE 1966, 2021).

No que diz respeito às sociabilidades e ao lazer do povo, destacamos nos relatos dois pontos de encontro muito importantes à época: a Praça Félix Pacheco e o Cine Spark. A aluna de 1959 disse, emocionada:

> A fé que nos impulsionava e nos unia e reunia na Igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios, participando das missas, das novenas, das procissões. Ainda ecoa em meus ouvidos o som inconfundível da retreta. A quadra de futebol, as peladas nos campinhos de chão batido, nos arredores da cidade; o rufar dos tambores dos carnavais no clube e nas ruas; o Picoense Clube, as tertúlias à noite e os matinais aos domingos; a Praça Félix Pacheco, lembrança do passeio, do coreto, dos encontros dos namorados, ponto principal de lazer, diversão, socialização, que sempre nos oferecia noites movimentadas, divertidas, coloridas, inesquecíveis; no entorno da praça, o Cine SparK, outro importante ponto de reunião entre os jovens, com sessões diárias. Aos finais de semana, apresentava à tarde e à noite. Fechos os olhos, retorno no tempo e ainda revejo cenas de "Dio, come ti amo" e "Os brutos também amam" (ALUNA DE 1959, 2021).

A cidade mostra-se acolhedora e vai aos poucos ganhando visibilidade entre as outras cidades do estado do Piauí. A professora Esperança lembra:

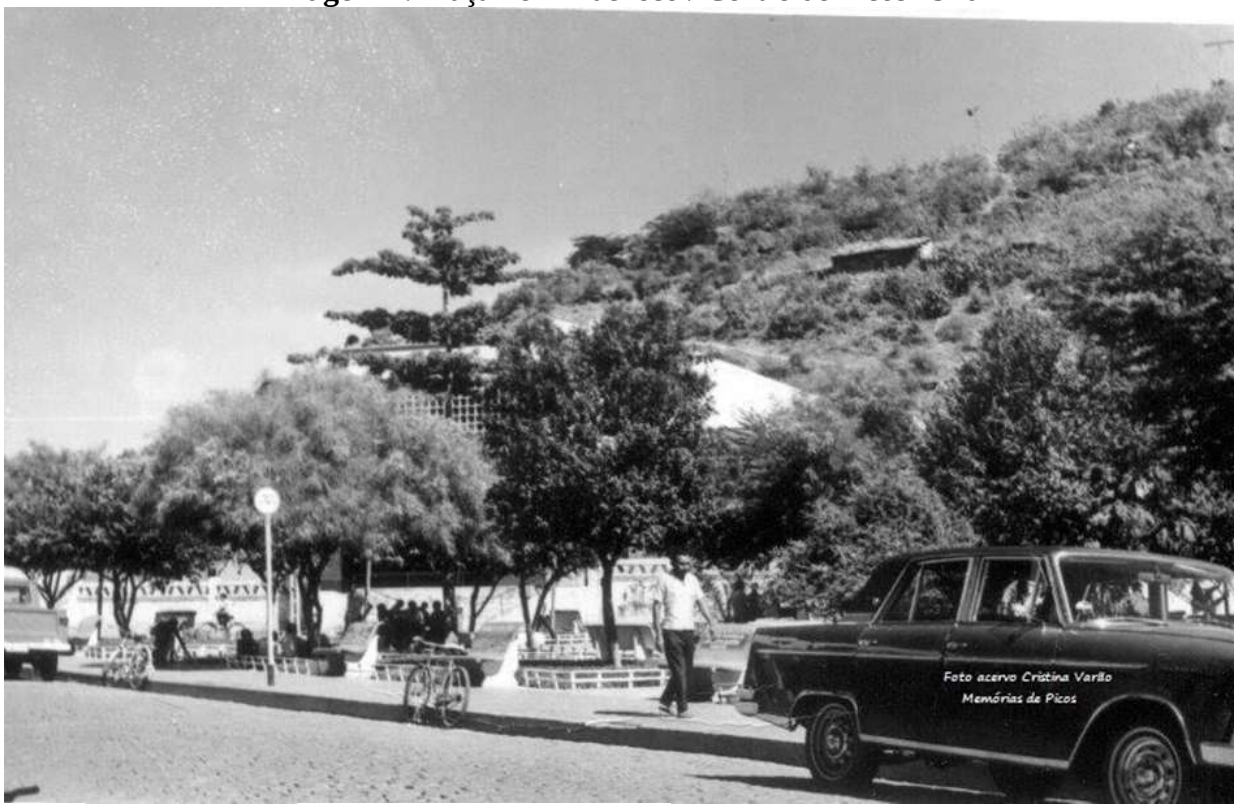
> O povo extremamente religioso, 95% da população era católica, os locais de divertimento era a praça Félix Pacheco inaugurada em 10/01/1942 por Adalberto de Moura Santos, Seu Bertinho, prefeito da época, era chamado Adalberto de Moura Santos num período que se chamou o período da ditadura da Era Vargas. Tinha também o Cine Spark, em agosto de 1964 foi inaugurado, da cidade todo mundo vinha aos domingos, tinha três seções, manhã para as crianças, de seis horas da noite e de oito horas da noite, tinha fila que ia lá na Prefeitura antiga, hoje Secretaria da Cultura na Praça Josino Ferreira. O Cine Spark era o local de lazer, o povo vinha muito, marcou a nossa geração (ESPERANÇA, 2021).

A professora Esperança contou-nos ainda sobre o lazer da Cidade de Picos à época, destacando jogos de futebol, bem como a presença de parques de diversões e circos que chegavam com frequência à cidade, atraindo muita gente.

> Outro ponto de lazer eram os jogos de futebol. Picos tinha bons times de futebol, competia muito com a vizinha cidade de Oeiras. De vez em quando chegava em Picos circos e parques. Os circos apresentavam peças teatrais. Os palhaços, às vezes de perna de pau, saiam nas ruas acompanhado pela criançada anunciando o circo, gritavam: Palhaço: "hoje tem espetáculo"? A criançada respondia gritando: "Tem, sim senhor", "Às 7 horas da noite"?

> "Tem, sim senhor". Os meninos que acompanhavam os palhaços tinham acesso gratuitamente ao espetáculo à noite. Esta era uma atividade só dos meninos. As meninas não acompanhavam os palhaços (ESPERANÇA, 2021).

Imagem 7: Praça Felix Pacheco / Centro de Picos 1970



Fonte: Créditos foto Varão. Acervo Pessoal de Cristina Varão

A estrutura da Praça Félix Pacheco no período de nosso estudo é muito bonita, sendo destaque por ser o principal ponto de socialização dos picoenses. Duarte (1995, p. 35) descreve a praça da seguinte forma:

> O passeio público e o paredão formavam um conjunto arquitetônico homogêneo e bonito. O jardim- que tinha área maior do que a atual continha todos os elementos próprios de uma praça com área de lazer e como espaço de socialização: coreto, poço artesiano, tanques, arborização de portes diversos canteiros, gramados, bancos. Os bancos, apesar de desconfortáveis, pois não tinham encosto, eram originais: constavam de uma pedra apoiada em dois suportes com formato de rostos de leões. Os postes iluminação eram feitos de ferro trabalhado e eram encimados por globos de vidro de cor leitosa. A iluminação do paredão era semelhante – o que contribuía para harmonia visual do conjunto -, porém os postes eram de tamanho menor que os da praça. Só havia dois tipos de vegetação no jardim: pés de figuinho (**Ficus benjamim**) e grama. Os pés de seguintes plantados na margem interior dos passeios laterais eram de porte grande e sombreados. Distribuídos pelos canteiros centrais da praça havia dezenas de pés de

> seguinte pequena estatura cuidadosamente podadas em forma de cubos esferas e cilindros

É importante a descrição do autor acima, mesmo que seja nos anos 1950, porque o nosso recorte temporal da pesquisa se inicia em 1954 e assim é possível vislumbrarmos como os espaços de sociabilidades eram constituídos naquele momento. Ainda sobre a praça Félix Pacheco, pudemos observar, no decorrer de nossas entrevistas, que a mesma é relembrada com saudosismo, sendo destaque o passeio das moças que era realizado nesta praça sempre por volta das 19:00 h dos sábados e domingos.

Outro ponto de socialização dos picoenses e que é destaque nas falas dos entrevistados é o Cine Spark, que se encontrava localizado do lado da praça Félix Pacheco, sendo que atualmente o prédio continua no mesmo local e encontra-se desalugado. Ressaltamos aqui que, antes mesmo da inauguração do Cine Spark, Picos contava com dois outros cinemas: o Cine Guarany e o Cine Ideal. Duarte (1995, p. 39) fala-nos a respeito desses cinemas e de outros pontos de socialização que se encontravam localizados no entorno da Praça Félix Pacheco:

> O casario fronteira à praça, no trecho que vai dar atual travessa Lourenço Pereira à travessa Urbano Eulálio representava uma extensa- para época- área de lazer constituída de bares e cinemas. Havia dois cinemas- o Cine Guarany, localizado na esquina da Travessa Lourenço Pereira, conhecida como beco da Praça, no prédio número 637 da praça Felix Pacheco e o Cine Ideal, que fazia parte de um complexo de diversões chamado de **Esquina Ideal** que inclui ainda a Sorveteria Ideal ocupando a área onde hoje funciona o Banco do Brasil. Entre os dois cinemas havia, além da sorveteria, quatro bares: Elite Bar, de Bartolomeu (Bertinho) de Oliveira; Bar Avenida, de Maria Rodrigues (conhecida como Maria Reinero ou Maria do Bar, sobre quem voltarei a falar mais adiante); Bar Social, de Antônio (Toinho) Alves Feitosa; Bar de Pipoca toca assim conhecido pelo apelido do seu proprietário. Funcionava ainda no beco da Praça o Estrela Bar, de Luiz Rodrigues dos Santos.

A professora entrevistada por nós, que trabalhou no Grupo Escolar Coelho Rodrigues nos anos de 1968 e 1969 e será chamada de Girassol, disse-nos a respeito de Picos com um tom de saudosismo e muito emocionada que:

> Antes de ser professora, eu já era habitante de Picos, vivi minha infância e adolescência na cidade de Picos. Era uma cidade muito pequena, uma cidade muito calma. A gente conhecia as pessoas. Se chegasse alguém de fora, todo mundo sabia. As famílias eram interligadas. Picos era urbana e rural e tinha uma forte ligação entre os habitantes da zona urbana e zona rural. A gente ficava nas calçadas, as famílias se encontrando, as crianças brincando nos espaços. Era uma liberdade. As famílias ajudavam umas às outras no

> cuidado com as crianças. A parte urbana da cidade de Picos se estendia da Igrejinha do Sagrado Coração de Jesus até ali, onde é os Correios. As casas, as residências ficavam por ali. Partia-se depois para a zona rural (GIRASSOL, 2021).

Podemos perceber na fala da professora sua paixão pela cidade e Picos, os detalhes com que nos contava sobre a convivência de Picos e dos espaços de socialização. Disse a professora Girassol:

> Picos sempre teve um comércio bom para a época. Ele era muito voltado para os produtos agrícolas. Era um comércio atuante. As casas eram simples, coladas umas nas outras. Eram poucas casas que se destacavam, chamavam de bangalozinhos, um aqui, outro acolá. Tinha a Praça Félix Pacheco, um local muito forte de socialização. As crianças brincavam por lá. A juventude ia dançar. Tinha um Coreto. Lá os jovens se encontravam à noite e os adultos todos por perto. Alguns bares em frente. As festas religiosas também eram espaços de socialização (GIRASSOL, 2021).

Em relação ao consumo de energia e de água pela população picoense, a professora relatou-nos com riqueza de detalhes como as pessoas utilizavam tanto a energia quanto água que lhes eram disponíveis. Diz-nos ela:

> **A energia**, por volta das 9 horas da noite, dava um sinal, um pisca (acendia e apagava) para quem estivesse na rua voltar para casa e apagava. Depois ficava tudo no escuro. Geladeira não tinha, e as primeiras geladeiras que chegaram a Picos eram a querosene. **A água** vinha do Rio Guaribas. Era água retirada para o consumo, para casa, para os animais. As lavadeiras que iam ao rio, onde lá existiam umas pedras que ficavam às margens do rio Guaribas, onde as mesmas lavavam as roupas. Lembro-me que tinha um horário cedinho para as pessoas pegarem água, porque no rio a água era corrente, então, pegava-se a água para consumo primeiro. Só depois as pessoas podiam lavar roupas, tomar banho. Tinha uns banheiros cobertos com palha de coco para quem quisesse tomar banho lá. Tinha um olho d'água aqui por perto também. As famílias que tinham mais condições era que iam pegar nos animais, com as cargas d'água (GIRASSOL, 2021).

A aluna de 1966 também nos falou a respeito dos Cine Spark e da boa convivência entre as pessoas, ponto este bastante destacado nas demais entrevistas, mostrando assim como a modernidade vai modificando o espaço em seus aspectos culturais, econômicos e sociais.

> Eu me lembro da igrejinha do Sagrado Coração de Jesus, tinha a praça e na praça tinha o coreto que era visitado por muita gente aos domingos, tinha música lá. A igreja Matriz já existia, os lugares que a gente frequentava mais era as igrejas. Tinha cinema o Cine Spark ali pelo ano de 1970, antes não tinha. As famílias conversavam nas calçadas, tinha o catecismo no domingo, nas calçadas tinha as freiras que vinham para dar o catecismo às crianças. A

> convivência era boa, a gente ficava à vontade, a noite era escuro, a gente não podia sair à noite, tinha luz mas muito fraca e só até as nove horas da noite, tinha uns escuro, a gente tinha medo (ALUNA DE 1966, 2021).

A professora Estrela (2021) relatou de forma bem subjetiva como via a cidade de Picos, dizendo: “Era uma cidade pacata, tranquila, aconchegante e acolhedora. Os habitantes eram conhecidos e se cumprimentavam pelo nome, hoje cresceu muito e a população aumentou consideravelmente”

Sobre os locais de socialização, a professora Estrela (2021) falou demostrando saudade e muito entusiasmo ao tocar no assunto. A emoção ficou explicita em sua fala: “A praça Félix Pacheco, onde aos domingos havia retreta tocada pela banda de música do Município, as Igrejas, Clubes, enfim, as festas e eventos para os quais era convidada”.

Foi relembrando também outros locais de lazer da população de Picos, como o Picoense Clube, o Clube da AABB e a feira livre que até hoje é destaque nessa região. A professora Esperança relata:

> Nós tínhamos também o Picoense Clube, era outro local de lazer, AABB para os associados do Banco do Brasil, por muito tempo a AABB funcionou em algumas casas, o primeiro prédio sede da AABB foi uma casa de Hercílio Sapiência Rocha, onde hoje fica o Armazém Paraíba, na Rua Coronel Francisco Santos. Depois funcionou onde hoje se encontra a Rádio Guaribas, na Praça Félix Pacheco, funcionou também onde hoje é o atual prédio da agência do Banco do Brasil, que antes era uma sorveteria. Aí foi que construíram a sede atual no DNER- CATAVENTO e se encontra lá até hoje. Destaco também como ponto de lazer a Sorveteria do Sargento Demerval, depois passou para seu Valter, ficava na esquina onde hoje é o Banco do Brasil (ESPERANÇA, 2021).

Sobre a feira livre que até hoje atrai muitas pessoas, tanto da cidade de Picos como da microrregião e até mesmo de outros estados do nosso país, a professora Esperança nos disse:

> Outro local de lazer era a feira livre de Picos, os produtos vendidos na feira vinham do interior de Picos e cidades próximas, como Jaicós, e não de outros Estados como acontece hoje. O transporte usado eu me lembro muito aqui em Picos, o povo andando de jumento, de cavalo. Os produtos do interior para vender na feira de Picos eram transportados nos jumentos. Um dos locais para guardar os jumentos, os animais, é onde está construída hoje a Praça em frente à Igreja de Nossa Senhora dos Remédios (ESPERANÇA, 2021).

Na fala da professora Esperança, podemos perceber uma cidade que mistura o urbano ao rural, onde as pessoas das cidades próximas se reencontravam era um momento de

interação e de convívio amistoso. Duarte (1995, p.19) também nos mostra essa interação quando diz:

> Picos do final da década de 40 e do início dos anos 50 era um pequeno núcleo urbano harmoniosamente integrado ao meio rural. Havia uma convivência estreita, íntima mesmo, entre o aglomerado urbano e o meio ambiente em torno. Até meados da década de 50, mesmo nos meses secos. Picos era cercada de verde, graças a existência de um cinturão de umidade que envolvia quase que totalmente. Além do rio Guaribas, que até então era perene, com água correndo durante todo o ano, havia uma faixa úmida que se estendia entre o leito do rio e os limites urbanos da cidade.

Tal afirmação faz-nos pensar no crescimento populacional pelo qual a cidade de Picos iria passar nos anos seguintes. Observando os dados da Secretária de Planejamento do governo do estado do Piauí (1975, p.27) no tocante ao crescimento da população na cidade Picos, sabemos que:

> No período de 1950 a 1960, a população total de Picos passou de 54713 para 49801 com decréscimo, portanto em termos relativos da ordem de 8,9%. No decênio 1960/1970 o crescimento de geométrico foi de 0,57 inferior a mesma taxa observada para o estado 3,0% cumpre ressaltar que durante esse período município de Picos sofreram desmembramento em sua área dando origem assim a mais três municípios (PIAUÍ,1975,p.27)

Quadro 7: População de Picos 1950/1970

ANO	POPULAÇÃO URBANA (hab.)	POPULAÇÃO RURAL (hab.)	POPULAÇÃO TOTAL (hab.)	ÁREA GEOGRÁFICA (km²)
1950	4,568	50.145	54.713	4.756
1960	8176	41.926	50.102	3.631
1970	18.092	34.655	52.747	2.048

Fonte: IBGE (2000)

Segundo a Piauí (1975, p. 28):

> Esta diminuição no crescimento da população rural traduzia o êxodo que se realizou na zona em foco motivado pela busca de melhores condições de vida (emprego, hospitais, escolas) e embora nos últimos anos a sede Municipal tem favorecido de certo modo a ocupação deste contingente populacional principalmente no setor terciário notadamente transporte e Comércio haverá uma diminuição progressiva das possibilidades de oferecer uma infraestrutura física e social das populações lá radicados.

No período que abrange nossa pesquisa, podemos observar que a cidade de Picos passa por um desmembramento do seu território mediante a emancipação de outros municípios, como nos mostra o quadro que segue:

Quadro 8: Cidades desmembradas de Picos no recorte temporal da pesquisa

CIDADE	POVOADOS	LEI Nº	DATA DE CRIAÇÃO	DATA DE INSTALAÇÃO OFICIAL	ÁREA Km²	GOVERNO
Itainópolis	Jenipapo	925	12/02/1954	1/06/1954	1.279	Pedro Freitas
Monsenhor Hipólito	Riachão	1,445	30/11/1956	26/07/1957	638	Jacob Gaioso e Almendra
Francisco Santos	Genipapeiro	1.993	09/09/1960	24/12/1960	224	Chagas Rodrigues
Santo Antônio de Lisboa	Rodeador	2.560	19/12/1963	09/04/1964	239	Petrônio Portela
Bocaina	Bocaina	2.561	19/12/1963	10/04/1964	453	Petrônio Portela
São José do Piauí	São José da Tapera	2.562	19/12/1963	12/04/1964	561	Petrônio Portela

Fonte: IBGE (2000)

Com a população registrada anteriormente podemos dizer que, no tocante à educação, pelos dados do Piauí (1975, p. 71):

> Em 1970 a população escolarizada do município era de 11.942 habitantes que representava 22,6% da população total. Na Esfera Municipal atuação se faz mais presente na zona rural onde 147 unidades são mantidas pela Municipalidade embora também marca sua presença na zona urbana com suas 152 escolas da prefeitura incorporando 39% das matrículas do município.

Este indicador mostra o comportamento de oferta de vagas nos estabelecimentos educacionais em relação à demanda da população escolarizada a ser atendida. O índice de crescimento de matrículas comparado com crescimento da população na faixa de 7 a 14 anos mostra que a matrícula cresceu mais que a população.

2.3 História e memória do Grupo Escolar Coelho Rodrigues em Picos/PI (1954 a 1971)

Para uma maior compreensão desta temática, destacamos Rosa Fátima de Souza (2008) e Luciano Faria Filho (2014), que explicam sobre a investigação no processo de renovação da pesquisa em história da educação e o interesse dos pesquisadores por duas temáticas, a saber, a história das instituições de ensino e o desenvolvimento da história da educação. Os estudos sobre grupos escolares começaram a se constituir na década de 1990, bem como o estudo da cultura escolar. Na opinião destes autores, os métodos de estudos

relacionados aos grupos escolares destacam bem o movimento representativo do ensino primário, e a análise é feita sob uma nova perspectiva, novos temas e objetos.

Abordar a história e memória do Grupo Escolar Coelho Rodrigues no período de 1954 a 1971 nos leva a pensar que tipo de formação era desejada considerando a modernização e as renovações que houveram no ensino primário, desde o final do século XIX, assim como mostra Souza (2008, p. 38):

> Em realidade, várias iniciativas de renovação educacional vinham sendo implementadas em algumas províncias brasileiras no final do Império. Com as mudanças do regime político, as reformas educacionais consolidaram uma nova organização administrativa e pedagógica do ensino primário, que viria a predominar durante boa parte do século XX.

Como mencionado acima a nova organização do ensino primário perdurou até boa parte do século XX, mas não podemos deixar de mencionar o retrocesso vivido imposto ao nosso país. Segundo Silva (2016, p. 3):

> Com o fim do Estado Novo e implantação da Ditadura Militar em 1964, houve a necessidade de uma nova Constituição. A Lei Maior de 1946 trouxe em sua constituição a responsabilidade do ensino aos poderes públicos, no entanto, continuaria livre à iniciativa particular. Apenas o ensino primário seria gratuito, qualquer grau posterior a ele seria gratuito apenas para aqueles que comprovassem não ter condições financeiras. À União, caberia a responsabilidade de aplicar "nunca menos de 10%" de sua receita proveniente dos impostos. Enquanto estados, Distrito Federal e municípios ficariam com a responsabilidade de, no mínimo 20%".

Com a Constituição de 1946, as esferas públicas tornaram com a responsabilidade de investir na educação, estabelecendo valores mínimos destinados as obras educativas, bem como resguardando a gratuidade do ensino primário, tido como necessidade básica à toda população. Podemos compreender melhor a questão dos avanços e dos retrocessos do ensino primário analisando o Decreto-lei 8.529, de 02 de janeiro de 1946, que trata da organização do sistema do ensino primário.

Compreendemos, por meio deste referido decreto-lei, como deveria ser organizado o ensino primário no Brasil. Em seu primeiro capítulo, este traz as finalidades desse ensino:

> Art. 1º O ensino primário tem as seguintes finalidades:
> a) proporcionar a iniciação cultural que a todos conduza ao conhecimento da vida nacional, e ao exercício das virtudes morais e cívicas que a mantenham e a engrandeçam, dentro de elevado espírito de Naturalidade humana;

> b) oferecer de modo especial, às crianças de sete a doze anos, as condições de equilibrada formação e desenvolvimento da personalidade;
> c) elevar o nível dos conhecimentos úteis à vida na família, à defesa da saúde e à iniciação no trabalho (BRASIL,1946, p. 1).

Segundo Sousa (2008), o ensino primário pretendia moldar o caráter das crianças que seriam os futuros trabalhadores da nação, adquirindo dessa forma valores e virtudes morais, e normas importantes como: civilidade, pontualidade, amor ao trabalho, respeito com os chefes (patrões), ordem e asseio. Surgia então a aquisição de valores patrióticos, ou seja, de amor à pátria incondicionalmente, cultivado por estes e transmitidos às novas gerações.

Continuando com os estudos realizados por Sousa (2008), faz-se importante também destacar que o ensino primário se encontrava em desenvolvimento em três tipos de estabelecimentos escolares, dependendo da localização espacial: as escolas singulares ou isoladas, agrupadas ou reunidas e grupos escolares. As singulares possuíam apenas uma sala, de preferência na zona rural ou nas divisas do espaço urbano e rural, podendo serem transferidas para outra localidade.

As agrupadas continham entre duas ou quatro salas situadas nas áreas urbanas, podendo ser formadas da união de duas ou mais escolas isoladas. Este estabelecimento poderia vir a se transformar em grupo escolar e seus professores, a critério do Governo, estariam à disposição de transferências para outros estabelecimentos. Tiveram um grande desenvolvimento e crescimento, mesmo que para muitos o modelo ideal e desejado no início do século XX fosse o grupo escolar. Como nos afirma Sousa (2008, p. 48): “A expansão maciça de grupos escolares em todo Brasil ocorreu na segunda metade do século XX. ”

Os grupos escolares eram instalados nos centros urbanos em locais de destaque, como já tratamos anteriormente, em prédios construídos com grande requinte ou em locais adaptados e alugados pelos Governos. Os professores que atuavam nesses grupos eram geralmente normalistas com melhores remunerações (comparadas com as de professoras das escolas isoladas, principalmente pela formação em uma Escola Normal, escola que formava as professoras com metodologias inovadoras) e condições materiais e pedagógicas que tornavam os grupos escolares realmente um modelo ideal de escola pública primária. Ressaltamos ainda que essa divisão dos estabelecimentos escolares se encontra no capítulo III do Decreto-lei nº 8.529, de 02/01/1946, que trata desses estabelecimentos em seu artigo 28 incisos I, II, III e IV.

Em relação à estrutura do ensino primário, com o Decreto-lei 8.529 de 02/01/1946 este passa a ser composto pelo ensino elementar, complementar e supletivo. No ensino elementar

de quatro anos, os alunos cursavam sete disciplinas: Leitura e linguagem oral e escrita; Iniciação matemática e História do Brasil; Conhecimentos gerais aplicados à vida social, à educação para a saúde e ao trabalho; Desenho e trabalhos manuais; Canto orfeônico e Educação física.

No ensino primário complementar de um ano, além das disciplinas, existiam também as atividades educativas, totalizando nove itens: Leitura e linguagem oral e escrita.; Aritmética e Geometria; Geografia e História do Brasil, e Noções de geografia geral e história da América; Ciências naturais e higiene; Conhecimentos das atividades econômicas da região; Desenho; Trabalhos manuais e práticas educativas referentes às atividades econômicas da região; Canto orfeônico; Educação física. E as alunas aprendiam ainda noções de economia doméstica e puericultura.

Sobre o ensino primário supletivo, o Decreto-lei nº 8.529 de 02/01/1946, no seu artigo 9º, página 3, diz:

> Art. 9º O curso supletivo, para adolescentes e adultos, terá dois anos de estudos, com as seguintes disciplinas:
> I. Leitura e linguagem oral e escrita.
> II. Aritmética e geometria.
> III. Geografia e história do Brasil.
> IV. Ciências naturais e higiene.
> V. Noções de direito usual (legislação do trabalho, obrigações da vida civil e militar).
> VI. Desenho.
> Parágrafo único. Os alunos do sexo feminino aprenderão, ainda, economia doméstica e puericultura (BRASIL,1946, p.3).

Os subtítulos que seguem no estudo aqui feito sobre a lei orgânica de 1946 tratam das orientações gerais do ensino primário fundamental, dos programas do ensino primário, da admissão dos cursos, da avaliação dos resultados do ensino, do corpo docente e administrativo – ponto que nos chamou a atenção nos artigos que seguem:

> Art. 34. O magistério primário Só pode ser exercido por brasileiros, maiores de dezoito anos, em boas condições de saúde física e mental, e que hajam recebido preparação conveniente, em cursos apropriados, ou prestado exame de habilitação, na forma da lei.
> Art. 35. Os poderes públicos providenciarão no sentido de obterem contínuo aperfeiçoamento técnico do professorado das suas escolas primárias.
> Art. 36. Os diretores de escolas públicas primária serão sempre escolhidos mediante concurso de provas entre professores diplomados, com exercício anterior de três anos, pelo menos, e, de preferência, entre os que hajam recebido curso de administração escolar (BRASIL, 1946, p.8).

Finaliza-se o Decreto-lei com os capítulos: Das instituições complementares da Escola; Da Construção e do Aparelhamento escolar; Da Gratuidade; Da Obrigatoriedade de Matrícula e Frequência Escolar e Das Disposições Finais. Essa lei foi responsável e colaborou na compreensão da instalação e desenvolvimento do ensino primário no Brasil, e principalmente no Estado do Piauí. A educação assumia um lugar de destaque relacionada ao processo civilizatório, como nos diz Santos (2019, p. 27):

> Para construir uma nação republicana era preciso forjar uma identidade coletiva. Durante o regime republicano, a geração intelectual da Primeira República (1889-1930) se mobilizou com afinco para constituí-la. Nesse cenário de tentativas de constituição de uma identidade nacional, a educação assumiu um lugar muito importante. Os republicanos consideravam necessário conferir um sentido para a palavra nação e a sua produção estava intimamente relacionada ao processo de civilização do povo.

Ocorreu uma renovação pedagógica, novas regulamentações, programas e currículos e uma maior preocupação com a formação docente nas escolas normais, assim como assevera Silva (2012, p. 44):

> A regulamentação de 08 de novembro de 1890 sobre as escolas normais define o professor como regenerador da escola pública primária. O currículo das escolas organizou as matérias em dois cursos – de artes e de ciências e letras distribuídas em cinco séries (cinco anos), as cadeiras de artes incluíam desenho, caligrafia, música, ginástica, trabalhos da agulha (para as meninas) e trabalhos manuais (para os meninos). As do curso de ciências e letras eram: português, latim, francês, geografia, história, universal, matemática astronomia, física e química, biologia, sociologia, moral e noções de agronomia. Ao concluir o curso o aluno recebia habilitação como professor primário que significava um requisito para prestar concurso e lecionar nas escolas públicas.

Em relação a outro aspecto da implantação dos grupos escolares, vale ressaltar que há muito tempo esse tipo de escola vinha se disseminando pelos estados brasileiros. De modo geral, esse é um fator favorável, pois durante muito tempo os grupos escolares conviveram com outras formas de educação escolar.

Era necessário educar as pessoas para evitar as manifestações e conflitos, treinando os homens para serem novos trabalhadores. Portanto, construir uma escola para promover o progresso, a formação da modernidade e a homogeneidade social tornou-se condição necessária para o desenvolvimento global da República.

Segundo Silva (2012) como expressão desse modelo escolar moderno, os grupos escolares são espaços práticos adequados para instituições de ensino formal. Trata-se de um modelo de organização pública urbana da educação básica, adotado por países europeus

(como Espanha, França, Portugal e Suíça) e Estados Unidos no final do século XIX. Este modelo é baseado em uma distribuição paritária de alunos em uma sala de aula acompanhados por vários professores.

Como nos mostra Santos (2019, p. 29):

> O modelo de organização da educação primária intitulada grupo escolar, como objeto de estudo, ganhou relevância no cenário da pesquisa historiográfica, pois, surge no contexto de universalização do ensino como faceta da modernização que advinha do início da república, uma vez que introduziu uma nova cultura escolar, onde os Estados, nos Municípios que assim requeressem, deveriam implementar um grupo escolar.

Portanto, o surgimento dos grupos escolares está relacionado à designação deles como representantes das modernas instituições de ensino, e eles estão prontos para libertar o ensino das amarras do passado. Nesse sentido, é importante ressaltar que, segundo Faria Filho (2014), o processo de racionalização e modernização dos grupos mantém uma profunda conexão com o desenvolvimento da urbanização social.

Os grupos escolares vão se formando no tocante a transformação dos métodos e conceitos de ensino, buscando a contratação de professores bem mais preparados e formados didaticamente, pensando na melhoria da estrutura física, bem como da organização do tempo escolar.

Falar em grupo escolar no período da república implica oferecer à população da época o mínimo em educação que seria o ensino primário, ou seja, educação popular. Dar acesso a essa população a uma escola modernizada faz surgir, em 1890, no Brasil, o primeiro Grupo escolar inspirado nos moldes do ideal republicano. Como nos mostra Jane Sousa (2005, p. 28):

> A própria arquitetura do prédio do Grupo Escolar tinha todo um simbolismo: um espaço escolar dotado de uma identidade sociocultural, organizado com distribuição do tempo escolar, com professoras normalistas, festas cívicas, exames, inspetores, festas de encerramento. Era um modelo de escola que teve suas peculiaridades em cada lugar do país onde foi implantado.

A disseminação dos grupos escolares por todo o território brasileiro acompanhou o desenvolvimento e a modernização que predominavam nas grandes cidades em plena década de 1920. Mudanças importantes como luz elétrica, água encanada, avenidas próprias para a circulação de automóveis em maior número do que era o habitual. Todos esses fatores vieram ao encontro do desenvolvimento da educação e, principalmente, do aumento do número das

instalações dos prédios magníficos e de destaque onde seriam inaugurados os grupos escolares.

Foi legalmente estabelecido no Piauí, por meio da reforma educacional de 1910, a criação de grupos escolares. Nos discursos reformistas da época, elas apareciam como elemento de modernização do sistema escolar piauiense, superando o modelo antiquado de escola domiciliar e buscando fazer da escola um local adequado à educação pública de qualidade. Sua constituição não é direta e coexistente, mesmo em seu apogeu existiram outras escolas. Essas foram inicialmente as opções mais viáveis para o Piauí: no início, eram apenas o cruzamento de escolas antes isoladas e, no mesmo espaço físico, por sua vez, o grupo escolar precisava de instalações adequadas e de recursos materiais, o que tornava mais caro sua criação de fato, sendo por isso implantado apenas em 1922. Segundo Lopes (2009, p. 82):

> Assim, na implantação dos grupos escolares, no Piauí, foi antecipada pela implantação das escolas Reunidas no período de 1905 a 1922. Em 1922, temos, como marco divisório, a criação do grupo escolar Miranda Osório, em Parnaíba, pelo que representou de diferenciação em relação às escolas reunidas situadas na capital Teresina fundadas em 1910.

Por um lado, todas as discussões oficiais em torno da implantação do novo modelo de escola no Piauí são limitadas por percepções negativas sobre o estado atual da organização escolar. Por outro lado, o que o governo podia e estava disposto a fazer para modernizar essa estrutura e torná-lo eficiente? Assim, em outro momento da avaliação negativa do governo estadual sobre o ensino primário e as reformas legislativas das escolas estaduais, surgiu a ideia da criação dos grupos escolares. Importa frisar que esta insatisfação e reformismo já haviam aparecido nos discursos oficiais antes de 1905.

A reforma de 1910 centrou-se na criação de grupos escolares, apresentando-os como um tipo de escola moderna adequada para a superação do atraso do ensino piauiense. No entanto, restringem-se essas escolas à capital e às cidades mais populosas. Essa medida vincula essas escolas ao espaço urbano e é um dos parâmetros que caracterizam o grau de desenvolvimento urbano, ou seja, onde existia um grupo escolar, ocorria também a modernização rápida dos centros urbanos. Tal destaque dado ao grupo escolar é reforçado por Lopes (2009, p. 84):

> O grupo escolar foi constituído em oposição ao modelo da casa-escola. Antes a modesta e arcaica casa-escola, o grupo escolar era apresentado como arrojado, moderno e competente. Era uma verdadeira repartição pública, com horários de funcionamento, postos, hierarquias funcionais, divisão dos

> alunos por classes, concentração de crianças e docentes, higiene, pedagogicamente bem instalado e bem localizado.

No Piauí, o processo de constituição dos grupos escolares tem como base o Grupo Escolar Miranda Osório, em Parnaíba, em 1922, como sinal de uma nova etapa. Deixando de lado a escola modelo, este grupo escolar seria de fato o primeiro implantado no estado do Piauí. Destacamos aqui o município de Parnaíba que, à época, já se diferenciava do restante do estado, pela importância comercial, política e econômica, promovendo assim o desenvolvimento da região. Este grupo escolar nasceu como iniciativa do município, pois o poder estadual se preocupava de fato com as escolas que se encontravam na capital, Teresina, denominadas de escolas reunidas.

Sendo assim, a capital só passou a ter grupo quatro anos após a fundação em Parnaíba do Miranda Osório, o seu primeiro Grupo Escolar reconhecido. A ampliação dos grupos escolares na capital, Teresina, bem como no restante do Estado, passa a ocorrer a partir do ano de 1928, com a criação dos grupos escolares José Lopes, Antonino Freire, Teodoro Pacheco e Matias Olímpio. Para uma melhor compreensão do número de escolas primárias estaduais localizadas no Piauí nos anos de 1950 e 1960, segue um quadro com a disposição do tipo de escola e o crescimento atingido.

Quadro 9: Tipos e quantidades de Escolas Primárias Estaduais no Piauí 1950/1960

Tipos de escola	**1950**	**1960**	**% crescimento**
Grupo Escolar	47	74	15,74
Escolas reunidas ou agrupadas	43	192	446,51
Escolas singulares ou Isoladas	465	928	199,57
Total	555	1.194	215,13

Fonte: Piauí (1951, 1961).

Observamos no quadro 9 que ocorre um crescimento expressivo dos grupos escolares mantidos pela esfera estadual no decorrer dos anos de 1950 e 1960, porém ainda era grande o número de escolas isoladas que se encontravam espalhadas por todo o Estado do Piauí. Entre os 74 grupos destacados no quadro acima, encontra-se o Grupo Escolar Coelho Rodrigues.

O grupo escolar que tratamos aqui surgiu em uma pequena cidade localizada no Estado do Piauí, a cidade de Picos, que se encontra abaixo descrita com riqueza de detalhes por Jane Sousa (2005, p. 26):

> Em 1928, Picos (PI) era ainda uma pequena cidade com características rurais, cheia de morros verdes com casinhas em cima e uma cruz onde se

> faziam muitas preces. Havia imensas pedras colocadas propositadamente no alto para o encontro dos casais, com suas trocas de segredos ou de sonhos. As pessoas muitas vezes subiam o morro para ver a imensidão da terra, o rio Guaribas correndo lentamente no verde das várzeas, os campos verdes, os animais pastando, os juazeiros imensos com suas sombras, as largas estradas para um descanso no canto da várzea, a igrejinha do Coração de Jesus, a Matriz de Nossa Senhora dos Remédios. O povo também tinha como entretenimento as novenas, a missa do galo, na noite de natal, as quermesses e as procissões.

O Grupo Escolar Coelho Rodrigues iniciou as suas atividades numa sala de uma pensão alugada e paga pelo Estado. A referida pensão pertencia ao senhor Raul Rodrigues, sendo sua inauguração realizada em 15/02/1929. O grupo recebeu este nome em homenagem ao Doutor em Direito Antônio Coelho Rodrigues. Porém, o desejo de ver o Grupo Escolar funcionado em prédio próprio com instalações adequadas continuou a ser um desejo de todos os envolvidos nessa nova empreitada: disseminar o ensino primário para região de Picos.

Para que o grupo escolar funcionasse bem se fazia necessária a contratação de professores qualificados (formados), no caso, nessa época, as professoras normalistas que estavam aptas a desenvolver um bom trabalho com métodos novos e eficazes de ensino. Sendo assim, as três primeiras professoras normalistas vieram de Teresina no dia 29 de janeiro de 1929 a Picos para lecionarem no Grupo Escolar Coelho Rodrigues. Tratavam-se de: Maria das Neves Cardoso, Alda da Mata Rodrigues e Ricardina de Castro Neiva.

Assim, o Grupo Escolar foi ganhando destaque e sendo bem visto pela sociedade picoense, como relata Jane Sousa (2005, p.37):

> Toda a aura de confiança no Grupo Escolar se refletia pelo fato de a escola ser organizada, aos olhos da sociedade, com programas modernos, um prédio de boa localização, diretor, salas, professores qualificados, sendo o ensino dividido em séries, com matérias e um currículo organizado. Isto foi percebido como diferente do que existia anteriormente, numa situação em que o professor escolhia os assuntos que bem lhe conviessem, com métodos próprios e sem nenhum apoio de livros didáticos.

No Piauí período de 1933 a 1937, o governo dedicou-se à expansão da rede escolar primária, bem como à construção de novos prédios que seriam as instalações dos Grupos Escolares adequados ao desenvolvimento educacional. Em Picos não foi diferente, sendo que em 15/01/1933 o Grupo Escolar Coelho Rodrigues passou a funcionar em Prédio próprio na praça que atualmente é conhecida como Praça Josino Ferreira, antes denominada Praça da Bandeira, no coração da cidade de Picos (JANE SOUSA, 2005).

Diante de toda a história educacional da cidade de Picos e especificamente do Grupo Escolar Coelho Rodrigues nesse extenso período aqui por nós pesquisado, destacamos a grande contribuição que os grupos escolares trouxeram aos locais e aos habitantes dos grandes centros onde iam sendo instalados. Segundo Roza Souza (2004), ao convocar vários professores sob a supervisão do diretor, o prestígio social dessas escolas se estendia aos seus professores. Grupos escolares localizados em centros urbanos proporcionam melhores condições de trabalho, promovem a socialização da experiência e uma forte identidade institucional. Uma educação primária completa era fornecida em quatro anos, incluindo um currículo enciclopédico com um conjunto afortunado de disciplinas para atender às necessidades das crianças Princípios da Educação Integral - Educação Física, Intelectual e Moral.

O Grupo Escolar Coelho Rodrigues desempenhou bem o seu papel de escola de Ensino Primário público à população picoense, sendo uma grande oportunidade para que as classes menos favorecidas alcançassem algo além de apenas de ler, escrever e contar. Foram lições que tinham como finalidade o centro da coletividade, de acordo com as necessidades do ambiente, atividades desenvolvidas voltadas à higiene e à educação de forma integral, buscando interagir com a sociedade vigente na transformação de mundo melhor.

3 A CULTURA ESCOLAR: A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL E SEUS ATORES

Neste capítulo, abordamos a complexidade do processo de institucionalização da escola primária e da constituição da cultura escolar que vem a ser desenvolvida pelo Grupo Escolar Coelho Rodrigues, destacando assim a organização deste no tocante à arquitetura e ao espaço escolar; compreendendo os documentos escolares e suas variadas funções; o papel fundamental da fiscalização e disciplina necessárias ao bom andamento do ensino desenvolvidos pelos inspetores e as diretoras e, por fim, iremos refletir sobre as memórias e as práticas escolares das professoras primárias, abordando como eram repassados os conteúdos e como essa práticas foram perdurando no tempo ou buscando ressignificação.

Sobre a cultura escolar, podemos perceber três elementos importantes, segundo Décio Gatti Junior e Eurice Pessanha (2005, p. 76): "O espaço escolar, tempo escolar e formas de comunicação (linguagem) ". Destacamos aqui a importância do espaço para a compreensão do ser humano; assim, faz-se necessário partir das relações sociais nas quais se vive, constituindo assim uma trama de inter-relações sociais. Tal fato parte da afirmação de Hall (2006, p. 72), em que ele considera que: "O lugar específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: é o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas".

Portanto, por meio da memória é possível uma compreensão dos diversos aspectos que envolvem o contexto sócio-histórico-cultural vivenciado por diversos sujeitos. Aqui o contexto espacial, como já foi dito, trata-se do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, situado no centro da terceira maior cidade do Piauí, grupo este que exemplifica bem o que foi a escola primária e a formação do cidadão brasileiro no estado do Piauí. Destacamos aqui as dificuldades encontradas no desenvolvimento da educação primária de nosso Estado, segundo Lopes (2013, p. 2):

> As condições materiais de funcionamento das escolas foram alvo de críticas e reconhecidas como um fator limitante da efetividade da ação escolar pensada como ideal para a transformação do Piauí. Embora na década de 1940 já se tenha construindo prédios específicos para a escola, esses não correspondiam as necessidades advindas da expansão desse nível de escolaridade.

Essa realidade e outras abordamos no decorrer de nosso estudo como forma de compreender a importância da cultura escolar dentro das instituições escolares no processo de expansão da rede, bem como olhar para a inspeção escolar, reavaliando sua função e seu real

desenvolvimento na construção do sucesso escolar da época. Cumpre lembrar que a inspeção aqui analisada ocorreu em um grupo escolar em um período que predominava o Ensino Primário.

3.1 Arquitetura e espaço escolar do Grupo Escolar Coelho Rodrigues

Nos últimos anos, a pesquisa histórica sobre as instituições de ensino tem se concentrado na cultura escolar, e suas pesquisas enfocam os aspectos internos do espaço escolar e a análise da arquitetura, do currículo e das práticas escolares, para que se possa ver a composição material da escola. Frisamos ser muito recente, no campo educacional, o uso do termo cultura material escolar.

Vidal e Faria Filho (2005) mostra-nos que sobre os espaços escolares retornarmos à memória da construção de várias escolas, principalmente no século XVIII, crianças e jovens ricos as frequentavam, estendendo-se ainda na segunda metade do século seguinte. Somente a partir da segunda década do século XIX e após a independência, a questão do espaço para abrigar o ensino público causa polêmica. Devido ao alto custo, o governo central tende a economizar, portanto, em 1870, a instabilidade escolar e a pobreza eram muito graves. Em 1876, no bairro do Arouche, em São Paulo, inaugurou-se seu primeiro prédio de ensino. Nas décadas de 1920 e 1930, as capitais dos vários estados já haviam solicitado novos espaços à Unidade Federal.

Destacamos então a organização e função, disposição da carteira, sinal da campainha para indicar o intervalo entre as aulas, entre as definições de classe e as posições do professor constituem uma estrutura de inovação. Essa estrutura nos é bem apresentada por Vidal e Faria Filho (2005 p, 53):

> Monumentais, os grupos escolares, na maioria, eram construídos baseados em plantas-tipos em razão do número de alunos, em geral 4, 8, ou 10 classes, em um ou dois pavimentos, com nichos previstos para a biblioteca escolar, museu escolar, sala de professores e administração. Edificados simetricamente em torno de um pátio central, ofereciam espaços distintos para o ensino de meninos e meninas. À divisão formal da planta, às vezes, era acrescido um muro, afastando rigidamente e evitando a comunicação entre os dois lados da escola. Esses prédios tinham entradas laterais diferentes para cada sexo. Apesar de padronizados em planta, os edifícios assumiam características diversas, sendo-lhes alteradas as fachadas.

A adoção dos grupos escolares como representantes das novas formas escolares que vão sendo construídas e implantadas e a consequente crítica às escolas isoladas significa a

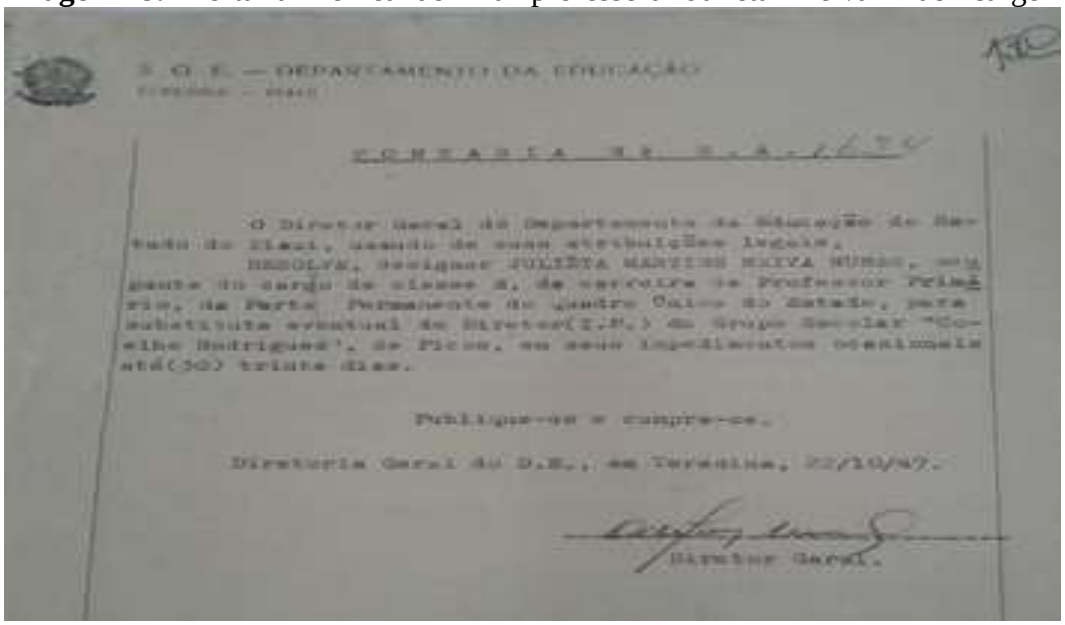
construção de novos espaços escolares, o surgimento de novos monumentos e a visibilidade de novos signos políticos, culturais e arquitetônicos, conforme Faria Filho (2014, p. 91):

> Diferentemente dos espaços ocupados/usados pelas escolas isoladas, estruturados em sua origem para atender a outras finalidades-domésticas ou religiosas, por exemplo, e traziam consigo e atualizavam no dia a dia escolar outros símbolos, signos e, portanto, valores, sensibilidades, enfim outras culturas, os grupos escolares deveriam significar, ao mesmo tempo em que um distanciamento desde mundo doméstico e religioso, a criação de uma nova cultura escolar que evidenciasse, simbólica e materialmente, a vinculação da escola com o mundo secular, público e urbano.

Por fim, completa-se a configuração de espaços educativos específicos no grupo escolar, onde existem espaços criados especificamente para o ensino, nomeadamente: biblioteca, museu escolar, jardim de observação e sala de aula. O espaço do grupo escolar não só representa a mudança ou continuidade na compreensão da educação escolar e sua relação com a sociedade como um todo, mas também representa e fortalece uma nova categoria profissional: os (as) diretores (as). E, entre tantas diretoras lembradas pelas nossas entrevistas, uma em destaque que foi: Julieta Martins Neiva Nunes. Segundo Sousa, Araújo e Sá (2011 p. 9):

> Julieta Martins Neiva Nunes nasceu dia 09 de março de 1914 na Fazenda Tabuleiro do Brejo. Filha caçula de Raimundo Carvalho Neiva e Maria Martins Neiva, aluna da primeira turma do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, foi aluna da professora e cunhada Alda Rodrigues da Mata Neiva. Em 1934, seguiu para Teresina e cursou o primeiro ano pedagógico no Colégio das Irmãs. Depois foi transferida para Escola Normal Oficial. Obteve uma participação efetiva na Escola Normal publicando, em 1937, uma crônica intitulada “Luar de Minha Terra”, a 15 de maio de 1937, no jornal A Escola, órgão da Escola Normal Oficial do Piaui.

Imagem 8: Portaria nomeando a professora Julieta Neiva ao cargo de direção



D. O. E. — DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO

PORTARIA Nº [illegible]

O Diretor Geral do Departamento de Educação do Estado do Piauí, usando de suas atribuições legais,

RESOLVE, designar JULIETA MARTINS NEIVA NUNES, ocupante do cargo de classe A, de carreira de Professor Primário, do Parte Permanente do Quadro Único do Estado, para substituta eventual do Diretor(I.M.) do Grupo Escolar "Coelho Rodrigues", de Picos, em seus impedimentos eventuais até(30) trinta dias.

Publique-se e cumpra-se.

Diretoria Geral do D.E., em Teresina, 22/10/47.

Diretor Geral.

Fonte: Arquivo Público do Estado do Piauí

No tocante à arquitetura do grupo escolar as entrevistadas nos mostram que o grupo praticamente não mudou em nada a sua arquitetura original. Um dos nossos entrevistados, o aluno de 1969, ao ser questionado sobre se lembrava da arquitetura do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, disse-nos:

> Lembro sim, o Coelho Rodrigues é do mesmo jeito que está ali na praça onde hoje é o museu, ele era todo cercado tinha um muro, bem na quina do Muro na frente do lado esquerdo tinha uma figueira, se você fosse medir ela dava se uns 3 metros para você conseguir abraçá-la. As janelas eram grandes, as salas arejadas e tinha o campinho onde a gente jogava bola. Quando a bola saía, ia parar lá dentro dos Correios porque as paredes do correio eram baixas. A arquitetura é a mesma (ALUNO DE 1969, 2021).

Imagem 9: O Grupo Escolar Coelho Rodrigues



Fonte: Arquivo do Museu Ozildo Albano Picos/PI - Créditos: Foto Varão

A professora Esperança assim nos fala a respeito da arquitetura do Grupo Escolar:

> O Coelho Rodrigues tinha a mesma arquitetura que tem hoje, o prédio em si é o mesmo. A diferença é que ali onde se encontra hoje o parquinho infantil era o muro e na frente uma calçada, era no muro do Grupo escolar que os meninos faziam a Educação Física, brincavam, só não era calçado e no tempo das chuvas era uma lama só. Tinha na frente um jardim, e era cercado, do lado esquerdo de quem entrava tinha uma figueira que dava muita sombra, mas a arquitetura é a mesma (ESPERANÇA, 2021).

A aluna de 1959 lembrou dos seguintes espaços no Grupo Escolar Coelho Rodrigues: "Diretoria, banheiros, um pátio, cinco salas de aula amplas, com grandes janelas, que permitiam excelente iluminação"

E aluna de 1966 disse: "Não mudou muito, até quando eu andei lá, não faz muito tempo. A sala era bem arejada, tinha carteiras, o birô da professora eu não me lembro se tinha quadro. Tinha um pé de figueira que cortaram". Segundo a professora Girassol:

> O Grupo Escolar Coelho Rodrigues é uma escola bonita. É uma escola que, para a época em que ela foi construída, na seca de 1932, é muito bonita. Eu sempre faço questão de apresentar o Grupo quando alguém vai visitar o museu porque lá era o prédio do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, onde hoje é o Museu Ozildo Albano. Sempre foi um gosto de meu irmão, de levar o Museu para lá porque aquele lugar foi se tornando barulhento para abrigar a escola. Depois passou a abrigar o Museu (GIRASSOL, 2021).

Imagem 10: Prédio atual onde ficava o Grupo escolar Coelho Rodrigues (Fachada)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022).

Imagem 11: Prédio atual onde ficava o Grupo escolar Coelho Rodrigues (destacando do lado esquerdo o prédio dos Correios)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022)

Percebemos na fala da professora Girassol que ela entende a arquitetura do prédio em que o Grupo Escolar residiu por muito tempo como sendo grandiosa.

> A arquitetura é belíssima. Lá tem cinco salas com quatro janelas, bem arejadas. As salas são espaçosas. Uma cabeça bem pensante por que hoje tem ar-condicionado, mas naquela época não tinha. Lá tinha outros espaços também: para almoxarifado e cantina. Tinha um espaço bem grande atrás, com muro e na frente também tinha um bom espaço (GIRASSOL, 2021).

Reforça ela que a arquitetura do prédio que abrigou o Grupo Escolar Coelho Rodrigues é a mesma, tendo passado apenas por uma restauração ao longo do tempo.

> Naquela época não tinha as construções de hoje. Eu vejo como quem criou esse modelo de escola, uma cabeça muito inteligente, pois para a época, era algo fascinante aquela construção. A arquitetura é a mesma. Foi feita uma reforma para abrigar o Museu Ozildo Albano, mas foi um trabalho apenas de restauração e muito bem feito, por sinal. Lembro-me de uma figueira que ficava na frente do grupo. Não tinha outras plantas de destaque, não (GIRASSOL, 2021).

Outro momento marcante da cultura escolar que se encontra em destaque desde o surgimento dos primeiros grupos escolares são as festividades que envolvem estas instituições juntamente com a comunidade. Nos ancorando em Melo (2009), podemos afirmar que a

cidade se misturava a essas festividades. Destacamos primeiramente a própria inauguração dos prédios escolares, que movimentavam toda uma cidade, como destaca:

> As festas de inauguração dos prédios de escolares concorriam na cidade para ser uma das maiores, onde os discursos eram disputados pelas autoridades políticas e educacionais, cada um desejando expor sua veemente oratória que caracterizasse mais significativamente o pensamento ou ideal de uma época, numa festa sagração do Estado, sintetizando uma confirmação do novo homem em veículo, ou ainda, de um homem ideal. (MELO, 2009, p.102)

Todos participavam das festividades e assim um calendário era criado ao longo do ano especialmente para valorizar a cultura cívica integrada aos conteúdos que eram trabalhados em sala de aula, conforme Melo (2009, p. 131):

> Todas as crianças, jovens estudantes dos vários estabelecimentos, das escolas públicas e privadas de todos os níveis de ensino e professores eram convidados a participar das várias comemorações cívicas, um chamamento como uma lembrança da obrigação e da relação de fidelidade com o Estado, não esquecendo que todos tinham que participar e de não deixar de lembrar que o futuro do país a eles pertencia. Todos deveriam comparecer, criava-se a ilusão de um estado participativo, o calendário cívico constava de datas a serem festejadas e vivificadas para o engrandecimento do pátria amada e do torrão natal, como o Dia da Árvore, o dia do Pan-Americano, o Dia da Bandeira, o Dia da raça, a Semana da Pátria e o 7 de setembro, da Proclamação da República.

Quadro 10: Datas comemorativas no calendário escolar do Piauí e feriados nacionais

DATAS	COMEMORAÇÕES
24 de janeiro	Feriado no Piauhy
13 de março	Dia da Batalha do Jenipapo
21 de abril	Tiradentes
3 de maio	Descobrimento do Brasil
13 de maio	Abolição da escravatura
13 de junho	Dia de Santo Antônio
14 de julho	Queda da Bastilha
28 de julho	Feriado federal
15 de agosto	Feriado federal
04 de setembro	Dia da juventude
07 de setembro	Independência do Brasil
21 de setembro	Dia da árvore
12 de outubro	Dia da Raça, Descoberta da América
02 de novembro	Finados
15 de novembro	Proclamação da República
16 de novembro	Feriado no Pará, Ceará e Piauhy

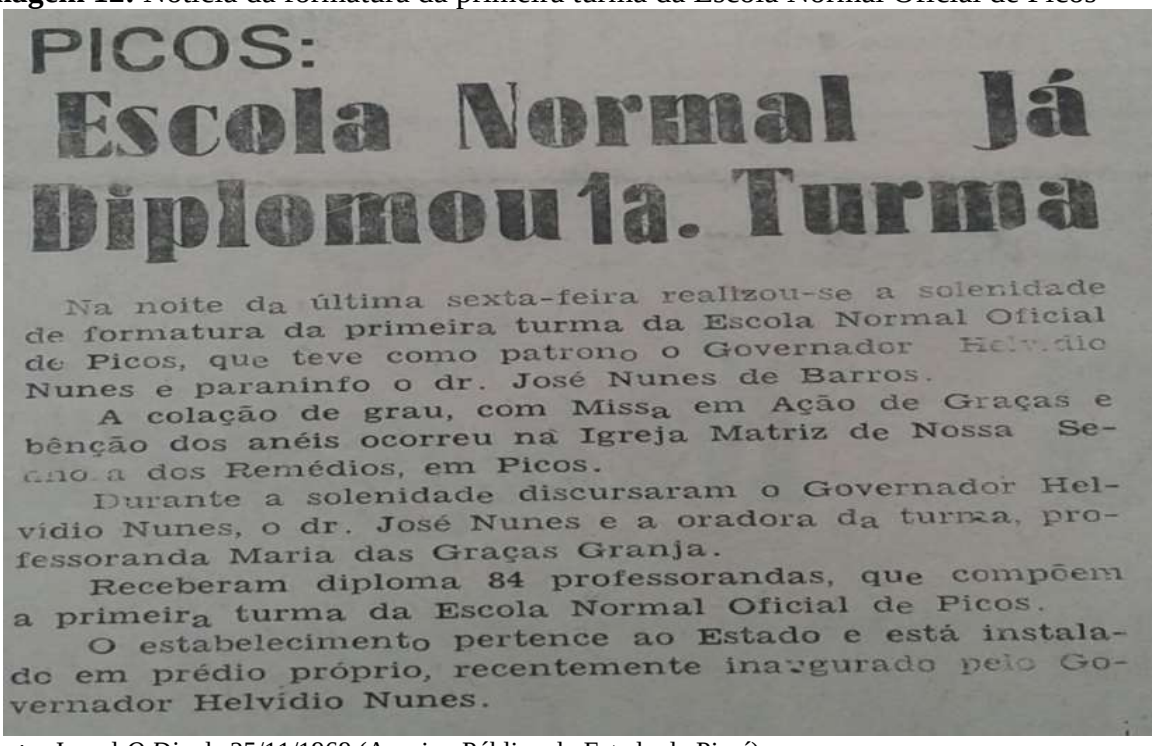
Fonte: Produzido pela autora (2021), tendo como base o Decreto nº 19.488 de 15/12/1930 e entrevistas

A partir do quadro acima elaborado com base no decreto lei percebe-se a quantidade de festividades realizadas ligadas a história da pátria ou com outras temáticas, inclusive

religiosas como por exemplo o dia 13 de junho alusivo a Santo Antônio, dessa forma escola e cidade estavam entrelaçadas nos eventos realizados e que compunham a cultura escolar, embora seja baseado no decreto de 1930, as festividades escolares continuaram nas décadas seguintes, sendo o sete de setembro a festa cívica mais esperada do ano pela comunidade escolar.

As festas escolares eram as mais variadas possíveis como nota-se no quadro 10, entre elas também ocorria os famosos bailes de formatura, momento em que se escolhiam patronos e paraninfos, missas, bênçãos de anéis e discursos marcantes dos oradores de turma, além disso era notícia nos jornais da capital, como podemos ver abaixo.

Imagem 12: Notícia da formatura da primeira turma da Escola Normal Oficial de Picos



PICOS:

Escola Normal Já Diplomou 1a. Turma

Na noite da última sexta-feira realizou-se a solenidade de formatura da primeira turma da Escola Normal Oficial de Picos, que teve como patrono o Governador Helvidio Nunes e paraninfo o dr. José Nunes de Barros.

A colação de grau, com Missa em Ação de Graças e bênção dos anéis ocorreu na Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, em Picos.

Durante a solenidade discursaram o Governador Helvidio Nunes, o dr. José Nunes e a oradora da turma, professoranda Maria das Graças Granja.

Receberam diploma 84 professorandas, que compõem a primeira turma da Escola Normal Oficial de Picos.

O estabelecimento pertence ao Estado e está instalado em prédio próprio, recentemente inaugurado pelo Governador Helvidio Nunes.

Fonte: Jornal *O Dia* de 25/11/1969 (Arquivo Público do Estado do Piauí).

Percebemos nesta notícia o que já fora mencionado anteriormente: a grandiosidade das festividades envolvendo os estabelecimentos de ensino, mesmo no ano de 1969, em que as autoridades políticas e locais sempre se faziam presentes, com discursos de progresso e de mudança possível por meio da Educação. A notícia revela-nos ainda a religiosidade do povo picoense, no destaque a Missa de Ação de Graças pela formatura e a simbologia encontrada na benção dos anéis utilizado pelas professorandas. Destacamos também que, a partir daquele momento, a cidade de Picos contaria com um número expressivo de professoras normalistas que estariam aptas a lecionarem no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, caso fosse necessário, sem a necessidade do deslocamento para outras cidades em que ofereciam esse tipo de ensino.

Ressaltamos a importância de trazermos a notícia acima em virtude de que no recorte temporal adotado na pesquisa não havia somente festas relativas ao Grupo Escolar Coelho Rodrigues, como também de outras escolas, notadamente a formatura da primeira turma da Escola Normal da cidade.

Sobre uma dessas festividades desenvolvidas nos grupos escolares, um dos nossos entrevistados contou-nos com saudosismo que quando alguém fala do GECR ele lembra muito dos ensaios para o desfile de 7 de setembro e das brincadeiras:

> Tinha brincadeiras, tinha o desfile de 7 de setembro, era coisa de outro mundo, bem organizado, lindo de se ver. Meu irmão mais velho era sapateiro e fazia um sapato para eu poder usar no dia do desfile e eu usava só naquele dia, depois perdia, não sei nem onde guardava. Tinha o hasteamento da bandeira na semana, cantávamos os hinos do Brasil e do estudante. No Dia da Bandeira a gente fazia umas bandeirinhas, no dia dos soldados com jornais velhos fazíamos chapéus e espadas para brincar (ALUNO DE 1969, 2021).

As festas cívicas do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, no ano de 1969 como podemos perceber na fala acima mobilizava a cidade desde a aquisição do sapato novo para o desfile, como também para confecção das bandeiras e chapéus que faziam parte do universo das crianças da época. Outro aspecto é que a festa era aguardada tanto pela escola como pela sociedade da época.

3.2 Os documentos escolares e suas variadas funções

Arquivos e documentos são importantes para pesquisa em História da Educação. As informações que dispõem são fontes imprescindíveis para revisita a história das instituições educativas percebendo inclusive o seu cotidiano.

Segundo Mogarro (2006, p. 72):

> O arquivo, constituindo o núcleo duro da informação sobre a escola, corresponde a um conjunto homogêneo e ocupa um lugar central e de referência no universo das fontes de informação que podem ser utilizadas para reconstruir o itinerário da instituição escolar.

A partir dos documentos do arquivo escolar podemos compreender a forma de como era organizado, bem como o funcionamento da instituição, como também das pessoas que fizeram parte da escola sendo assim fundamental na reconstituição da memória escolar. Conforme Mogarro (2006, p. 73) nos leva a refletir quando afirma que:

> A importância do lugar do arquivo na instituição escolar tem acompanhado a afirmação dessa mesma instituição como um microcosmos com formas e modos específicos de organização e funcionamento. As escolas são estruturas complexas, universos específicos, onde se condensam muitas das características e contradições do sistema educativo. Simultaneamente, apresentam uma identidade própria, carregada de historicidade, sendo possível construir, sistematizar e reescrever o itinerário de vida de uma instituição (e das pessoas a ela ligadas), na sua multidimensionalidade, assumindo o seu arquivo um papel fundamental na construção da memória escolar e da identidade histórica de uma escola.

Lembramos que os arquivos muitas vezes mudam de um lugar para o outro e nem sempre são cuidados e preservados como deveriam sofrendo muitas vezes a ação das chuvas, cupins, umidade, a falta de um lugar adequado e assim muitas informações se perdem ao longo do tempo. Por outro lado, vivemos por parte da sociedade atual um desejo de preservação como nos mostra, Vidal (2005, p. 18) diz-nos que:

> A atração pelos arquivos é uma característica da sociedade atual que cada vez mais discute a importância da preservação do patrimônio histórico. Esse encantamento advém, por um lado do desejo de acerca-se ao passado. Mas emerge também da vontade de superar o esquecimento, do receio à perda generalizada da memória.

Assim, buscando contribuir com a preservação do patrimônio histórico, em especial pela preservação de documentos encontrados em arquivos escolares, trazemos aqui algumas fotografias reproduzidas de documentos encontrados no arquivo do atual prédio do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, documentos estes que datam do período de recorte de nossa pesquisa e são referentes a frequências de funcionários e professores do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, bem como de fichas de matrículas de alunos para o Curso Primário.

Podemos perceber, primeiramente, que estes documentos possuem manchas ou desgaste natural do tempo como também de fenômenos externos, apresentando aspecto de já terem sido molhados devido estarem em locais que possivelmente ocorriam goteiras durante fortes chuvas. Os referidos documentos estão guardados atualmente em um armário que possui como identificação um cartaz com os dizeres: “Documentos antigos”. Não se encontram separados por ano ou mesmo especificando quais são os documentos ali existentes.

Abaixo encontramos o livro de ponto do ano de 1958, que se encontra preservado, porém com algumas folhas a se desprenderem. Existem também umas folhas que estão totalmente ilegíveis por conta de ter sido molhado e manchado a tinta do que se encontrava escrito na fotografia 14. Podemos observar uma das folhas que consta no referido livro com as

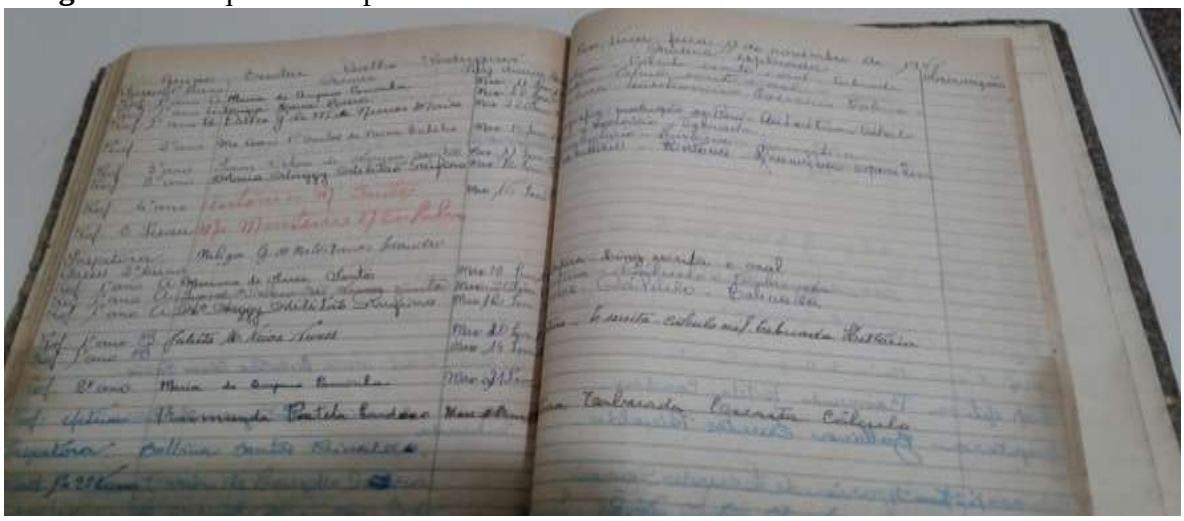
assinaturas das professoras por série, da inspetora e da zeladora, sendo a diretora da época a professora Benvinda Nunes Santos.

Imagem 13: Capa do Livro de Frequência e Diário do ano de 1958



Fonte: Arquivo do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, localizado no prédio atual da escola, situado à rua Monsenhor Hipólito em Picos/PI

Imagem 14: Frequência de professoras e conteúdos ministrados em 11 de novembro de 1958



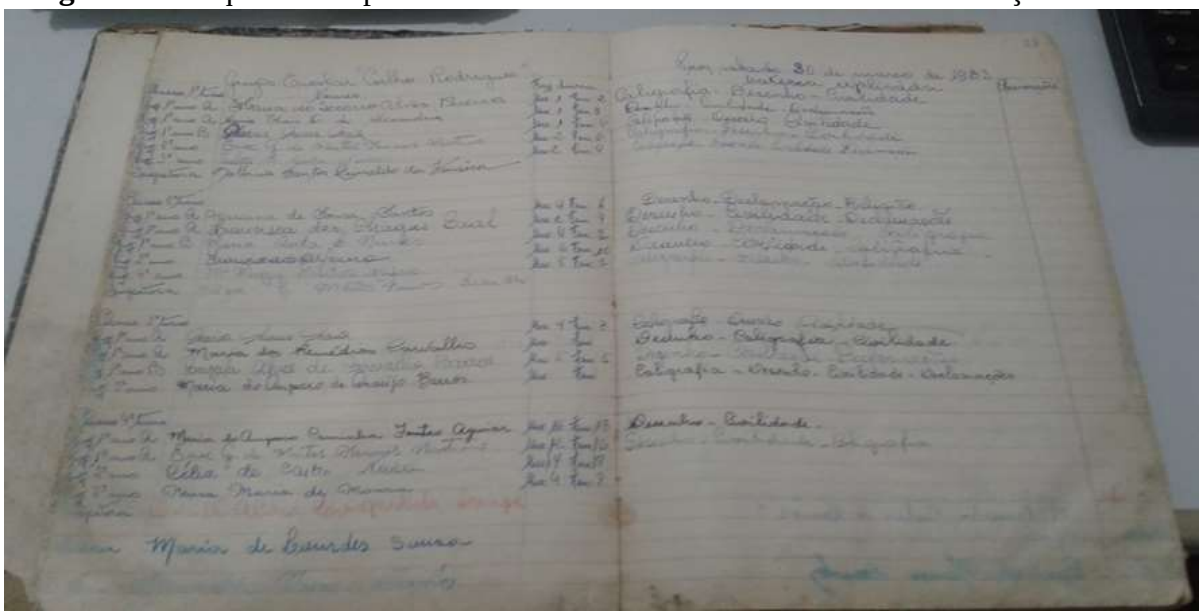
Fonte: Arquivo do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, localizado no prédio atual da escola, situado à rua Monsenhor Hipólito em Picos/PI

Na imagem 14, observamos ainda os conteúdos que eram ministrados naquele período: Cálculo, Tabuada, Língua escrita e oral, Aritmética, História e exercícios. Conteúdos estes cobrados com muita disciplina e compromisso por parte das professoras. Sousa (2008, p. 59) mostra-nos que:

> O apelo por um ensino prático e intuitivo efetivado por meio de exercícios, questões práticas e problemas foi insistentemente recomendado na primeira metade do século XX. O ensino diário da aritmética ocorria por meio de numerosos exercícios. A memorização da tabuada, recitada em coro ou arguida individualmente, era considerada uma aquisição indispensável. Nos três ou quatro anos de duração do curso primário, as crianças se habituavam a contar, calcular e medir, sobre números inteiros e frações e aprendiam, ainda, noções básicas de geometria.

Percebemos que as crianças eram de fato orientadas em seus estudos a questão da memorização para apreender conteúdos relacionados com a vivência do cotidiano, atividades que seriam utilizadas futuramente no mercado de trabalho.

Imagem 15: Frequência de professoras e conteúdos ministrados em 11 de março de 1963



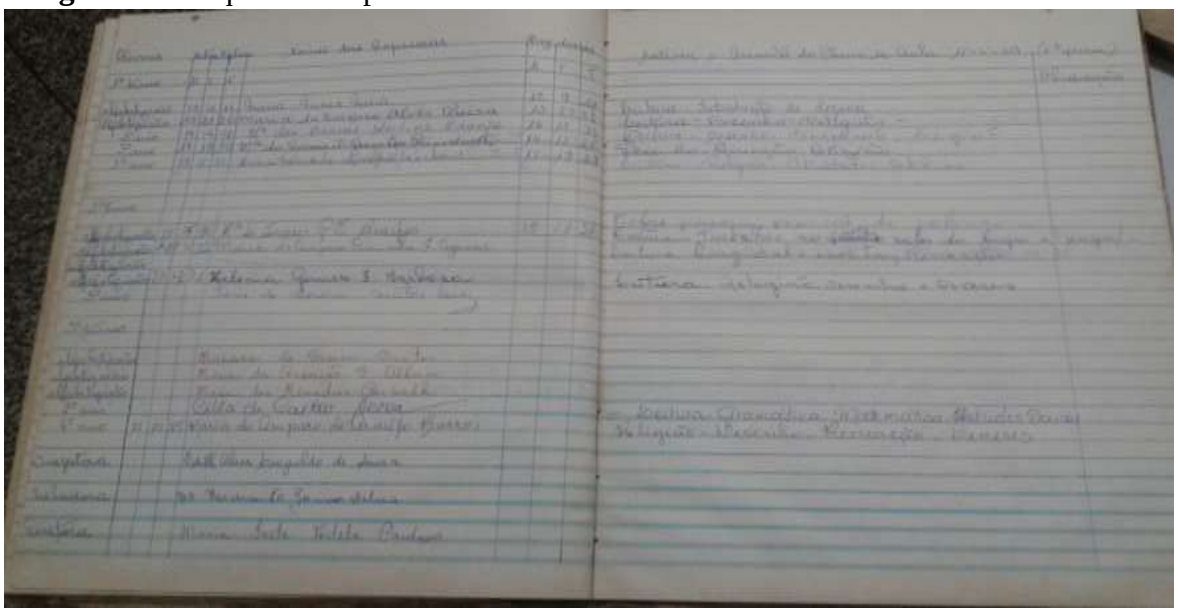
Fonte: Arquivo do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, localizado no prédio atual da escola, situado à rua Monsenhor Hipólito em Picos/PI

Na imagem anterior, de número 15, observamos tratar-se também da frequência dos funcionários e professoras e dos respectivos conteúdos em destaque: Caligrafia, Civilidade, Declamação, Religião e Desenho. Um fato importante a ser destacado nos é mostrado por Souza (2008, p. 66):

> E dado que na sociedade, homens e mulheres desempenhavam papéis diferentes, a divisão sexual do trabalho foi reproduzida nas disciplinas de Trabalhos Manuais. Para os meninos, tecelagem, dobradura, cartonagem, recorte, modelagem em cera, barro ou gesso, carpintaria e marcenaria. Para as meninas, trabalhos de agulha, crochê, remendos, cerziduras, bordados, prega de botões e colchetes, confecção de roupas e objetos de uso doméstico.

Continuando com a imagem 15, percebemos algumas mudanças na frequência, como o acréscimo da quantidade de alunos divididos por sexo e somado à totalidade das turmas. Vimos também a mudança do termo 1ª série para alfabetização. Os conteúdos ministrados no ano de 1969 eram: Leitura, Recreação, Desenho, Religião, Matemática, Gramática e Estudos Sociais.

Imagem 16: Frequência de professoras e conteúdos ministrados em 15 de maio de 1969



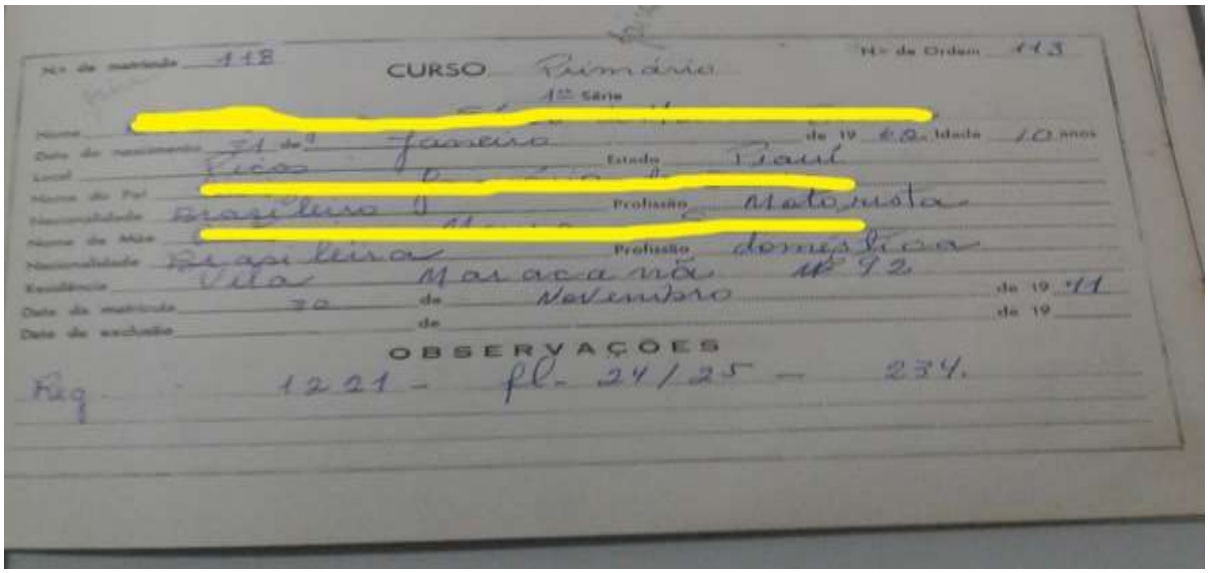
Fonte: Arquivo do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, localizado no prédio atual da escola, situado à rua Monsenhor Hipólito em Picos/PI

Outra disciplina de destaque que se encontra na imagem 16, é Recreação, também conhecida como Educação Física. Muitos professores afirmavam não ter recebido formação especializada nesta área. Também é alegado que a escola carecia de espaço adequado para a prática e jogos. Além disso, caso não houvesse tempo suficiente para a conclusão do curso, sempre era dada prioridade às disciplinas que os professores consideravam mais importantes. Compreendemos nessas análises que basicamente todas as matérias do ensino primário estavam ligadas à educação moral e cívica. As tarefas relacionadas à leitura de contos, poesias, fábulas constituem um verdadeiro trabalho em prol da construção de uma nação que começaria pela escola.

Sobre as fichas de matrículas realizadas no ano de 1971, encontradas no arquivo do atual prédio do Grupo Escolar Coelho Rodrigues (imagens 17 e 18), podemos descrever que as fichas eram organizadas tanto pelo número da matrícula como pela ordem de ocupação destas, constando as seguintes informações: curso, nome do(a) aluno(a), data de nascimento e idade, local e estado do nascimento, nacionalidade, nomes dos pais com as respectivas

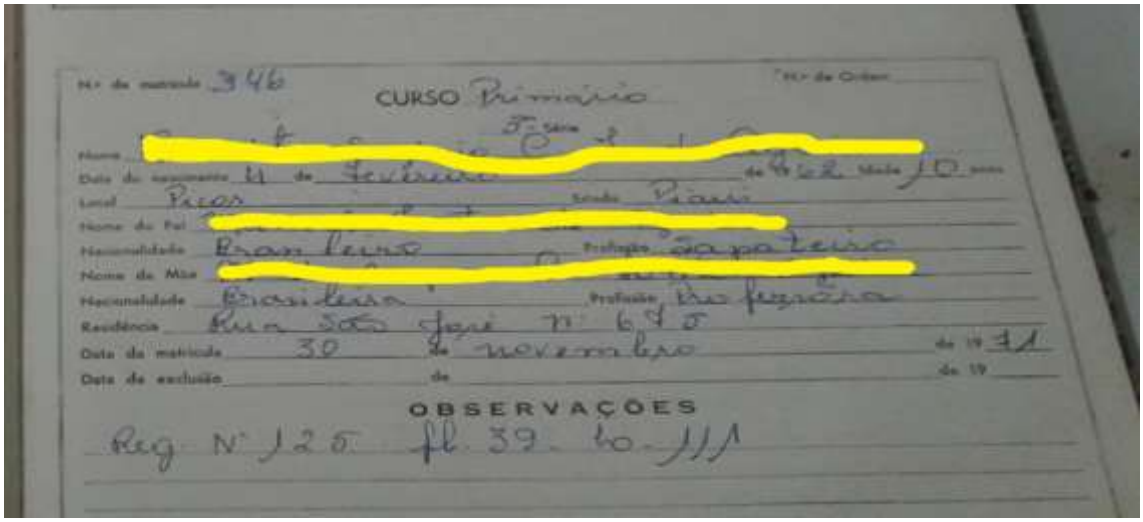
profissões, endereço de residência, data da efetuação da matrícula e um item sobre observações onde geralmente era colocado o número do registro da certidão de nascimento, as folhas e o livro. Entre os (as) alunos (as) matriculados, percebemos tratar-se de crianças da cidade de Picos e de interiores próximos.

Imagem 17: Ficha de matrícula do Grupo Escolar Coelho Rodrigues para a 1ª série Curso Primário no ano de 1971



Fonte: Arquivo do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, localizado no prédio atual da escola, situado à rua Monsenhor Hipólito em Picos/PI

Imagem 18: Ficha de matrícula do Grupo Escolar Coelho Rodrigues para a 3ª série Curso Primário no ano de 1971



Fonte: Arquivo do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, localizado no prédio atual da escola, situado à rua Monsenhor Hipólito em Picos/PI

Quadro 11: Análise de 64 matrículas do curso primário para ano letivo de 1972, encontradas no prédio atual do Grupo Escolar Coelho Rodrigues localizado à Rua Monsenhor Hipólito em Picos/PI

SEXO	**IDADE**	**LOCAL DE NASCIMENTO**	**RESIDENTES (Picos e Povoados)**	**PROFISSÃO DOS PAIS**
36 masculinos	8 anos (1) 9 anos (2) 10 anos (8) 11 anos (7) 12 anos (8) 13 anos (5) 14 anos (4) 15 anos (1**)**	Picos/PI (30) Oeiras/PI (2) Bocaina/PI (1) Pio IX /PI(1) Inhuma/PI (1) Muarana/PR (1)	• 4 Alunos em cada rua: -Rua São Francisco -Rua 7 de Setembro -Rua Maracanã) 12 alunos no total • 2 Alunos em cada rua -Av. Nossa Senhora de Fátima -Rua Monsenhor Hipólito -Rua Frei Ibiapina, -Rua Marcos Parente -Alto do Morro 10 alunos no total • 15 alunos em outras ruas e povoados -Vila Duaih -Saquinho -Retiro -Praça Justino Luz -Rua São Sebastião -Rua Santo	• **Pais** Lavradores (8) Comerciantes (7) Motoristas (6) Funcionários Públicos (4) Pedreiro (2) Vigia(2) Relojoeiro (1) Marchante (1) Marceneiro (1) Militar (1) Sapateiro (1) Eletricista (1) 1 não declarou • **Mães** Domésticas (32) Professoras (3) Lavradora (1)

			Antônio -Rua da Caixa d'água -Rua João XXIII -Rua São Pedro -Rua Coronel Antônio Rodrigues -Rua São José -Praça Josino Ferreira -Rua Olavo Bilac -Rua Coelho Rodrigues -1 matrícula sem endereço	
28 femininos	9 anos (3) 10 anos (3) 11 anos (10) 12 anos (5) 13 anos (2) 14 anos (3) 15 anos (1) 16 anos (1**)**	Picos/PI (21) Valença/PI (1) Sussuapara/PI (1) Campina Grande/PB (2) Juazeiro/CE (2) Santo Antônio/CE (1)	• 4 alunas por rua: -Rua Monsenhor Hipólito -Rua 7 de Setembro (8 alunas no total) • 2 alunas nesta rua: -Rua Santo Antônio • 18 alunas em outras ruas: -Rua Abílio Coelho -Praça Justino Luz -Rua São Francisco -Rua Coronel Luís Santos -Rua do	• **Pais** -Lavradores (8) Motoristas (5) Funcionários Públicos (4) Comerciantes (4) Pedreiros (2) Oficial de Justiça (1) Marceneiro (1) Mecânico (1) Sapateiro (1) Industrial (1) • **Mães** -28 domésticas

			Cantinho -Rua Coelho Rodrigues -Rua Francisco Pereira -Rua São José -Rua São Sebastião -Av. Getúlio Vargas -Rua Olavo Bilac -Rua Frei Ibiapina -Rua da Caixa d'água -Rua Boa Vista -Rua João XXIII -Rua Maracanã -Rua Osvaldo Cruz -1 matrícula sem endereço	

Fonte: Quadro criado pela autora com base no livro de matrículas do GECR no arquivo da escola (2021)

O quadro acima mostra-nos que das 64 matrículas do curso primário para ano letivo de 1972 do Grupo escolar Coelho Rodrigues foram matriculados mais meninos que meninas, sendo que a população atendida era mais urbana e de ruas que se localizavam no entorno do próprio grupo escolar, conforme os endereços. As famílias dessas crianças eram formadas por pais que, na sua maioria, eram lavradores (que trabalhavam em atividades rurais) e mães domésticas (assim como é mencionado no livro). Observamos também que a maioria das atividades eram desenvolvidas no meio urbano, mesmo que alguns pais não morassem na cidade, mas se deslocavam até lá para desenvolver suas atividades laborais.

Percebemos aqui que se fez necessário o debate educacional dos anos de 1950 e 1960, que tratou do problema da democratização do ensino. Assim, o ensino primário no Brasil passa a ser questionado. Afirmava-se que a escola primária alfabetizante era insuficiente e que o ensino era seletivo. Dessa forma, a partir de 1970, segundo Rosa Souza (2014, p. 118):

> O novo conceito de escola primária que emergiu nesse período buscou, de certa forma, retornar a rota dos ideais republicanos da educação popular- a escola integral, obrigatória e gratuita de oito anos de duração. Não se tratava de implantar um novo modelo de organização escolar como na transição do século XIX para o século XX mais de ajustar o modelo existente as

> necessidades contemporâneas. Nesse processo é oportuno interrogar sobre rupturas e continuidades questão, que pode ser examinada levando-se em conta a cultura escolar.

Tal afirmação nos remete a pensar: O que permaneceria? E o que seria renovado ou ajustado ao novo modelo de acordo com as necessidades do período? O que modificaria? E o que seria transformado? Retornaria a proposta inicial de educação popular? Ou uma escola integral? Pela autora acima os estudos da cultura escolar pode ser um caminho para obtenção das respostas aos questionamentos.

Quadro 12: Programa de ensino primário

Leitura; Linguagem escrita; Caligrafia.	Aritmética.	Geografia; Ciências físicas e naturais.	Noções de higiene; Instrução cívica e moral ginástica e exercícios militares.	Música; Desenho; Geometria; Trabalhos manuais.

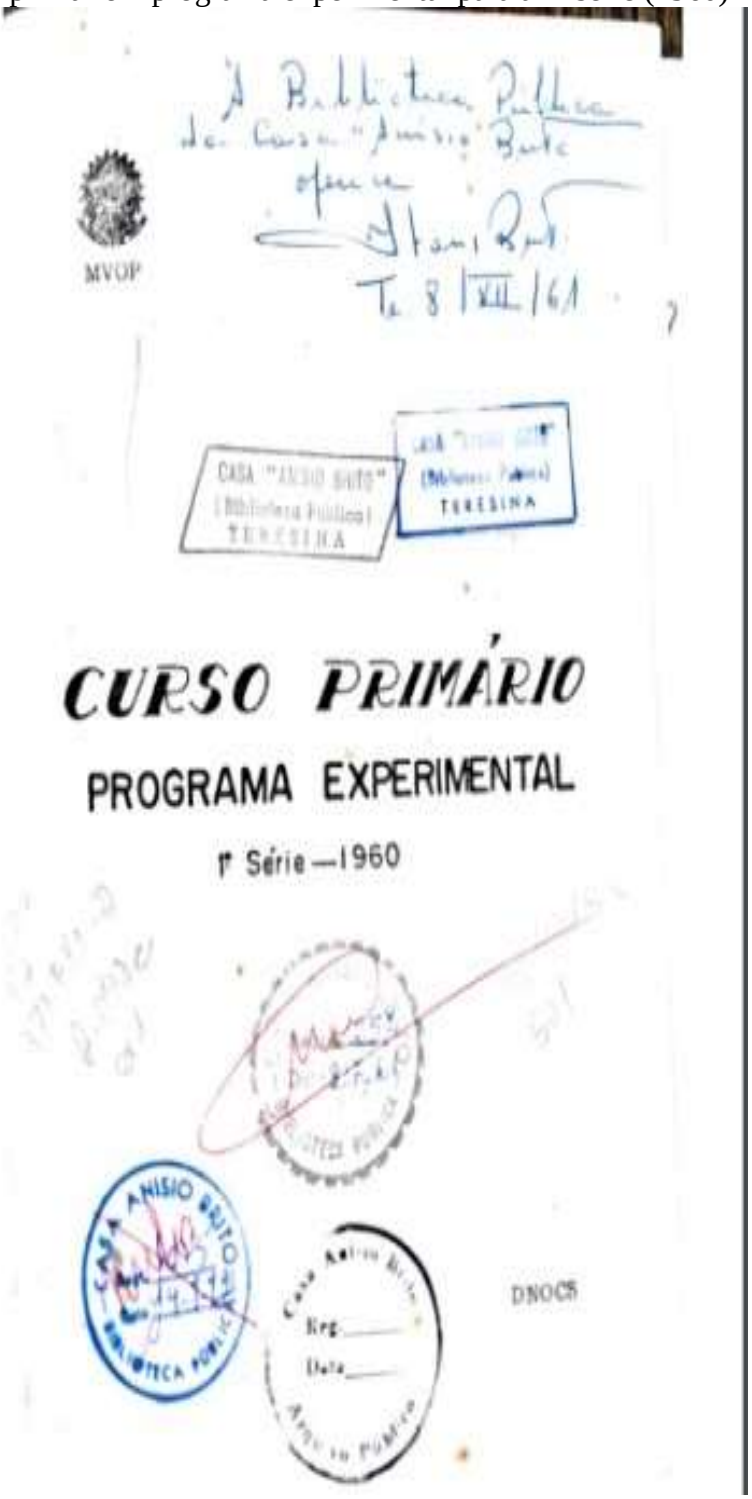
Fonte: Produzido pela autora (2021), baseado no programa experimental para a 1ª série.

Segundo Rosa Souza (2014, p. 119):

> Esse programa enriquecido e enciclopédico superior ao que vinha sendo desenvolvido nas escolas de primeiras letras do Império significou uma inovação importante, sendo adotada apenas naquelas instituições que ofereciam o curso primário completo de 4 anos de duração, isto é, as escolas-modelos e os grupos escolares. Consequentemente, foram estabelecidos diferentes programas para diferentes tipos de escolas primárias, significando, no limite, diferentes projetos culturais e de disponibilidade de acesso à cultura aos vários grupos sociais

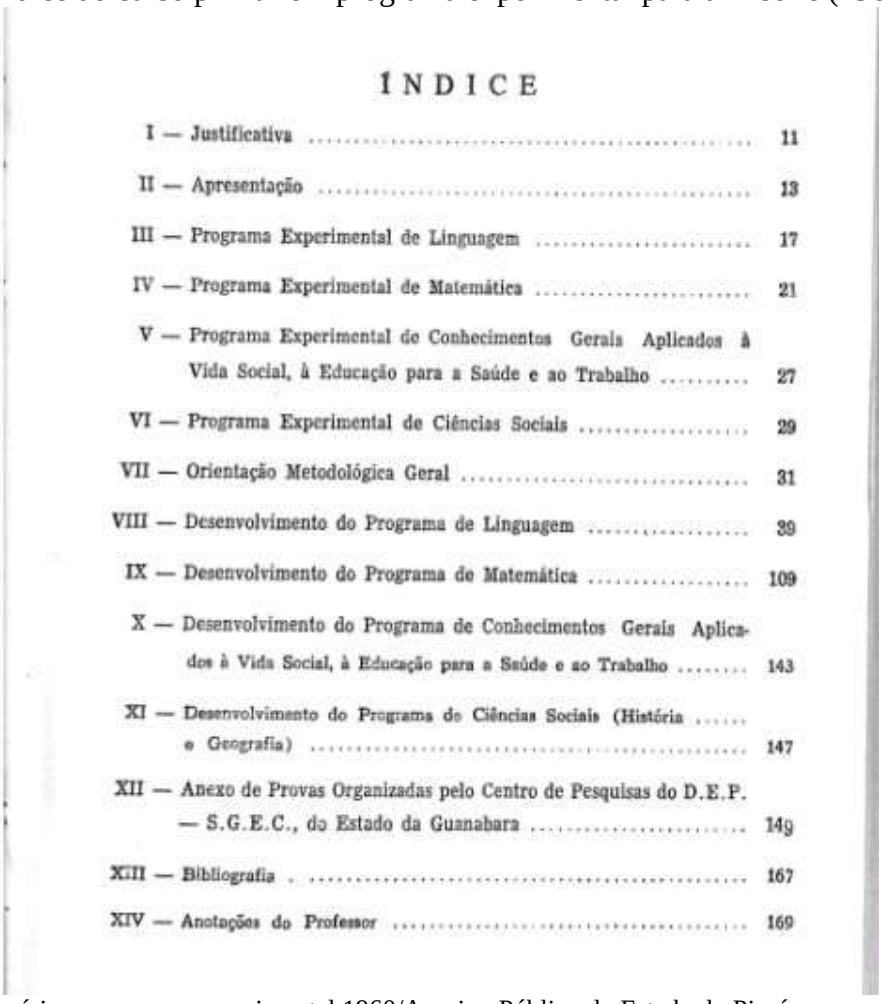
No Piauí foi utilizado um curso primário – programa experimental para a 1ª série a ser utilizado na década de 1960, tendo como incentivador do programa o então governador do Estado Francisco das Chagas Caldas Rodrigues, na época o secretário da educação do Estado do Piauí era o senhor Paulo Ferraz. Na imagem 19, segue a capa e na 20 o índice do referido programa. Este material foi aqui abordado porque, durante a pesquisa, foi constatado a distribuição dele nas escolas.

Imagem 19: Capa do curso primário – programa experimental para a 1ª série (1960)



Fonte: Curso primário – programa experimental 1960/Arquivo Público do Estado do Piauí

Imagem 20: Índice do curso primário – programa experimental para a 1ª série (1960)



ÍNDICE

I — Justificativa 11

II — Apresentação 13

III — Programa Experimental de Linguagem 17

IV — Programa Experimental de Matemática 21

V — Programa Experimental de Conhecimentos Gerais Aplicados à Vida Social, à Educação para a Saúde e ao Trabalho 27

VI — Programa Experimental de Ciências Sociais 29

VII — Orientação Metodológica Geral 31

VIII — Desenvolvimento do Programa de Linguagem 39

IX — Desenvolvimento do Programa de Matemática 109

X — Desenvolvimento do Programa de Conhecimentos Gerais Aplicados à Vida Social, à Educação para a Saúde e ao Trabalho 143

XI — Desenvolvimento do Programa de Ciências Sociais (História e Geografia) 147

XII — Anexo de Provas Organizadas pelo Centro de Pesquisas do D.E.P. — S.G.E.C., do Estado da Guanabara 149

XIII — Bibliografia 167

XIV — Anotações do Professor 169

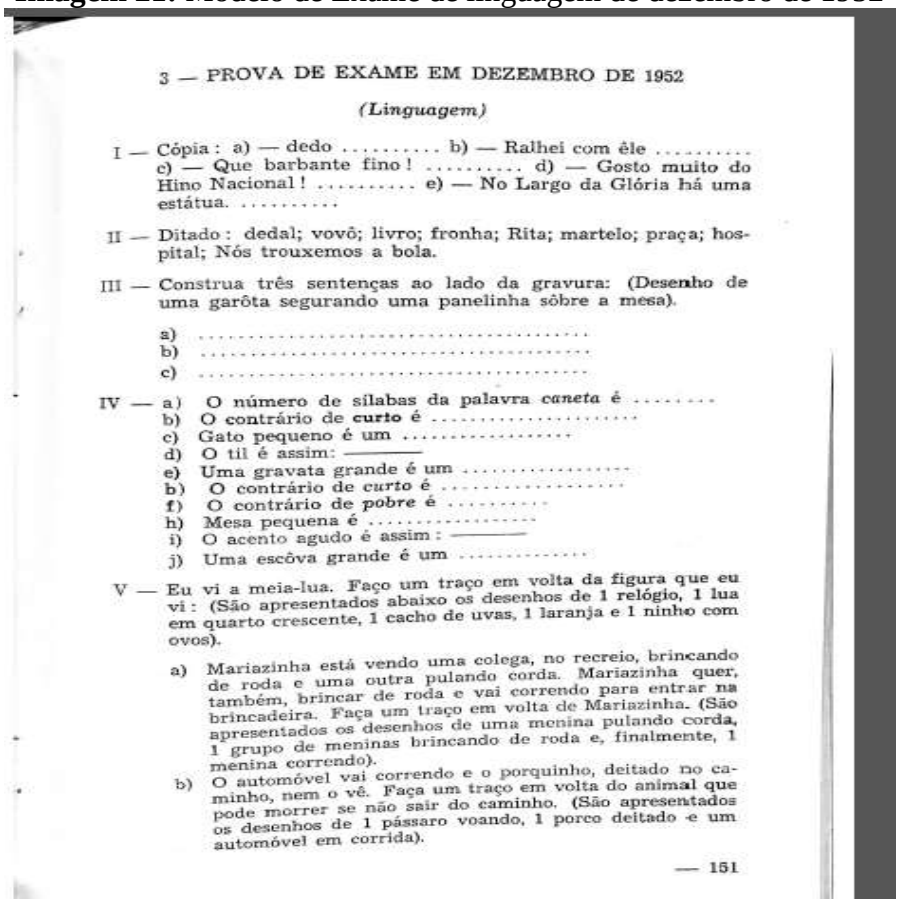
Fonte: Curso primário – programa experimental 1960/Arquivo Público do Estado do Piauí

Este programa da época utilizado no Estado do Piauí foi elaborado e distribuído pelo INEP. Apresentava os seguintes objetivos gerais no curso primário no que diz respeito ao desenvolvimento de conhecimentos gerais aplicados à vida social, à educação para a saúde e ao trabalho, Curso Primário (1960, p. 143):

> a) Despertar o interêsses da criança para natureza que aceita levando a refletir sobre a mudanças nas coisas e a sucessão dos fatos estimulando a compreensão de causas e efeitos.
> b) Iniciar a criança no estudo animais, plantas e coisas por meio da observação dos mesmos.
> c) Levar a criança a se interessar pelo meio físico que a cerca e despertalhe o desejo de conhecer a constituição e funcionamento do próprio organismo.
> d) Despertar-lhe o gôsto pelo belo: a paisagem, as plantas, as flores e os pássaros.
> e) Formar bons hábitos de higiene.
> f) Dotar a criança de noções suficiente para o combate às doenças e conservação da saúde.

> g) Levar a criança verificar que a Ciências Naturais tem ajudado a controlar certas energias da natureza para melhorar suas condições de vida. (CURSO PRIMÁRIO,1960, p. 143):

Imagem 21: Modelo de Exame de linguagem de dezembro de 1952



3 — PROVA DE EXAME EM DEZEMBRO DE 1952

(Linguagem)

I — Cópia: a) — dedo ..... b) — Ralhei com êle ..... c) — Que barbante fino! ..... d) — Gosto muito do Hino Nacional! ..... e) — No Largo da Glória há uma estátua. .....

II — Ditado: dedal; vovô; livro; fronha; Rita; martelo; praça; hospital; Nós trouxemos a bola.

III — Construa três sentenças ao lado da gravura: (Desenho de uma garôta segurando uma panelinha sôbre a mesa).

a) .....
b) .....
c) .....

IV — a) O número de sílabas da palavra *caneta* é .....
b) O contrário de **curto** é .....
c) Gato pequeno é um .....
d) O til é assim: ———
e) Uma gravata grande é um .....
b) O contrário de *curto* é .....
f) O contrário de *pobre* é .....
h) Mesa pequena é .....
i) O acento agudo é assim: ———
j) Uma escôva grande é um .....

V — Eu vi a meia-lua. Faço um traço em volta da figura que eu vi: (São apresentados abaixo os desenhos de 1 relógio, 1 lua em quarto crescente, 1 cacho de uvas, 1 laranja e 1 ninho com ovos).

a) Mariazinha está vendo uma colega, no recreio, brincando de roda e uma outra pulando corda. Mariazinha quer, também, brincar de roda e vai correndo para entrar na brincadeira. Faça um traço em volta de Mariazinha. (São apresentados os desenhos de uma menina pulando corda, 1 grupo de meninas brincando de roda e, finalmente, 1 menina correndo).

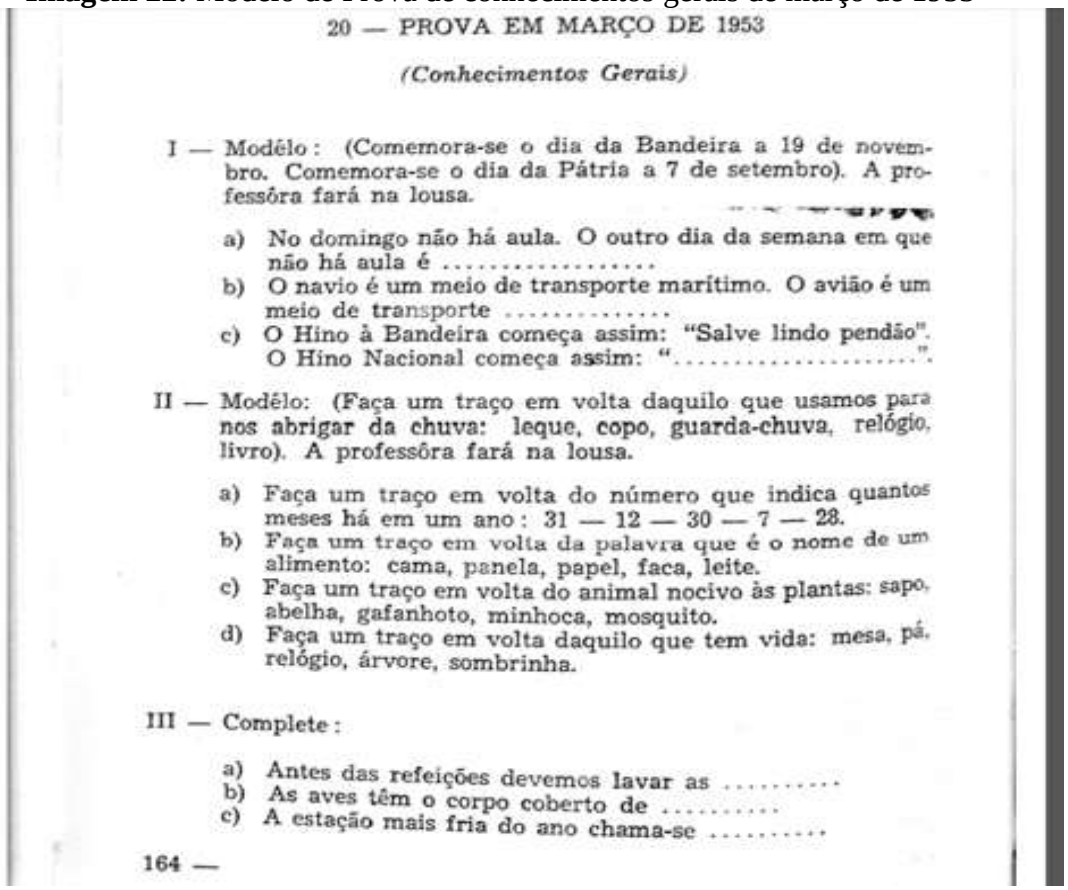
b) O automóvel vai correndo e o porquinho, deitado no caminho, nem o vê. Faça um traço em volta do animal que pode morrer se não sair do caminho. (São apresentados os desenhos de 1 pássaro voando, 1 porco deitado e um automóvel em corrida).

— 151

Fonte: Curso primário – programa experimental 1960/Arquivo Público do Estado do Piauí

Ainda no referido curso, existiam exames (provas) que podiam ser aplicados para testar os conhecimentos das crianças, como na imagem acima, retirada do documento do curso na parte referente ao anexo organizadas pelo centro de pesquisa do D.E.P - S.G.E.C do estado da Guanabara e elaboradas pelo Departamento de Educação Primária, do Distrito Federal. O exame elaborado ao final do ano de 1952 tinha como objetivo testar o conhecimento na área de linguagem no tocante à época como realização de cópia de palavras, realização de ditado – tratava-se do momento em que o aplicador, geralmente a professora, ia falando as palavras para que o aluno pudesse escrevê-las corretamente –, escrita de frases observando um imagem, responder a questões como número de sílabas, antônimo e sinônimo, escrita de sinal de pontuação e sinais gráficos, diminutivo e aumentativo, e reconhecimento de imagens e seus referidos nomes.

Imagem 22: Modelo de Prova de conhecimentos gerais de março de 1953



20 — PROVA EM MARÇO DE 1953

(Conhecimentos Gerais)

I — Modêlo: (Comemora-se o dia da Bandeira a 19 de novembro. Comemora-se o dia da Pátria a 7 de setembro). A professôra fará na lousa.

a) No domingo não há aula. O outro dia da semana em que não há aula é .....
b) O navio é um meio de transporte marítimo. O avião é um meio de transporte .....
c) O Hino à Bandeira começa assim: "Salve lindo pendão". O Hino Nacional começa assim: "....."

II — Modêlo: (Faça um traço em volta daquilo que usamos para nos abrigar da chuva: leque, copo, guarda-chuva, relógio, livro). A professôra fará na lousa.

a) Faça um traço em volta do número que indica quantos meses há em um ano: 31 — 12 — 30 — 7 — 28.
b) Faça um traço em volta da palavra que é o nome de um alimento: cama, panela, papel, faca, leite.
c) Faça um traço em volta do animal nocivo às plantas: sapo, abelha, gafanhoto, minhoca, mosquito.
d) Faça um traço em volta daquilo que tem vida: mesa, pá, relógio, árvore, sombrinha.

III — Complete:

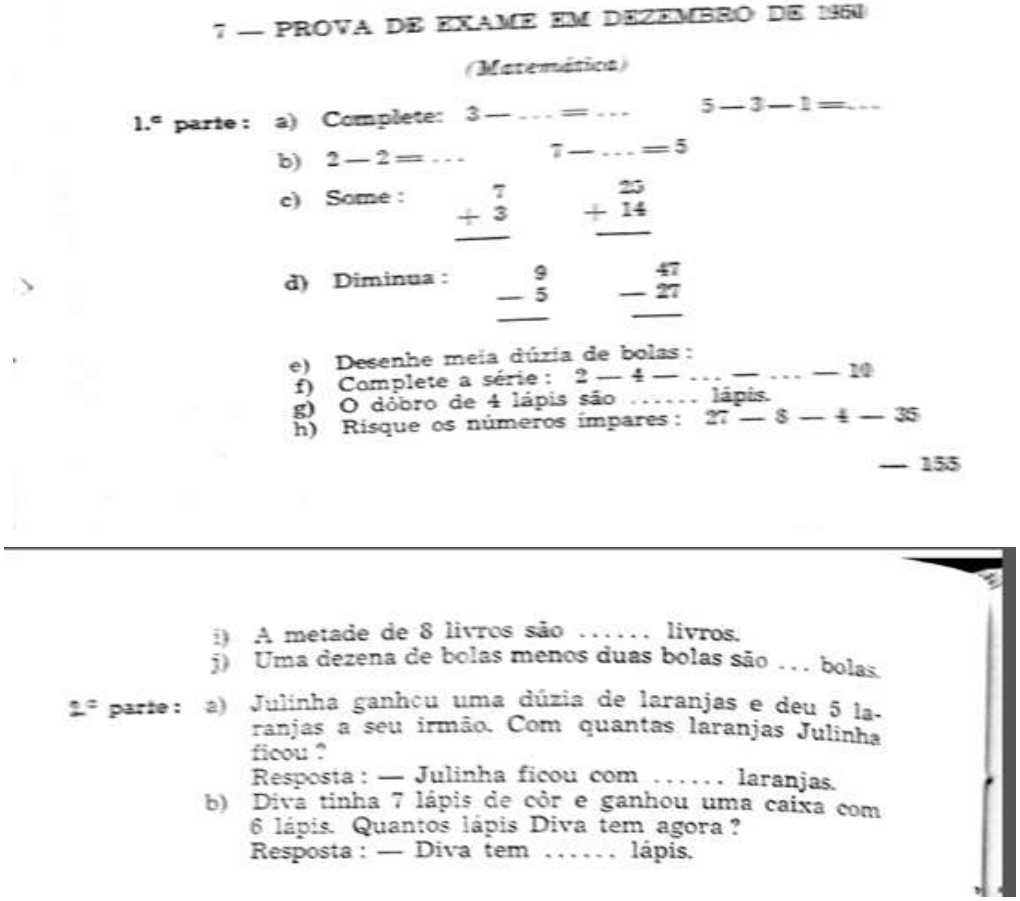
a) Antes das refeições devemos lavar as .....
b) As aves têm o corpo coberto de .....
c) A estação mais fria do ano chama-se .....

164 —

Fonte: Curso primário – programa experimental 1960/Arquivo Público do Estado do Piauí

Outro exame que analisamos aqui se trata de uma prova sobre conhecimentos gerais aplicados no início do ano letivo de 1953, que buscava fazer com que a criança mostrasse seu conhecimento em sequência sobre dias da semana, tipos de transportes e até mesmo sobre completar o Hino Nacional, reforçando a ideia de decorar determinado conteúdo. Encontra-se uma questão de múltipla escolha para indicar meses do ano, animais nocivos, nomes de alimentos e seres que tenham vida. E, por fim, uma questão de completar que tratava de assuntos relacionados à área de ciências naturais.

Imagem 23: Modelo de Prova de Matemática de março de 1960



7 — PROVA DE EXAME EM DEZEMBRO DE 1960

(Matemática)

1.ª parte: a) Complete: 3 — ... = ... 5 — 3 — 1 = ...

b) 2 — 2 = ... 7 — ... = 5

c) Some: 7 + 3 ____ 25 + 14 ____

d) Diminua: 9 − 5 ____ 47 − 27 ____

e) Desenhe meia dúzia de bolas:

f) Complete a série: 2 — 4 — ... — ... — 10

g) O dôbro de 4 lápis são ..... lápis.

h) Risque os números ímpares: 27 — 8 — 4 — 35

— 155

i) A metade de 8 livros são ..... livros.

j) Uma dezena de bolas menos duas bolas são ... bolas.

2.ª parte: a) Julinha ganhou uma dúzia de laranjas e deu 5 laranjas a seu irmão. Com quantas laranjas Julinha ficou?

Resposta: — Julinha ficou com ..... laranjas.

b) Diva tinha 7 lápis de côr e ganhou uma caixa com 6 lápis. Quantos lápis Diva tem agora?

Resposta: — Diva tem ..... lápis.

Fonte: Curso primário – programa experimental 1960 /Arquivo Público do Estado do Piauí

Em relação à disciplina de Matemática, observamos aqui um exame realizado em dezembro de 1960, que contemplava operações com adição e subtração, dúzia, dobro, números pares e impares, metade e problemas de adição e subtração. O exame encontrava-se dividido em duas partes.

3.3 Os profissionais da fiscalização e boa conduta: os inspetores e as diretoras

Ao tratarmos sobre a temática da inspeção escolar no século passado, voltamos um pouco mais no tempo, precisamente em 1599, ano este que nos mostra Zanoti (2017) a existência da figura do inspetor escolar não conhecido por este nome, mas que de alguma forma tinha como função cuidar da disciplina e controle das atividades desenvolvidas nas primeiras escolas de nosso país ainda colônia de Portugal. A figura a que nos referimos trata-se do Ratio Studiorum nos colégios organizados pela Companhia de Jesus.

Zanoti (2017, p. 9) assim nos apresenta a figura do inspetor escolar desse período:

> O que se verifica é que a figura do inspetor de alunos, mesmo com uma nomenclatura diversa existe, no Brasil, desde quando as primeiras escolas foram aqui implantadas. E que sua função se relacionava a alguma forma de controle. Dentre as 50 atribuições do prefeito de estudos inferiores, encontram-se a obrigação de ajudar o Reitor junto aos alunos; o acompanhamento e a ajuda aos professores, bem como a fiscalização de suas aulas; determinação dos lugares dos alunos em sala de aula e em filas, bem como os horários de estudos privados; nomear censores (que vigiem os colegas) e corretores (que punam os colegas) para as salas de aula; vigiar a entrada e a saída tanto das aulas como das missas; cuidar da ordem nos pátios.

Chegando ao ano de 1799, a atividade de inspeção era realizada por um professor de confiança do vice-rei, dando início assim à fiscalização das aulas régias. Trabalho este dividido entre fiscalizar o funcionamento da escola, o comportamento dos professores, a metodologia de ensino e o desempenho dos alunos. Zanoti (2017) reforça que o final do século XIX iniciou-se os concursos para a nomeação dos inspetores determinados pela reforma Afonso Pena.

Os inspetores ganharam ainda mais destaque com a criação em 1927 da Inspetoria Geral da Instrução Pública, que determinava a fiscalização do ensino elementar por parte dos inspetores em parceria com o governo Federal. Porém, no período do Estado Novo, os Estados passam a assumir a legislação, administração e fiscalização do ensino. No Piauí também não fora diferente ao se falar em inspeção. Lembramos da Lei n. 548, de 30 de março de 1910, da reforma da instrução pública do Estado sobre a qual nos diz Ferreira (2017, p. 45): “Assim, o ensino primário nesta época era ofertado pelo Estado, mas também pela iniciativa privada de docentes. A lei estipulava a necessidade de fiscalização do ensino primário em cada município, sendo para tanto nomeados dois inspetores. ”

Ainda no mesmo ano, a Lei n. 565, publicada no dia 22 de junho de 1910, trata da regulamentação geral da instrução pública. Ferreira (2017, p. 45) mostra-nos que:

> As inspeções dos alunos permaneciam nesta lei, sendo criados quatros lugares de inspetores de alunos, sendo dois no Liceu Piauiense, dois na escola normal, tendo a remuneração de um conto de reis e o governador tinha a liberdade de contratar seus professores, podendo ser dentro ou fora do país.

Após esse período, precisamente no ano de 1933, os inspetores eram regulamentados pela Reforma em seu capítulo IX. As visitas destes às escolas eram quase sempre sem aviso

prévio, momento no qual escreviam relatórios detalhados os quais eram posteriormente publicados em Diário Oficial. Os inspetores não podiam passar mais de 15 dias nas localidades em que faziam suas visitas.

Chegando ao ano de 1947, Brito (1996, p.108) reforça a necessidade e a importância da inspeção escolar no ensino primário no Piauí:

> Considerando a necessidade de reorientar a inspeção escolar então restrita à função de fiscalização, o INEP passou a instalar Centros de Treinamento em diferentes regiões do país com o objetivo de preparar pessoal para supervisão do ensino primário. Um desses Centros, o de Colatina, no Espírito Santo, foi responsável pela formação dos primeiros supervisores do ensino primário no Piauí.

No tocante à inspeção escolar no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, precisamos lembrar que, em meados da década de 1930, a cidade de Picos encontrava-se ainda mergulhada nas atividades rurais, como bem nos mostra Vieira (2002, p. 1):

> Era como uma sociedade de vaqueiros e agricultores que Picos permaneceria durante as primeiras décadas do século XX, ou seja, um município que, embora tendo como sede uma cidade criada pelas exigências da República, manteve, no arrastar dos anos, suas feições de comunidade rural.

Mesmo assim, o Grupo Escolar Coelho Rodrigues era bem visto e também visitado por diferentes pessoas que passavam pela cidade. Como nos descreve Jane Sousa (2005, p. 48):

> O Grupo Escolar Coelho Rodrigues funcionava como um cartão postal da cidade, servindo de ponto de visitas para aqueles que se destinavam a Picos. Para a comunidade, era o que se tinha de melhor para apresentar aos visitantes, dessa maneira a escola recebeu inúmeras visitas que deixaram suas impressões no livro de visitas e inspeção do Grupo Escolar. Em 2 de agosto de 1933, o Grupo recebeu uma visita da embaixada acadêmica cearense, que estava em excursão pelo Piauí, representando a Casa do Estudante Pobre de Fortaleza. Na sua passagem, essa embaixada enalteceu o trabalho do Grupo, elogiando o progresso intelectual da mocidade picoense.

Esse destaque dado aos grupos escolares efetivou-se em todo país, principalmente nos grandes centros urbanos e cidades em processos de urbanização. E o papel dos inspetores veio à tona com grande ênfase, como nos mostra Faria Filho (2014, p. 125):

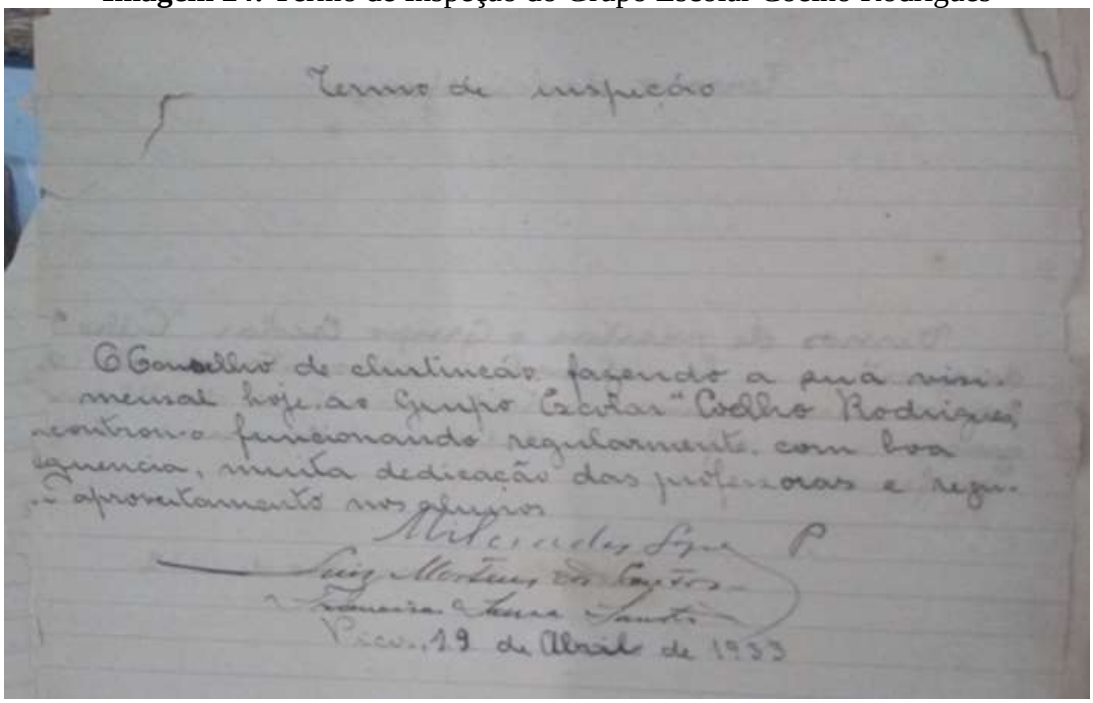
> Realizar o intenso trabalho de uma nova e singular cultura escolar, tendo como referência os grupos escolares, legitimá-la e impô-la como referência par o conjunto da instrução pública primária, foi uma tarefa à qual se

> dedicaram, particularmente, dois conjuntos de profissionais: o primeiro, constituído na sua totalidade por homens, eram os inspetores de ensino, categoria "profissional" que existia desde início do Império, e que se viu sobremaneira fortalecida pela reforma que introduziu os grupos escolares; a segunda, composta exclusivamente por mulheres, eram as diretoras, criação genuína da reforma e à qual era deitado, em boa parte, o fracasso ou sucesso dos grupos escolares.

Esses profissionais apresentavam seus posicionamentos acerca das representações escolares em reuniões do conselho. Como exemplo, temos o Conselho Popular de Inspeção de Picos, que se reunia de três em três meses e que tinha como função examinar a sala de aula, o aproveitamento dos alunos, a frequência e o trabalho das professoras. Foi criado em 29 de junho de 1929, sendo que o primeiro Inspetor a visitar o referido Grupo Escolar, no dia 23 de junho de 1933, o senhor Sr. Felismino Freitas Weser.

O livro de inspeção aqui por nós abordado consta de um termo de abertura datado de 19 de abril de 1933 seguido do um termo de inspeção:

Imagem 24: Termo de Inspeção do Grupo Escolar Coelho Rodrigues


Termo de inspeção

O Conselho de Instrucção fazendo a sua visita mensal hoje ao Grupo Escolar "Coelho Rodrigues" encontrou-o funcionando regularmente, com boa regencia, muita dedicação das professoras e regular aproveitamento nos alumnos.

Picos, 19 de Abril de 1933

Fonte: Livro de Inspeção (Museu Ozildo Albano)

Observou-se também que, no mesmo Livro de Inspeção, eram registradas as reaberturas das aulas do Grupo Escolar Coelho Rodrigues dos anos que se seguiam. No dia 1º março de 1948, deu-se início ao ano escolar com uma frequência de 244 alunos, sendo a diretora no ano a senhora Ricardina de Castro Neiva. E, com o tempo, ia crescendo a procura por matrículas no Grupo Escolar.

Constatamos no Livro de Inspeção em análise que no dia 1º de março de 1951 deu-se início a mais um ano letivo com 291 matrículas efetuadas, sendo que inicialmente frequentaram 211 alunos. Neste ano, a escola tinha como diretora a senhora Maria das Neves Santos. Já no dia 4 de março de 1954 o grupo contava com 320 alunos, sendo a diretora substituta na época a senhora Benvinda Santos Nunes.

No decorrer da leitura e análise do Livro de Inspeção, vemos que os inspetores são insuficientes na sua função. E, realmente, foram observadas visitas que pouco resolviam os problemas existentes no Grupo Escolar. Podemos perceber, porém, a satisfação por parte do Inspetor de Ensino João Clementino de Sousa Santos em uma visita ao Grupo Escolar Coelho Rodrigues ao se referir à diretora normalista Benvinda Nunes

Ele fala no tocante ao seu zelo e dedicação ao trabalho realizado naquela instituição. Para ele, a diretora, juntamente com as professoras, demonstrava um comprometimento exemplar para com a mocidade, como observamos no trecho retirado do Livro de Inspeção, visita esta realizada em 6 de junho de 1953.

> Em cêrviço de inspensão escolar visitei o Grupo Escolar "Coêlho Rodrigues", nesta cidade de Picos encontrando mais ou menos em ordem, notamos se o zelo e dedicação da Diretora Normalista Benvinda Nunes, que em conjunto com asa demais professoras que ali pontificam, mostrado –se criteriosas e ativas, dinâmicas nos comprimentos de seus afazeres de preceptoras da mocidade. Que esta fase seja de continuidade, sinceramente desejamos. (PICOS, 1954)

Se observa ainda a existência de dois tipos de inspeção: a técnica e a administrativa, ambas bem definidas por Faria Filho (2014, p. 128):

> A chamada inspeção administrativa, que incluía o controle de todos os atos e as relações das professoras com a Secretaria, era, no âmbito do regulamento, função determinada mais para os chamados "inspetores escolares municipais" esses praticamente nenhuma ingerência tinham sobre os processos de ensino propriamente dito, a não ser aqueles relacionados com as festas e comemorações escolares. Eram os inspetores técnicos os responsáveis pela reação mais direta com as professoras, as diretoras e os (as) alunos (as).

Outra visita que nos chamou atenção foi a realizada pelo inspetor David Ângelo Leal em 3 de setembro de 1954, que fora nomeado como Inspetor do Ensino Primário Estadual de Picos pela portaria 7.432 de 5 de junho 1954. Ele teve contato nos primeiros dias do mês de setembro como o corpo docente e discente do Grupo Escolar Coelho Rodrigues. A diretora

que o inspetor intitulou de esforçada era a senhora Benvinda Santos Nunes, que era auxiliada por treze professoras.

Nesta mesma visita, o inspetor mostra-nos detalhadamente o movimento estatístico de matrículas: Geral inicial de 320 alunos, Suplementar de 29 alunos, e Geral Atual de 305 alunos, sendo 177 do sexo masculino e 128 do sexo feminino, que foram distribuídos assim: 1ª série - 106 masculinos e 75 femininos (181); 2ª série - 23 masculinos e 28 femininos (61); 3ª série - 25 masculinos e 14 femininos (39) e 4ª série - 13 masculinos e 11 femininos (24).

Além desse detalhamento de matrículas, cobra-se a regulamentação e controle da frequência dos alunos e professores, fato este que já vinha se estendendo desde as escolas oitocentistas, como nos mostra Sousa (2009 p. 34):

> Desde o início do século os professores ficaram obrigados a emitir mapas semestrais atestando a matrícula e comparecimento dos alunos, e cabia ao serviço de inspeção atestar mensalmente a frequência do professor, requisito para o recebimento do salário. Nessa rede de vigilância a frequência tornou-se alvo de preocupação permanente dos professores, dos responsáveis pela instrução pública e dos políticos que expressavam diferentes posições na forma de interpretar o problema: desleixo dos professores, falta de interesse da população pela escola, descaso dos poderes públicos pela educação do povo.

Os pontos negativos também são abordados pelo inspetor no tocante a estrutura do prédio, dos materiais escolares necessários que se encontram escasso, das carteiras que são utilizadas pelas crianças que são utilizadas também por rapazes e moças em virtude de que a tarde no prédio do Grupo Escolar funcionava aulas do Ginásio Estadual Picoense e a noite de três escolas supletivas. Fato este, que mostra a preocupação das professoras na conservação material tanto dos poucos recursos como da estrutura do prédio do Grupo Escolar.

Finalizando a visita o Inspetor David Ângelo Leal afirma que:

> É preciso também que se facilite o mais possível o ensino para todas as crianças de Picos, aumentando o número de salas, ainda que seja criar uma Escola agrupada em outro ponto da cidade de preferência na zona Norte, de gente tão humilde e pobre. A futurosa cidade de Picos já composta por outros educandários. Com atuação de há mais que quatro anos do Ginásio estadual Picoense, incrementou-se aqui de muito o gôsto pela instrução (PICOS,1954)

Outro fato importante de destaque foi a afirmação encontrada na visita realizada pelo inspetor Erasmo de Sousa Borges, no dia 16 de outubro de 1954, quando diz que as professoras precisam cooperar com a diretora no sentido de promoverem festas para arrecadar dinheiro para poderem adquirir matérias necessários para o bom desenvolvimento das

atividades no Grupo Escolar. Podemos perceber na fala dos entrevistados, tanto alunos quanto das professoras, que o Estado não disponibilizava nenhum tipo de recurso financeiro ou material para que fosse desenvolvido as atividades escolares de forma eficiente, partindo dos envolvidos no processo ensino-aprendizagem a aquisição de tais materiais.

Essa afirmação do inspetor Erasmo Borges confirma-nos o fato relatado por Faria Filho (2014, p. 186) a respeito de uma festa realizada em Grupo Escolar onde a diretora afirmou ter pagado todas as despesas da referida festa:

> A diretora do Grupo Escolar do Barro Preto, cujo processo de organização nos referimos no primeiro capítulo, ao relatar a festa de inauguração dele, na qual compareceram diversas autoridades, relata também: "Todas as despesas para a festa, inclusive a de muitos uniformes aos (às) alunos(as), foram feitas exclusivamente à minha presença, que para levar ao efeito a realização do ato despedi a importância de 1.480$500". Para quem recebia um salário anual de 3.600$00, a quantia despedida na festa corresponde a quase seis meses de salário, ou a exatos nove meses de salários de uma professora.

Para melhor frisar as visitas realizadas ao Grupo Escolar Coelho Rodrigues, observemos o quadro resumo abaixo:

Quadro 13: Visitas ou outros fatos ocorridos antes do período em estudo

DATA	INSPETOR /DIRETOR/OUTRO VISITANTE	FATO OCORRIDO
19/04/1033	Presidente de Conselho	Termo de Abertura
19/05/1933	Presidente de Conselho	Termo de Encerramento
23/06/1933	Felismino Freitas Weser	Visita de Técnica de ensino
02/08/1933	Lourival Correia Lima Alberto Moura Monteiro Wilson Barros	Visita da Embaixada Acadêmica Cearense
02/09/1933	Elias Araújo	Visita de Inspeção e apreciação de trabalhos dos alunos
03/05/1934	Clemente Elias Ferreira Neto	Visita de Inspeção com destaque positivo a higiene, ordem e disciplina
15/06/1934	Anísio Brito	Visita de Inspeção elogiando o entusiasmo das professoras
27/08/1934	Felismino Freitas Weser	Visita em que o Inspetor lamenta a falta de uma professora para o melhor andamento dos trabalhos
22/08/1936	Alceu Brandão	Visita em que o inspetor registrou uma boa harmonia no Grupo Escolar.

10/05/1941	Abílio Neiva	Visita em que o Inspetor lamenta o trabalho das professoras e a escassez de materiais.

Fonte: elaborado pela autora, com Base no Livro de Inspeção do Grupo Escolar Coelho Rodrigues (2020)

Quadro 14: Visitas ou outros fatos ocorridos no período em estudo

QUADRO	INSPETOR/DIRETOR/OUTRO VISITANTE	FATO OCORRIDO
2/05/1947	João Santos	Em visita de inspeção recomendou à Diretora e às professoras que desenvolvessem melhor suas funções para impor disciplina
1/03/1948	Ricardina de Castro Neiva (Diretora)	Termo de reabertura das aulas
1/03/1951	Maria das Neves Santos (Diretora)	Termo de reabertura das aulas
6/06/1953	João Clementins de Sousa Dantas	O inspetor reforçou em sua visita o zelo e dedicação da diretora e das professoras em suas respectivas funções
4/03/1954	Benvinda Santos Nunes (Diretora)	Termo de reabertura das aulas
3/09/1954	David Angelo Leal	Visita de Inspeção em que ficou clara a necessidade de ampliação do Grupo escolar para que outras crianças pudessem ter acesso.
16/10/1954	Erasmo Souza Borges	Visita em que o inspetor relata a falta de professores qualificados, falta de carteiras e materiais, frisando o descuido com o prédio escolar.
26/07/1955	Manoel Felício Pinto (Juiz de Direito de Jaicós)	Sua visita reforça a importância do Grupo escolar para a cidade de Picos

Fonte: elaborado pela autora, com Base no Livro de Inspeção do Grupo Escolar Coelho Rodrigues (2020)

Neste capítulo, vimos também a importância da diretora para um grupo escolar, pois esta tinha a função de zelar pelo bom andamento dos trabalhos e pela organização e disciplinas dos alunos. Entrevistamos uma senhora que foi diretora no Grupo Escolar Coelho Rodrigues que nos revelou detalhes tanto do grupo como da cidade de Picos no período de nossa pesquisa. A entrevistada nasceu em Bocaina/Piauí, que, nessa época, a 2 de junho de

1945, pertencia município de Picos. Atualmente reside em Teresina, e aqui será chamada carinhosamente de Evan, como é conhecida. Sobre sua formação ela nos disse:

> Minha formação foi a seguinte: eu fiz curso pedagógico, mas antes estudei no Grupo Coelho Rodrigues, onde fiz meu primário e logo após no colégio das irmãs, o Sagrado Coração de Jesus, aqui em Teresina, depois eu fiz o curso pedagógico. E aí fui fazer o meu curso na Universidade Federal do Ceará, um curso de Agronomia. Para realizar esse processo de formação foi muito difícil, até porque minha família era numerosa e meus pais queriam dar estudo a todos os filhos. Quando todos já se encontravam em Teresina para estudar, meu pai resolveu ir embora de vez da Bocaina, para dar um suporte e acompanhamento melhor a seus filhos (EVAN, 2021).

Observamos, na fala de nossa entrevistada, como era difícil conseguir estudar e alcançar uma formação maior naquele período, além do interesse dos filhos, destacando aqui o empenho em alcançar uma formação além da que era disponibilizada em Picos, cidade mais próxima de sua cidade natal, Bocaina. Os pais da entrevistada preocupavam-se com o futuro escolar e profissional de seus filhos, mostrando também que para aqueles que não possuíam um poder aquisitivo maior não tinham como adentrar nos grandes centros para dar continuidade nos estudos.

Sobre a cidade de Picos nas décadas de 1950 – 1970, ela relatou:

> Picos era uma cidade adiantada para aquela época, por ser ainda agrícola. Depois cresceu mais um pouco e até ficou reconhecida como cidade modelo, uma cidade muito boa, a cidade era bem estruturada. Tinha a praça Félix Pacheco, a Igreja Nossa Senhora dos Remédios, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus. As pessoas se conheciam e se respeitavam, na verdade a vizinhança era uma grande família, todo mundo se conhecia, era uma convivência sadia e sem problemas (EVAN, 2021).

Esse relato reforça o que podemos observar nas demais falas a respeito da convivência e tranquilidade que a cidade de Picos transmitia no período ao qual realizamos esse estudo. Ao falarmos sobre o Grupo Escolar Coelho Rodrigues e sua estrutura, ela se expressou com grande admiração, reforçando como aquele espaço escolar era realmente grandioso para o seu tempo:

> O prédio ficava de frente para uma praça, onde também se localizava a sede da Prefeitura da cidade, para aquele tempo era um prédio razoável bom, bem localizado, tinhas as salas de aula, sala da diretoria, sala de professores; tinha os banheiros para meninas e meninos. Uma edificação muito boa para aquele tempo, um bom colégio, um bom espaço (EVAN, 2021).

Segundo a nossa entrevistada, houve um período de tanta procura para matrícula que se fez necessário a divisão do Grupo em três turnos.

> No Grupo Escolar Coelho Rodrigues tinha da primeira à quarta série só durante o dia. Teve um período que era muito aluno e tinha três turnos separados, de manhã horário normal, outro de 11:30 às 15:00 horas e outro de 15 horas às 18:00 horas. Fui diretora muito jovem, tinha de 19 para 20 anos. Minha nomeação foi determinada pelo então secretário de educação Dr. Helvídio Nunes de Barros, já no ano de 1965. As crianças que estudavam no Grupo eram das redondezas, das mediações, tanto da cidade como das localidades mais distantes que hoje são bairros: Bomba, Canto da Várzea, Passagem das Pedras, da Rua do Cantinho, Rua do Cruzeiro, Rua 7 de Setembro (EVAN, 2021).

Essa procura deu-se por conta de que o GECR era no momento a escola de ensino primário de fácil acesso à maioria da população. Evan (2021) ainda descreveu como era a rotina diária do Grupo Escolar Coelho Rodrigues e reforçou a utilização do uniforme escolar:

> De manhã, por volta das 7 horas da manhã, a gente reunia todos os alunos em filas e colocávamos eles na parte do muro. Ali a gente rezava e cantava o hino nacional, depois disso é que íamos colocando os alunos em suas salas, a professora se dirigia à sala levando os seus alunos em fila. Quando era umas 9:30, tocava-se a campainha, era o horário do recreio e da merenda. Os alunos traziam geralmente de casa, comiam, bebiam água e aguardavam até que a campainha tocava novamente e os alunos voltavam as suas salas, dando continuidade às atividades escolares até o horário de 11 horas e à tarde no horário de 13:00h as 17:00h em um mesmo procedimento. Usavam fardamento sim! No caso das meninas uma saia azul pregueada, sendo que a cor da saia delas era a mesma cor do short dos meninos. Uma blusa branca que tinha no bolso nome do grupo e umas listas que indicavam a série da criança (EVAN, 2021).

A rotina escolar detalhada por nossa entrevistada remete-nos à afirmação da professora Ávila (2012, p. 193):

> Uma rotina que inclui a oração no primeiro momento, o hino nacional, a correção dos deveres e a leitura, uma coisa de cada vez, permitindo aos/as professores/as uma sequência de atividades que delimitavam tempo para cada uma delas. Já a distribuição das matérias ao longo do período de aula ficava a cargo do/a professor/a. Observou-se a ênfase da Língua Portuguesa e a Matemática, domínios considerados básicos para o ensino primário.

Sobre a utilização do uniforme escolar, percebemos nesse relato a função deste que, segundo Ribeiro e Sousa (2012, p. 207), "se constitui artefato que disciplina, normatiza condutas e corpos e concorre para homogeneizar o espaço escolar". A nossa entrevistada

finalizou sua fala relatando brevemente sobre as festividades que aconteciam no Grupo Escolar, destacando o Sete de Setembro:

> O Sete de Setembro lembro bastante do empenho das professoras e do entusiasmo dos alunos por conta do desfile. Existia também as festas juninas, festa das mães, festa dos Pais. Lembro-me bastante de seu Louzinho, um senhor que nos ajudava bastante, emprestava até o seu carro para fazermos apresentações no momento do desfile e de outras atividades do grupo, as famílias participavam, a comunidade e pessoas de certa influência. (EVAN,2001)

A respeito do 7 de setembro, destacamos que Ribeiro e Sousa (2012) tratam desse acontecimento como rito cívico e regulação do corpo escolar. As autoras afirmam que:

> A manifestação de patriotismo que se percebe para essa época deixa transparecer uma espécie de unidade formal que abarca alguns princípios de hierarquia representadas pela presença das autoridades públicas e militares no palanque central e de subordinação de indivíduos minuciosamente observados (RIBEIRO; SOUSA, 2012, p. 215).

A utilização dos uniformes, até mesmo nos desfiles cívicos, acontecia como estratégia de regulamentação dos sujeitos estudantis dentro e fora da escola. Revelam a necessidade de marcar lugares sociais e, por sua vez, fortalecer o papel das instituições escolares na sociedade, principalmente relacionado às questões políticas para o processo de desenvolvimento do país. Todas essas escolhas fazem parte de um movimento de exclusão e/ou inclusão em prol de uma desejada homogeneização e construção de uma cultura gritante à época de nosso estudo: a cultura cívica.

3.4 Professoras primárias: memórias e práticas escolares

Destacaremos aqui as memórias de professoras primárias levando em consideração que o professor, em sua trajetória de formação e vivência em sala de aula, constrói e reconstrói seus saberes conforme a necessidade de utilização destes, conforme suas experiências, seus percursos formativos e profissionais. Conforme Nóvoa (1995), compreendemos, inclusive, que os professores reconstroem igualmente os seus percursos profissionais para atender às exigências postas no contexto social, cultural e educacional.

Por isso toda a prática educativa é correspondente à formação recebida pelo sujeito juntamente com as experiências adquiridas ao longo de sua vida profissional, fato este que

durante muito tempo na educação ficou esquecido. Os professores muitas vezes adentravam as salas de aulas sem formação específica para atuarem e sentiam-se inseguras ao ministrarem suas aulas, portanto, recorreremos aos conceitos de identidade e de memória para permitir assim a articulação e a comunicação, mediante as falas das pessoas que foram entrevistadas, daquilo que foi vivido e experimentado. Para tanto, diz-nos Ecléa Bosi (2003, p. 68): "A narração da própria vida é o testemunho de mãos eloquentes dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória".

Vale lembrar que, no campo da história social, as experiências partilhadas dão ensejo à compreensão de processos históricos, destacando fenômenos relevantes que dizem respeitos aos desafios colocados aos sujeitos em diferentes épocas, como nos inspira o pensamentto de E. P. Thompson (2011). Com os conceitos aqui expostos e segundo Pollak (1992, p.204), entende-se que a memória é:

> Um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Aproximo-me assim aqui do problema da ligação entre memória e identidade social, como nos diz Pollak (1992), mais especificamente no âmbito das histórias de vida dos sujeitos desta investigação (as professoras), ou daquilo que hoje, como metodologia de pesquisa, a história oral.

Segundo Deus e Mendes (2016), quando conta a sua história de vida, o professor sistematiza ideias e reconstrói experiências. Assim ele abre espaços para uma autoanálise e cria bases para uma compreensão da sua própria prática. Através do relato de sua história, o professor narra o seu percurso de vida e passa a retomar alguns sentidos dados ao longo dessa trajetória e, logicamente, passa também a redefinir, a reorientar e a construir novos sentidos para essa história.

Essas histórias foram lembradas através da memória dos sujeitos da pesquisa, observando que o gênero das pessoas que contam essas histórias interfere na construção de suas identidades. Partimos do pressuposto de que é difícil ignorar a importância dos professores primários para o desenvolvimento da sociedade brasileira e, principalmente, da Educação do estado do Piauí e da cidade e Picos. As escolhas profissionais dos entrevistados, no caso de ex-professoras que atuaram diretamente no GECR, e a trajetória do processo de ensino partem de suas memórias e constituem o real.

Destacamos nas falas das entrevistadas que elas conseguem relembrar desde a sua formação inicial até a escolha pela profissão docente e sua atuação profissional durante o

recorte temporal desta pesquisa. Uma série de significados culturalmente construídos tornam-se uma marca da internalização das pessoas em um determinado tempo e lugar. Como nos diz Macedo (2015, p. 37981):

> As memórias retratam o que somos e o que fazemos, tornam-se nossa companheira inseparável. Sempre resgata do nosso íntimo e das nossas vivências recordações vivas do que construímos por meio das nossas experiências cotidianas. Portanto, investigar sobre professoras primárias no cotidiano escolar é, de certa forma, lembrarmos de fatos específicos da época da escola, desde o trajeto percorrido da casa a escola, repletos de aventuras, desafios e brincadeiras que ficaram em nossas memórias e que vale a pena serem relembrados por nós enquanto alunos e professores.

É neste processo de reflexão e de recordação que é repleto de vivências imprevisíveis que entram em cena as professoras primárias, que são sem dúvida protagonistas dessas histórias de vida tão entrelaçadas e entregues à educação, protagonistas estas que não podemos permitir que muitas vezes, por desconhecimento ou por descaso, sejam suprimidas na História da Educação. Começamos a compreender a importância das memórias aqui relatas para a construção de uma cultura escolar concreta e viva em nosso meio.

Como nos afirma Macedo (2015, p. 37986):

> Mesmo vivenciando fatos e acontecimentos de forma coletiva, cada indivíduo tem sua maneira de pensar, sentir e agir, consequentemente suas recordações serão permeadas de subjetividades próprias de cada ser. Dessa forma, cada fato vivido individualmente terá valor e significados específicos.

As professoras primárias aqui em destaque, que bem representaram essa classe docente que viveu e passou por tantas adversidades em meio árdua missão de ensinar, serão chamadas pelos seguintes nomes: Esperança, Girassol e Estrela todas elas lecionaram no Grupo Escolar Coelho Rodrigues no recorte de nossa pesquisa. Nas falas das entrevistadas, abordamos desde a sua formação, conhecimento da cidade onde moravam, no caso a cidade de Picos, e como era trabalhar no Grupo Escolar Coelho Rodrigues.

A professora Esperança nasceu em Picos em 1/1/ 1947. Ao ser questionada sobre a sua formação escolar e em que instituições escolares estudou, ela relatou que:

> Minha formação, eu sou Pedagoga, mestre em Serviço social no Programa pelo Minter, Mestrado Interinstitucional de uma parceria do Instituto Educacional Superior R. Sá. Na minha infância eu estudei o ensino primário até a 4ª série e exame de admissão no Instituto Monsenhor Hipólito, o IMH. Pela manhã, eu ia para a escola particular da professora Lurdinha Carvalho, Maria de Lourdes Carvalho, depois essa escola se chamou de Escola Santa

> Teresinha. Fiz o Ginásio da época da 5ª série a 8ª série no Ginásio Estadual Marcos Parente, depois fui fazer o curso de Pedagogia, formação de professores do Ensino Médio no Colégio Santa Tereza de Jesus no Crato-Ce. Fiz uma Licenciatura Curta em Estudos Socais na UFPI no campus de Teresina e fiz minha Licenciatura Plena em Pedagogia na UFPI aqui de Picos, hoje CSHNB - Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (ESPERANÇA, 2021).

No momento deste relato, conta com entusiasmo que sempre gostou de estudar e sonhava em se formar e ser professora. Mesmo tendo passado alguns momentos difíceis da profissão, nunca pensou em desistir:

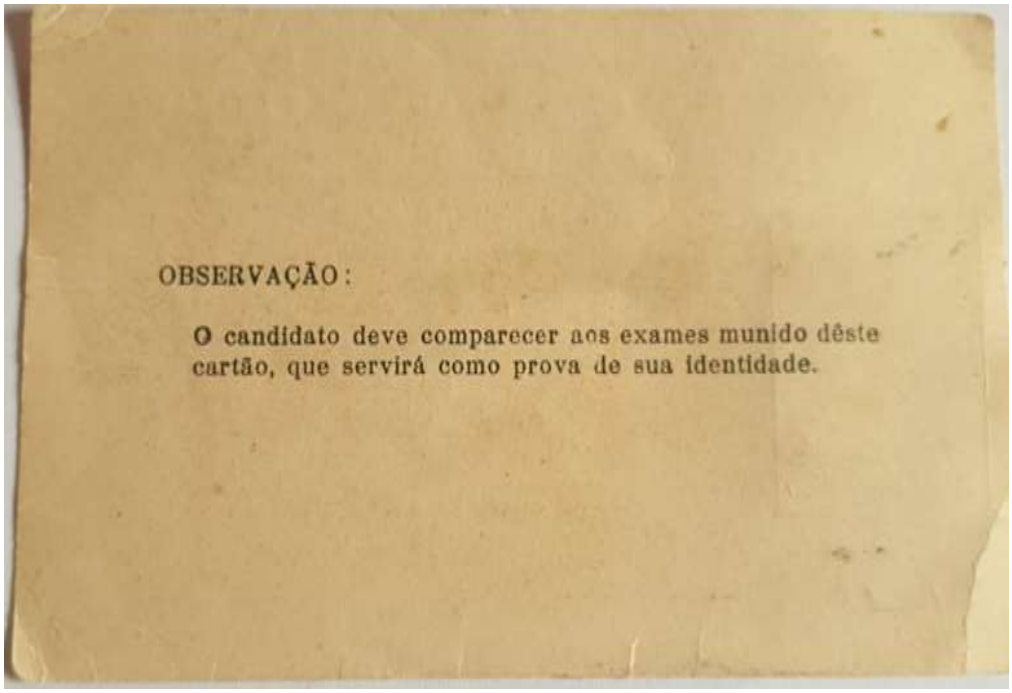
> Eu lecionei no Grupo Escolar Coelho Rodrigues nos anos de 1967, 1968 e 1969. Em 1969, o Coelho Rodrigues passou a funcionar no mesmo prédio onde funcionava o Ginásio Marcos Parente, na Rua Monsenhor Hipólito, onde funcionou a 9ª Regional de Educação (9ª GRE). Quando foi em 1970, o Marcos Parente foi transferido para o seu novo prédio onde funciona até hoje, no bairro Bomba. Neste ano eu passei a lecionar no Marcos Parente os 3 horários. Foi um período assim: de 1970 a 1975 eu dava 5 aulas de manhã, 5 aulas à tarde e 4 aulas à noite das disciplinas História do Brasil e História Geral. Eu tinha feito o curso de CADES em Teresina - PI, um curso de aperfeiçoamento de professores do ensino secundário para ensinar História. Eu tinha a capacitação, então foi dada a preferência a essas professoras que tinham se capacitado para dar aula no Ginásio. Na época o número de alunos já era grande. O colégio me pedia esse serviço e aí eu dava (ESPERANÇA, 2021).

Neste relato, percebemos a importância da capacitação e aperfeiçoamento na área de formação, o que ajudava a professora a conseguir outras experiências profissionais. O CADES, segundo a entrevistada, era uma Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário que fora criado em 1953 no governo do então presidente Getúlio Vargas e estendeu-se até a reforma do ensino de 1971. No Piauí, as aulas aconteciam em Teresina, no Colégio Liceu, e era coordenado pela UFC, com sede em Fortaleza/Ceará, nos meses de Janeiro e Fevereiro. Os professores desse curso estudavam para realizar um exame chamado de Exame de Suficiência para que, com o resultado satisfatório, pudessem receber um certificado de que estavam habilitados para trabalharem com a respectiva disciplina nas salas do Ensino Secundário (Ginásio). Esse curso ajudou bastante, pois muitos professores estavam habilitados a trabalharem no Ensino Primário, destacando assim a possibilidade de trabalharem no Ensino Secundário.

Imagem 25: Inscrição no Exame de Suficiência de 1968



M. E. C. — UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
EXAMES DE SUFICIÊNCIA DE 1968
INSCRIÇÃO N.º 99
Maria Oneide Fialho Rocha
NOME DO CANDIDATO
História
DISCIPLINA
Em 3 / 2 / 1968
Heloisa Helena Câmara
CHEFE DA SEÇÃO DIDÁTICA
Válido até 8 / 2 / 1968
VISTO:
Maria Eldenora de Oliveira Lima
SECRETÁRIO



OBSERVAÇÃO:

O candidato deve comparecer aos exames munido dêste cartão, que servirá como prova de sua identidade.

Fonte: Arquivo Pessoal da Professora Oneide Fialho Rocha

Imagem 26: Certificado de habilitação para ensinar no Ensino Secundário com a disciplina de História





Fonte: Arquivo Pessoal da Professora Oneide Fialho Rocha

Ao ser questionada sobre as disciplinas ministradas por ela, a professora recordou-se até de uma mudança do Grupo Escolar para outro prédio por conta de problemas físicos. Essa mudança deu-se final do ano de 1969 e início do ano de 1970:

> A disciplinas eram Português, Matemática, Ciências, Geografia e Religião, dei aula na 3ª série e na 4ª série preparando os alunos para o Exame Admissão. Naquele tempo para entrar do Primário para o Ginásio se fazia uma prova, era como um vestibular, quem passava soltava fogos, fazia festa, porque as vagas eram poucas. Aí quando o Coelho Rodrigues saiu de onde era localizado para o prédio da antiga 9ª GRE, eu lecionei Português,

> História, Religião e a minha colega Professora Gracinha Granja lecionava outras disciplinas: Ciências e Matemática. A mudança do Grupo se deu de forma temporária no início da década de 1969 por conta de uma reforma que se fez necessário ao prédio do Grupo Coelho Rodrigues, devido às fortes chuvas. No prédio onde o Grupo foi funcionar em algumas salas funcionava também o Marcos Parente (ESPERANÇA, 2021).

Várias eram as interferências naturais que podiam afetar o ambiente físico escolar, bem como a cidade como o todo. As professoras entrevistas mostram a preocupação que se criava em torno das estações chuvosas e, consequentemente, das grandes cheias que prejudicavam a vivência social na cidade de Picos, as casas e comércios atingidos, pessoas desabrigadas, situação triste para época.

Outra professora aposentada entrevistada por nós para construir a compreensão a respeito das memórias docentes e das práticas desenvolvidas ao lecionar no Grupo Escolar Coelho Rodrigues foi a professora denominada aqui de Girassol, nascida em Picos/PI a 08 de dezembro de 1937. No tocante à sua formação escolar e instituições escolares em que estudou, ela disse:

> Hoje graças a Deus, com meus 83 anos, sempre tive muito orgulho da minha profissão e sinto isso lá da raiz. Eu estudei na Escola Municipal Landri Sales. Lá eu fiz primeiro e segundo ano, ou melhor, primeiro ano A e primeiro ano B, que antes tinha essas divisões bem diferentes de hoje. Aí fui para o Grupo Escolar Coelho Rodrigues e estudei o segundo e terceiro ano. Já o quarto ano, eu estudei no Instituto Monsenhor Hipólito. De lá, eu prestei Exame de Admissão ao Ginásio e fui selecionada para estudar no Ginásio Estadual Picoense, onde estudei da 5ª a 8ª série (GIRASSOL, 2021).

A professora Girassol continua seu relato muito emocionada e destaca um fato interessante de quando cursou o seu Ginásio:

> Interessante que o meu Ginásio, meu curso Ginasial, eu estudei no mesmo prédio do Coelho Rodrigues porque nessa época, Picos era uma cidade muito pequena e poucos alunos, o prédio do Grupo Escolar sediou os alunos do Grupo e os alunos do Ginásio. Era o Grupo Escolar de manhã e o Ginásio à tarde (GIRASSOL, 2021).

Continuando seu relato a professora frisa a respeito do seu 2º Grau e formação no Ensino Superior:

> No ensino médio, eu fui para Fortaleza. Aqui não tinha ensino médio, o segundo grau, aí eu fui, e graças ao meu irmão que me levou para lá para fazer o curso Normal, na Escola Normal Rui Barbosa. Aí eu fiz o vestibular para Universidade Federal do Ceará. Lá eu fiz o curso de Pedagogia. Me

> formei no ano de 1961, de lá retornei a Picos. Passei lá 7 anos, mas aí vim embora para minha terra (GIRASSOL, 2021).

Neste momento, a referida professora contou-nos que antes de ser chamada para o Estado, ela e seu meu irmão criaram uma escolinha, o Instituto Padre Anchieta. “Fiquei 14 anos e depois me decidi ficar só na escola pública. Eu fiquei no Grupo Escolar nos anos de 1968 e 1969, depois fui para o Marcos Parente e depois para a Universidade”.

Quando questionada a falar sobre o período que lecionou no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, ela nos contou que: “Trabalhei no turno da tarde. A diretora era a senhora Ivete Portela Cardoso”. E reforçou falando das disciplinas:

> Lembro-me bem, principalmente do livro de Exame de Admissão ao Ginásio. Era Português, Matemática, História, Geografia, Ciências e a gente também dava aula de Religião. Essa turma, no caso, era composta de adolescentes. Eu ensinei também muito tempo. Primeiro ano não tinha um livro. Lembro-me de uma cartilha. Eram basicamente essas as disciplinas (GIRASSOL, 2021).

Percebemos que pouco mudou com o tempo a questão das disciplinas ministradas na época do Ensino Primário para que hoje chamamos de Ensino Fundamental Menor. Aqui chegamos até a nossa terceira última professora aposentada e entrevistada, que também enriqueceu a nossa pesquisa com suas memórias docentes. A professora, que tem como codinome Estrela, nasceu em Picos a 29 de dezembro de 1939. Sobre sua formação, diz-nos ela:

> Estudei no “Colégio Monsenhor Hipólito” e “Grupo Escolar Coelho Rodrigues” em Picos. No “Colégio Sagrado Coração de Jesus” e “Escola Normal Antonino Freire” em Teresina e no CREAB em Colatina Espírito Santo (ESTRELA, 2021).

Com esse relato nos deparamos com a afirmação de Bosi (2003, p. 31):

> A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas por que se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo.

No relato que segue, a memória mostra-se na coletividade diante de um curso realizado pela entrevistada e que a marcou de forma significativa. Um fato interessante que nos chamou atenção fora a entrevistada ter participado de um curso de Supervisão do Ensino Primário no

estado do Espírito Santo, no ano de 1963. Ela nos relatou sobre o curso em Colatina na seguinte fala:

> Não tenho certeza quanto ao número, se 17 ou 19 professores do Piauí que 1963 partiram de Teresina para Colatina no Espírito Santo para participar de um curso de supervisão do ensino primário. Eram professores de Teresina, Parnaíba, Floriano Oeiras, Picos, Uruçuí e outras localidades de nosso estado. Francisca Barros e eu fomos as agraciadas para fazer parte dessa comitiva. Em Colatina, ficamos em regime de internato no local onde foi realizado o curso, as aulas eram ministradas por padres e professoras de Vitória. A finalidade era aprender e trazer para as nossas escolas as experiências e inovações no ensino. A duração do curso foi de um ano, porém valeu à pena pois pudemos na volta transferir para as colegas o que aprendemos por lá. (Para comprovar nossa participação ativa irei lhe mostrar as fotos que tiramos nesse período, inclusive do desfile cívico que participamos pelotão só de piauiense) (ESTRELA, 2021).

Imagem 27: Professoras participando do Curso de Supervisão em Colatina Espírito Santo



Fonte: Arquivo Pessoal da Professora Estrela

Imagem 28: Momento Cívico no Encontro de Supervisão em Colatina



Fonte: Arquivo Pessoal da Professora Estrela

No tocante ao seu trabalho no grupo escolar Coelho Rodrigues, disse-nos ela:

> O professor era polivalente, na classe ministrava todas as disciplinas. Em setembro de 1959, fui nomeada e comecei a trabalhar no Grupo Escolar Coelho Rodrigues. Como já era final de ano fiquei à disposição para ajudar as professoras nas tarefas escolares e na falta da titular ministrava a aula do dia. Colaborava também na organização das festividades, na preparação dos deveres de casa, correção de provas, exercícios etc. (ESTRELA, 2021).

A questão de o professor ser polivalente remete-nos ao Art. 170 do regulamento de 1933, que lista as competências dos professores públicos primários e que em seu artigo 2º diz: "Ensinar todas as matérias do programa e servir nos exames de sua competência e nos deveres para que for nomeado" (PIAUHY, 1933, p. 145).

A professora Estrela lembra com muitas saudades das colegas de profissão e dos alunos que passaram pela sua vida profissional dentro do Grupo escolar.

> Comigo trabalhavam: Maria do Amparo Barros, Maria do Amparo Caminha, Maria Auta Leopoldo, Maria Maggi Militão Rufino, Ivone Veloso de Moura Santos, Terezinha Nunes, Vírginia Lopes, Avani Santos, Leilá, Remédios Carvalho, Amparo Araújo, Maria do Socorro Alves Pereira, Célia Neiva e Nilse Cardoso (ESTRELA, 2021).

Já sobre os alunos, relata que:

> Os alunos eram filhos de Picos e vinham também da zona rural. Conheço vários deles que estudaram no Coelho Rodrigues hoje formados, que levam uma vida dedicada ao trabalho e a sua profissão e que agradecem demais o que aprenderam no período em que foram alunos no referido grupo (ESTRELA, 2021).

Ao final da entrevista com a professora Estrela, pedi a ela que ficasse à vontade para falar alguma coisa a respeito do Grupo Escolar Coelho Rodrigues ou agradecer. E ela disse:

> Acho que você já fez outras entrevistas, mas o que eu tenho para dizer é o mesmo que você vai ler numa entrevista de Dona Benvinda, uma entrevista em anexo. Com ela aprendi muita coisa com seu convívio, a minha experiência ficou vasta e enriquecida. Hoje, sou aposentada como professora, fui diretora de Unidades Escolares e graças a Deus levo uma vida simples, porém honrada. Lembro-me de vez em quando, com saudade, do meu passado e das minhas colegas de ensino. Foi muito valioso a minha vida na ativa, no Magistério e tenho certeza que uma parcela de contribuição da minha parte foi dada na época aos jovens da minha querida Picos (ESTRELA, 2021).

Além destas professoras entrevistadas por nós aqui nesta pesquisa, outras também lecionarem e contribuíram com a educação primária na cidade de Picos. Seguem abaixo dois quadros contendo os nomes de outras professoras que trabalham no Grupo Escolar Coelho Rodrigues no período de recorte de nossa pesquisa – destacando que, além de professoras, algumas também exerceram a função de inspetoras e diretoras. As professoras que seguem tinham como formação o curso pedagógico ministrado à época na Escola Normal, localizada em Teresina e em outros estados vizinhos

Quadro 15: Professoras que lecionaram no Grupo Escolar Coelho Rodrigues em Picos/PI nas décadas de 1950/1960

NOME
Maria do Socorro Alves Pereira
Maria Thais O. Alexandria
Maria Nunes Maia
Enoe G. de Matos Nunes Martins
Maria dos Remédios Carvalho
Gonçala Alves de Carvalho Barros
Maria do Amparo de Araújo Barros
Célia de Castro Neiva
Neusa Maria de Moura Santos
Mariana de Moura Santos

Maria do Amparo Caminha
Luzia Moura Barros
Maria Nunes Barros de Guimarâes
Maria Terezinha Nunes de Barros
Maria Maggy Militão Rufino
Ivone Veloso de Moura Santos
Maria Virgínia Lopes
Maria Monteiro Neiva Eulálio
Maria do Socorro Santos Trindade
Maria Avani P. Santos de Neiva Eulálio
Dulce G. de Matos Nunes Maia
Raimunda Portela Cardoso

Fonte: Quadro produzido pela autora baseado em livros de frequência das professoras do Grupo Escolar Coelho Rodrigues do ano de 1958, 1959, 1963 e 1969

Quadro 16: Professoras do Grupo Escolar Coelho Rodrigues que atuaram como inspetoras

Nilza G. Matos Nunes
Maria de Lourdes Sousa
Edite Alves Leopoldo de Souza
Balbina Santos Reinaldo

Fonte: Quadro produzido pela autora baseado em livros de frequência do Grupo Escolar do ano de 1958, 1959, 1963 e 1969

Quadro 17: Professoras do Grupo Escolar Coelho Rodrigues que atuaram como diretoras

Ricardina Neiva
Benvinda Nunes Santos
Evangelina Leal de Barros
Ivete Portela Cardoso

Fonte: Quadro produzido pela autora baseado em livros de frequência do Grupo Escolar do ano de 1958, 1959, 1963 e 1969, bem como no livro de Inspeção do GECR.

O que foi analisado diante dos achados nos livros de frequência são os seguintes pontos: a. as professoras ficavam muito tempo trabalhando no grupo escolar, alguns chegaram a se aposentar trabalhando lá, não existia rodízio de funcionários dentro do Grupo Escolar Coelho Rodrigues; b. Sobre as inspetoras, podemos observar que os inspetores deixavam de vir de Teresina para realizar as visitas de inspeção e o Grupo passou a contar com inspetoras que exerciam sua função, atuando de forma permanente no GECR; c. As diretoras destacavam-se por inicialmente terem sido professoras e, após desenvolverem suas atividades docentes com êxito, eram nomeadas diretoras; das aqui citadas a que mais tempo passou no cargo fora a senhora Benvinda Nunes Santos.

4 A CULTURA ESCOLAR E SUA MATERIALIZAÇÃO

Neste capítulo, trataremos dos objetos escolares que faziam parte do espaço do Grupo Escolar Coelho Rodrigues e que foram lembrados pelos entrevistados em suas falas. Destacaremos as cadeiras, carteiras, mesa, fardamentos, lousa e livros didáticos, estes de difícil acesso, pois muitos dos alunos pertenciam às famílias de baixo poder aquisitivo, utilizando muitas vezes livros já usados por outros colegas e conhecidos.

No que tange aos estudos sobre cultura material, necessitamos compreender com que intenção ou finalidades os objetos em estudo serão analisados. A partir da análise dos objetos temos acesso a história social, como nos diz Poulot (2018, p. 28):

> A cultura material entrou desde ao menos uma geração no registro clássico da historiografia dos tempos modernos. Ela agora dispõe de manuais *ad hoc*, do mesmo modo que a história social, a demográfica, a rural... O interesse dos historiadores a seu respeito assumiu sucessivamente três formas. Incialmente ficou limitado a uma preocupação exclusivista, com obras elitistas, de grande qualidade estilística, segundo um plano da história da arte. Em seguida, certa fascinação taxonômica levou a elaborar tipologias descritivas e cronológicas, sistemas de classificação de artefatos de acordo com as competências artesanais de cada época, em uma preocupação de história da técnica, de estudos de arqueologia e de geografia histórica. Finalmente, há umas duas décadas, a preocupação maior é analisar os objetos para esclarecer as condutas, especialmente tomando-as no seio de uma comunidade, em uma perspectiva da história social ou antropológica

Ao investigar a importância da materialidade, consideramos os objetos escolares como fontes que ajudam a entender a educação de cada período. Portanto, na escola há também uma cultura própria, daí a importância de preservar, guardar os documentos e objetos

Entre esses objetos escolares que devem ser preservados e estudados a fundo destacamos o mobiliário escolar. Silva, Jesus e Ferber (2012, p. 156) destacam que:

> O mobiliário constitui um dos itens obrigatórios de organização do espaço escolar, que lhe garante certa uniformização estética se pensarmos nas peças que o compõem: carteiras, cadeiras ou bancos, mesas do professor, armários... Mas, por certo, a origem, a matéria- prima, o design são ingredientes que vão diferenciando um ambiente de outro, estabelecendo certa hierarquia material e social. Se as exposições Universais serviam de vitrine para a apresentação e lugar de comércio de novas e requintadas peças de mobiliário escolar, estas, mesmo quando adquiridas com recursos públicos, dificilmente chegavam às escolas instaladas fora dos centros urbanos.

4.1 O espaço escolar: cadeiras, carteiras e mesa

As cadeiras, carteiras e mesas são importantes para entendermos o espaço escolar e de os anos 1930 já fazia parte da preocupação de estudiosos como percebemos no texto de Santos e Mignot (2018) em que relatam uma carta de 21 de maio de 1932 de Lourenço Filho a Anísio Teixeira sobre as instalações daquele período, destacando que o mobiliário, considerando o número de alunos eram insuficientes, além disso reclamava da falta de armários, carteiras, lousas e outros objetos. É importante esse estudo porque já mostrava os debates entre higienistas e educadores em que o mobiliário precisava ser repensado para um melhor atendimento aos alunos.

Santos e Mignot (2018, p. 294) dizem que Lourenço Filho queixava-se:

> Naquele momento, as preocupações de ordem higienista que marcavam, indelevelmente, o discurso pedagógico quando a carteira escolar foi construída, e seu uso, nessa proposta de educação que incluía a severa disciplina do corpo, marcada por pressão religiosa e conservadora, já não mais existia. Assim, as carteiras escolares que permaneceram em uso pareciam fora do novo contexto educacional, como se tivessem sido retiradas da coleção em que deveriam estar.

Observou-se, no decorrer das leituras, que os mobiliários eram utilizados como forma de organização espacial, mas sobretudo como controle dos alunos que ali se encontravam na sua maioria enfileirados podendo realizar suas atividades de forma higiênica e segura Segundo Alcântara e Vidal (2018, p. 250):

> O mobiliário da sala de aula foi se transformando, sobretudo ao longo dos séculos XIX e XX, com as mudanças nos modelos educativos. Isso não significa uma alteração instantânea de todo o mobiliário a cada nova proposta pedagógica, mas uma convivência, no interior da sala de aula, tanto dos modelos quanto dos objetos. As carteiras individuais respondiam às demandas do ensino simultâneo em voga nas escolas graduadas no final do Oitocentos. Organizados em fileiras, os alunos aprendiam, ou deveriam aprender, os conteúdos apresentados pelo professor todos ao mesmo tempo. A distribuição do mobiliário na sala assegurava que classe estaria permanentemente observando, e sendo observada, pelo docente no período de aula, o que pretendia garantir a atenção constante dos alunos e evitar a dispersão em conversas e brincadeiras. Era o novo modelo econômico de escola que se difundia, prometendo maior eficácia na aprendizagem.

No entanto, conforme Alcântara e Vidal (2018), a partir da década de 1920, com a disseminação do movimento Escola Nova, as pesadas carteiras de ferro tornaram-se

impróprias para os modelos de ensino, o que exigia maior plasticidade na organização dos espaços das salas de aula. Aliado ao fato de o ferro, matéria-prima privilegiada do século XIX, ter dado lugar ao aço nos confins do mercado de produção de mobiliário, surgiu nas escolas uma nova substância – as carteiras tubulares. As novas mesas são mais leves e possuem mesas e cadeiras separadas.

De acordo com a pedagogia da Escola Nova, a mesa de tubo de aço facilitava a reorganização contínua da organização da sala de aula de acordo com as atividades a serem realizadas (como trabalhos em grupo); os alunos não estão em fila, mas em círculo. Alcântara e Vidal destacam (2018, p. 252):

> Madeira, ferro e aço são elementos que representam diferentes momentos da constituição da cultura material escolar, mas também diferentes modos de conceber a relação entre corpo e materialidade no interior da sala de aula. A análise da relação corpo, materialidade e modelos pedagógicos, a partir das carteiras, indica que, nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, a adoção do mobiliário tinha como critério e preocupação preponderantes as questões higiênicas e ergonômicas. O peso do ferro seria a força capaz de manter o aluno na posição desejada e planejada. Já no século XX, o controle do corpo do aluno se dava na medida em que ele se apresentava mais livre. Assim, a leveza e versatilidade das carteiras tubulares faziam coro com o princípio de atividade que se pretendia imprimir ao desenvolvimento do ato pedagógico.

Outro mobiliário de destaque é a mesa, segundo Castro e Silva (2012), a sua invenção e integração, sendo considerada moderna, passou a incrementar o modo de civilização, sendo adotada como um dos móveis indispensáveis na maioria dos lares. Desde casas de campo a casas nobres, a mesa responde às necessidades das pessoas e à relação entre as pessoas: por ela passa desde a comida até os diálogos que se transformam em relações sociais, tendo função de apoio – servindo para jogos, lazer e trabalhos. Com o tempo, ganhou destaque também na educação.

No tocante às cadeiras, Castro e Silva (2012, p. 170) diz-nos:

> Embora na vida privada ou em cenas públicas as cadeiras pudessem ter relação com o conforto e com o status, na cena escolar elas não respondiam pela mesma função. Bancos e cadeiras ordenavam espaços e sujeitos dentro de um universo delimitado. Na escola, mesa e cadeira encontram força singular que as transformam em objetos com atuação direta na higiene do corpo, no conforto e na aprendizagem. Perpetuaram-se como objeto fundamental para um bom ensino. Algumas delas, no entanto, ganharam um real espaço no ensino quando se tornaram necessárias como apoio para escrever.

Esses materiais de referência ajudam a compreender as diferentes transformações do mobiliário escolar e como colaboram no processo ensino aprendizagem. No caso de apoio aos alunos no ato de escrever em uma escola em que só se lecionava leitura, as mesas eram desnecessárias. Usava-se, por exemplo, o colo ou joelhos para realizar as leituras. Castro e Silva (2012, p. 172) reforçam que:

> Com a chegada do ensino da escrita, passou a ser fundamental ter-se um apoio para colocar a lousa, a ardósia ou o papel para escrever. A mesa ou a carteira foram ganhando espaço nas salas de aula, acompanhando métodos de ensino e estabeleceram como objetos potencializadores da escrita a base material da escola acompanharia, no mesmo tempo em que as indica, as alterações no universo escolar. Estudos acerca de alterações desta natureza podem, então, contribuir para compreender situações que se enredam na história da forma escolar.

Sobre os mobiliários do ambiente da sala de aula e de materiais individuais que eram utilizados pelos alunos, a aluna de 1959 disse: “Os mobiliários constavam de carteiras coletivas, a mesa do professor e uma pequena estante, os alunos utilizam carteiras, cadeiras estilo banco onde se sentavam de duas pessoas”. Apontamos que a pequena estante citada pelo entrevistado servia para guardar utensílios de alunos e professores. Abaixo, podemos observar como eram as carteiras escolares do início do período em estudo. Essa informação fora confirmada por alguns dos entrevistados de nossa pesquisa.

Imagem 29: Carteiras escolares do Grupo Escolar Coelho Rodrigues



Fonte: Do arquivo pessoal de Dr. Luís Ayrton Santos Júnior. Foto encontrada no Museu Ozildo Albano, em Picos/PI.

Essas carteiras foram utilizadas nas escolas na cidade de Picos (PI) no recorte de tempo analisado neste trabalho, especialmente nos anos 1950, podemos notar que ocupavam

boa parte do espaço escolar e ainda pela imagem acima que a mesa utilizada pelo docente tinha um tamanho proporcional as carteiras, outro aspecto observado é que devido a quantidade de móveis não havia muito espaço para movimentação de discentes e docentes durante a aula, mas pela disposição da mesa o docente poderia observar toda turma. Acreditamos que ocorreu nos anos seguintes uma transformação do mobiliário com novos modelos, mas não encontramos fotografias no decorrer da pesquisa, mas que poderá ser aprofundado em estudos posteriores.

4.2 O desenvolvimento das atividades pedagógicas: a lousa e os livros didáticos

Outro objeto escolar que merece nosso destaque é a lousa, objeto este que era utilizado pelos professores; no caso aqui de nossa pesquisa, pelas professoras para repassar conteúdos que eram de suma importância para desenvolvimento e aprendizado dos alunos. Observemos na foto abaixo a lousa na parede da sala do Grupo Escolar Coelho Rodrigues e uma lousa que era utilizada pelas crianças no momento da revisão dos conteúdos e tarefas. A imagem 32 nos leva a apontar a existência de um mapa na parede, a lousa em que era utilizada o giz para escrita.

Imagem 30: Lousa e Carteiras Escolares



Fonte: Do arquivo pessoal de Dr. Luís Ayrton Santos Júnior. Foto encontrada no Museu Ozildo Albano, em Picos/PI

Percebemos a importância dos objetos escolares na compreensão da cultura escolar, sendo que estes estão presentes nas falas dos nossos entrevistados. No tocante à questão dos livros que eram utilizados, uma das nossas entrevistadas, a aluna de 1959, relatou:

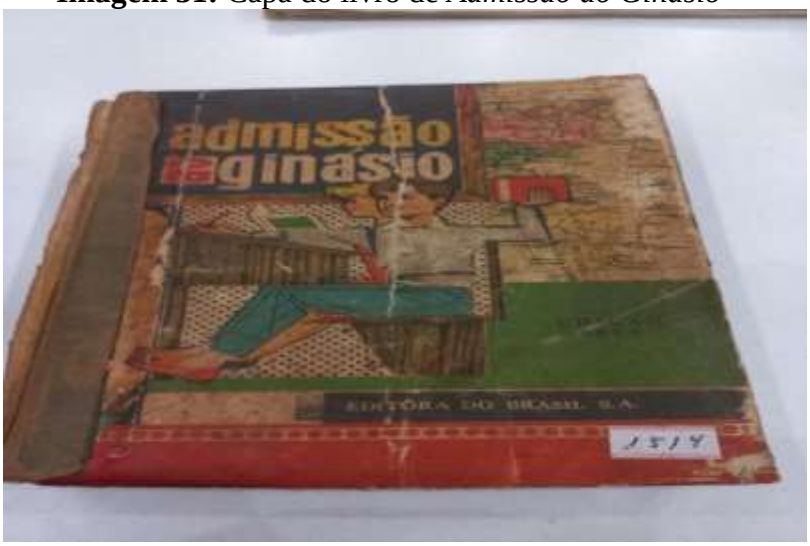
> Lembro da tabuada, Atlas Geográfico, livro de caligrafia, Matemática, Iniciação à Ciência, Caminho Suave, Admissão ao Ginásio. Ainda me lembro de um texto, contido neste último, do livro "O Guarani", de José de Alencar, que iniciava assim: "A Tarde ia morrendo, o sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as florestas, iluminando-as com seus últimos raios". Mais para a década de 70, um livro que foi muito utilizado para interpretação e leituras complementares e ficou para sempre na minha lembrança foi *Meu pé de laranja lima*, do autor gaúcho José Mauro de Vasconcelos (ALUNA DE 1959, 2021).

A aluna de 1966, no tocante aos livros, disse: "Lembro de dois livros, um só de Português, Gramática, leitura, o nome dele era 'Nosso Tesouro'. O outro livro era para todas as disciplinas: Ciências, História, Matemática. Era só esses dois livros". Já o aluno de 1969 nos contou que: "Não lembro não. Quem tinha o livro era a professora, lembro que a gente copiava muito, a professora copiava na lousa e a gente copiava no caderno, tanto o conteúdo como tarefas. Se tinha livros não cheguei a possuir". A fala desse aluno chama a atenção e conduz à reflexão sobre a aquisição de livros no período em estudo, uma vez que muitos não tinham condições financeiras para adquiri-los, até porque o governo não disponibilizava os livros como ocorre na atualidade.

Foi comum, até as mudanças na legislação que rege a Educação no país, nos anos 1970, livros do antigo curso primário (atual primeiro ciclo do ensino fundamental) contendo, por exemplo, Gramática, História, Geografia e Noções de Higiene. Outros livros bastante utilizados eram as cartilhas.

Um livro bastante usado e que foi destacado nas falas dos nossos entrevistados, fora o livro de Admissão ao Ginásio, que era utilizado pela última turma que estivesse fazendo o Primário e que ia ingressar no Ensino Secundário (Ginasial).

Imagem 31: Capa do livro de *Admissão ao Ginásio*



Fonte: Museu Ozildo Albano em Picos- PI

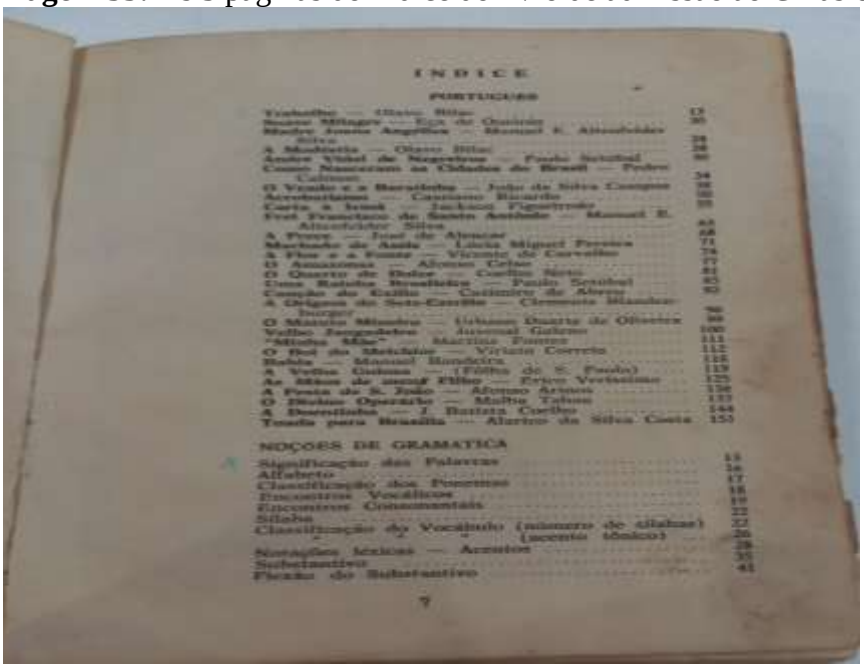
Imagem 32: Contracapa do mesmo livro de admissão, constando o nome da pessoa a quem ele pertenceu



Fonte: Museu Ozildo Albano em Picos - PI

Na contracapa, percebemos que o livro pertenceu ao senhor Heli Rodrigues de Sousa Martins, na data de 1º de março de março de 1964. Este livro é destaque nas falas dos entrevistados como sendo um livro muito importante e que precisava ser bem estudado pelo candidato que realizaria a prova de admissão ao Ginásio.

Imagem 33: As 3 páginas do Índice do livro de admissão ao Ginásio



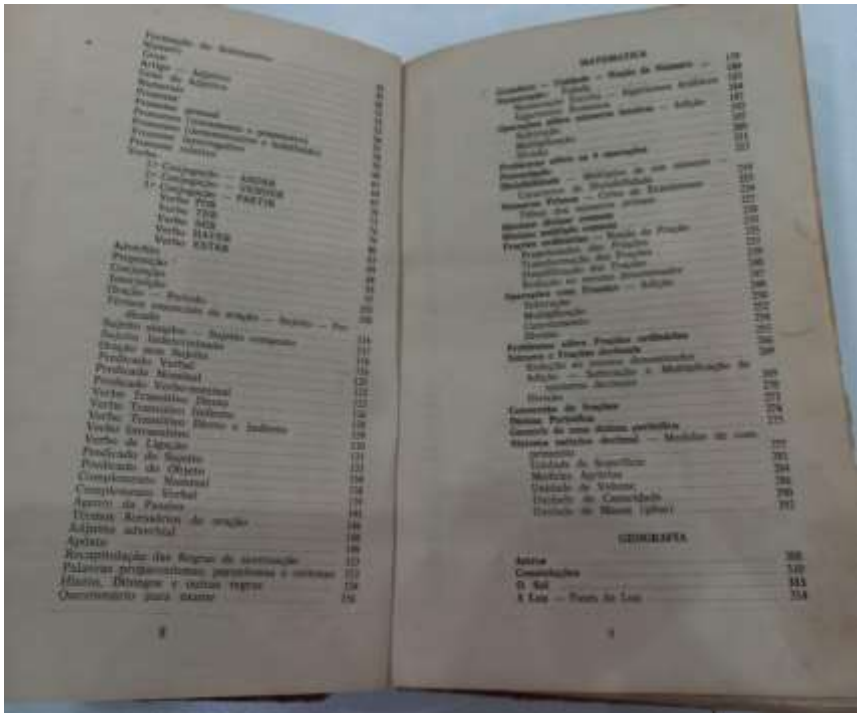
INDICE

PORTUGUEZ

Trabalho — Olavo Bilac 17
Nunca Mingue — Rui de Queiroz 30
Minha Avoo Angelica — Manuel E. Almeida Silva 33
A Mocidade — Olavo Bilac 38
Andre Vidal de Negreiros — Paulo Setubal 40
Como Nasceram as Cidades do Brasil — Pedro Calmon 54
O Veado e o Boraceiro — Julio de Silva Campos 58
Arrebentamos — Cassiano Ricardo 60
Carta a Isaak — Jackson Figueiredo 65
Frei Francisco de Santo Antonio — Manuel E. Almeida Silva 68
A Prece — Jose de Alencar 68
Morada de Anita — Lucia Miguel Pereira 71
A Flor e a Fonte — Vicente de Carvalho 74
O Amazonas — Alonso Celso 77
O Quarto de Dedar — Coelho Neto 81
Uma Batalha Brasileira — Paulo Setubal 85
Canção do Exilio — Casimiro de Abreu 92
A Origem do Sete-Estrelo — Clemente Mariani Bittencourt 96
O Mestre Mandou — Urbano Duarte de Oliveira 98
Velho Fazendeiro — Armonal Galvão 100
"Minha Mãe" — Martins Fontes 111
O Rei do Melchior — Viriato Correia 112
Balada — Manuel Bandeira 118
A Velha Guarda — (Filhos de S. Paulo) 119
As Mãos de meu Filho — Fabio Vertemate 125
A Festa de S. João — Afonso Arinos 130
O Pedaço Operario — Mario Tobias 137
A Bandeira — J. Batista Coelho 144
Tiradentes — Alcindo da Silva Costa 150

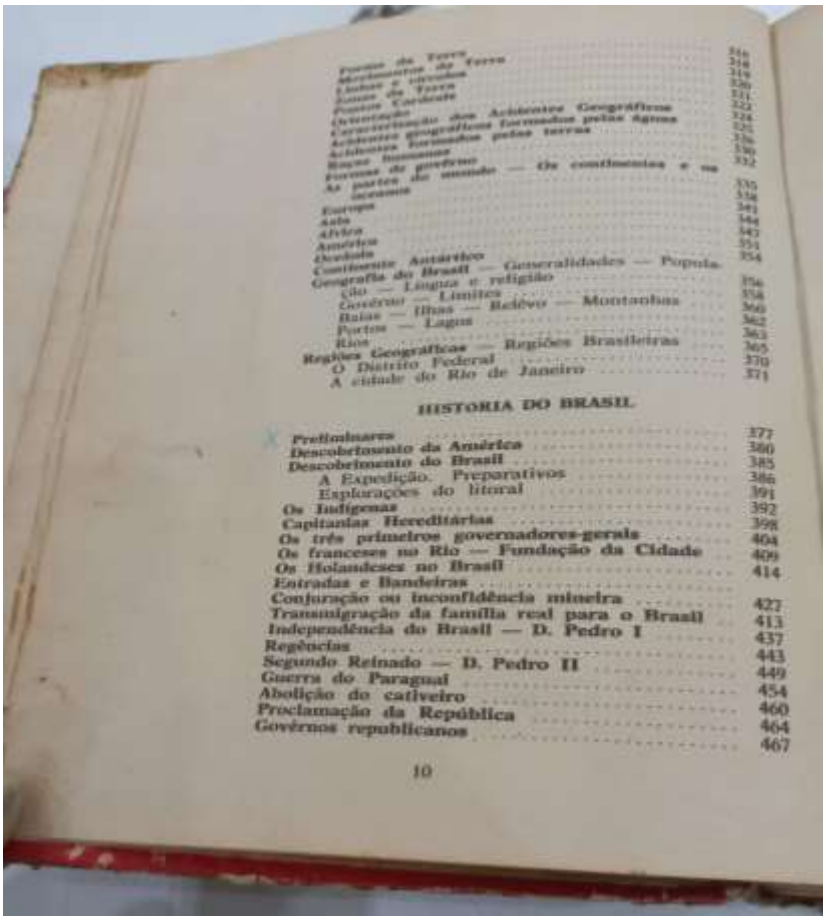
NOÇÕES DE GRAMATICA

Significação das Palavras 13
Alfabeto 14
Classificação dos Fonemas 17
Fonemas Vocalicos 18
Fonemas Consonantais 19
Silaba 22
Classificação do Vocabulo (numero de silabas) 25
" " (accento tonico) 26
Sinaes Graphicos — Accentos 28
Substantivo 33
Flexão do Substantivo 41



Formação do Substantivo
Genero
Artigo — Adjetivo
Grau do Adjetivo
Numero
Flexão
Pronome pessoal
Pronomes (possessivos e pronominais)
Pronomes (demonstrativos e indefinidos)
Pronomes relativos
Verbo — Noções
1ª Conjugação — AMAR
2ª Conjugação — VENDER
3ª Conjugação — PARTIR
Verbo PÔR
Verbo TER
Verbo SER
Verbo HAVER
Verbo ESTAR
Advérbio
Preposição
Conjunção
Interjeição
Oração — Período
Termos essenciais da oração — Sujeito — Predicado
Sujeito simples — Sujeito composto
Sujeito indeterminado
Oração sem Sujeito
Predicado Verbal
Predicado Nominal
Predicado Verbo-nominal
Verbo Transitivo Direto
Verbo Transitivo Indireto
Verbo Transitivo Direto e Indireto
Verbo Intransitivo
Verbo de Ligação
Predicado do Sujeito
Predicado do Objeto
Complemento Nominal
Complemento Verbal
Agente da Passiva
Termos Acessórios da oração
Adjunto adverbial
Aposto
Recapitulação das Regras de sintaxe
Palavras proparoxitonas paroxitonas e oxitonas
Hiatus, Ditongo e outras regras
Questionario para exame

ARITMETICA
Numeração — Unidade — Ordem de Numero — Classe
Numeração Falada — Algarismos Arabicos
Algarismos Romanos
Operações sobre numeros inteiros — Adição
Definição
Propriedades
Prova
Subtração sobre os 4 operações
Definição
Propriedades
Relações — Definição de um numero — Diferença — Subtração
Diferença de Numeros
Numeros Primos — Crivo de Eratostenes
Tabua dos numeros primos
Divisor — Multiplo
Divisor comum
Divisor comum maximo
Fracções ordinarias — Unidade de Fração
Representação das Fracções
Classificação das Fracções
Transformação das Fracções
Redução ao mesmo denominador
Numeros mixtos — Unidade
Definição
Modificações
Comparação
Prova
Fracções sobre Fracções ordinarias
Numero e Fracções decimais
Definição ao mesmo denominador
Adição — Subtração — Multiplicação — Divisão
Numeros decimais
Dizimas
Conversão de fracções
Dizimas Periodicas
Geratriz de uma dizima periodica
Sistema metrico decimal — Medidas de comprimento
Unidade de Superficie
Medidas Agrarias
Unidade de Volume
Unidade de Capacidade
Unidade de Massa (peso)
GEOMETRIA
Area
Conclusões
O Sol
A Lua — Phases da Lua



Forma da Terra 316
Movimentos da Terra 318
Linhas e círculos 319
Linha da Terra 320
Pontos Cardeais 321
Orientação 322
Caracterização dos Acidentes Geográficos 324
Acidentes geográficos formados pelas águas 325
Acidentes formados pelas terras 326
Raças humanas 330
Formas de governo 332
As partes do mundo — Os continentes e os oceanos 335
Europa 336
Ásia 341
África 344
América 347
Oceânia 351
Continente Antártico 354
Geografia do Brasil — Generalidades — População — Língua e religião 356
Governo — Limites 358
Baías — Ilhas — Relêvo — Montanhas 360
Portos — Lagos 362
Rios 363
Regiões Geográficas — Regiões Brasileiras 365
O Distrito Federal 370
A cidade do Rio de Janeiro 371

HISTORIA DO BRASIL

Preliminares 377
Descobrimento da América 380
Descobrimento do Brasil 385
A Expedição. Preparativos 386
Explorações do litoral 391
Os Indígenas 392
Capitanias Hereditárias 398
Os três primeiros governadores-gerais 404
Os franceses no Rio — Fundação da Cidade 409
Os Holandeses no Brasil 414
Entradas e Bandeiras 427
Conjuração ou inconfidência mineira 413
Transmigração da família real para o Brasil 437
Independência do Brasil — D. Pedro I 443
Regências 449
Segundo Reinado — D. Pedro II 454
Guerra do Paraguai 460
Abolição do cativeiro 464
Proclamação da República 467
Govêrnos republicanos

10

Fonte: Museu Ozildo Albano em Picos- PI

O livro de admissão encontrava-se dividido em Português, Gramática, Matemática, Geografia e História do Brasil. Destacamos a utilização de textos de variados autores no tocante ao que seria avaliado no Português; a gramática era cobrada em sua íntegra; na Matemática destacamos as quatro operações, os problemas envolvendo as quatro operações, frações e medidas; na Geografia, os astros, a terra e os continentes, finalizando com História do Brasil, que fora repassada por muito tempo como uma verdade absoluta, sem questionamentos.

Sousa (2008, p. 53) reforça que:

> Algumas práticas se sedimentaram com o tempo, construindo uma identidade peculiar das escolas primárias: o hábito de formação de filas dos alunos antes da entrada na sala de aula, o canto do hino nacional, a chamada, o registro no caderno do cabeçalho, a cópia da matéria e dos exercícios passados no quadro, a realização do ditado, o ir ao quadro, as respostas em coro, as arguições orais, as provas escritas, os prêmios e castigos, a exigência do silêncio, da obediência e do respeito ao professor(professoras em sua maioria) e aos demais adultos em exercício na escola.

Conforme Ávila (2012) para alcançar as metas de consolidação do ensino primário no Brasil, este se encontrava atrelado aos princípios republicanos. Assim, para exercer a cidadania, devemos não só dominar as normas da linguagem e da escrita, mas também adotar certos valores e padrões de comportamento.

Para aprendê-los, fazia-se necessária a ordem cronológica das atividades escolares incorporadas ao horário e ao calendário. Segundo Ávila (2012, p. 197):

> Os calendários e o controle do tempo cumprem a finalidade de homogeneizar o ensino primário. Horários determinados, vários alunos/as numa mesma sala, um/a único/a professor/a e um ensino comum: todos aprendem ou deveriam aprender ao mesmo tempo. Nas escolas isoladas pesquisadas, o ensino era ministrado para os quatro anos do primário numa mesma sala, o que certamente levou os/as professores/as a um equacionamento do tempo sem a utilização do relógio. Dividir o quadro para cada ano e realizara a exposição e a explicação dos conteúdos, enquanto os outros se ocupariam com outras atividades: este pode ter sido m dos motivos para o dito atraso destas escolas, para a precária formação de seus professores e para a dificuldade de organização de um tempo mais alargado para o ensino e aprendizagem.

Nos grupos escolares, percebemos que ocorria uma melhor divisão dos alunos em salas separadas com um (a) professor (a) para cada ano específico, ajudando assim no processo de ensino-aprendizagem com melhor aproveitamento do tempo e desenvolvimentos dos conteúdos, agrupando melhor as disciplinas no decorrer dos dias letivos.

Ao longo do tempo, as atividades desenvolvidas na escola eram padronizadas e reproduzidas dentro de uma mesma região podemos perceber essa realidade quando observamos as metodologias que eram utilizadas no período em estudo como, o uso de ditados, tarefas para casa, perguntar a tabuada, dentre outros. As atividades propostas eram realizadas dentro de um tempo já pré-estabelecido com um momento para descanso e brincadeiras (recreio), retorno as atividades e reprodução da tarefa a ser desenvolvida em casa.

4.3 Um artefato disciplinador: o uniforme escolar

Outra questão importante e que é destaque no desenvolvimento das atividades do Ensino Primário em nosso país são os momentos cívicos realizados nos Grupos Escolares, em especial sendo destacado, nas falas de nossos entrevistados, os momentos que nos levam a

pensar e dar ênfase a outro objeto escolar importante: os uniformes escolares. Ávila (2012, p. 199) nos mostra que:

> As datas cívicas são mais intensamente festejadas na década de 1940, com destaque para a independência do Brasil, que oficialmente ocorreu no dia 7 de setembro de 1822. No caso, as comemorações cívicas estão diretamente ligadas ao momento político pelo qual passava o país, em que e se enfatizava a necessidade de identificação do povo com o sentido de patriotismo e civismo mediante a internalização de valores e normas a serem regularmente.

Um exemplo bem peculiar trata-se do momento do desfile do 7 de setembro, realizado em todo o país e que tinha sempre os pelotões das crianças que faziam parte dos grupos escolares, mostrando que o rito cívico demonstrava o poder de controle. Segundo Ávila (2012), pode-se observar que os movimentos corporais dos jovens tendem a reproduzir a distribuição do corpo escolar, fazendo com que interajam entre si. Uma demonstração que marcava a integração dos valores militares à cultura escolar, tornando o uniforme obrigatório. O uniforme escolar era obrigatório, short para os meninos e saia para meninas, ambos azuis, e camisa branca para ambos. Calçados, à vontade. A aluna de 1966, a este respeito, afirma que:

> O fardamento era obrigatório, tinha que ir todo dia. As meninas usavam saia com pregas; tanto a saia quanto a blusa eram de tecido e eles davam o bolso com o símbolo do Grupo para colocar na blusa. Os homens usavam o short e a blusa. A cor do fardamento era azul marinho, era todo igual, comprávamos o tecido no mesmo lugar. Todo dia se formavam as filas para rezar e cantar o hino do estudante. Eram todos com fardas e o calçado não era obrigatório (ALUNA DE 1966, 2021).

Sobre o uniforme, Ribeiro e Souza (2012, p. 214) afirmam: “Assim, o uniforme escolar, visto como um instrumento de poder que atua sobre o corpo, representa uma forma de controle e vigilância que acompanha o indivíduo onde quer que ele esteja”.

Já o aluno de 1969 relatou-nos, a respeito do uniforme, que:

> Cadeira, mesa, lousa, armário, tudo simples demais. Lembro de ter visto alguns com farda sim, mas minha família era muito pobre e não podíamos adquirir a farda, aí lá no Grupo era dispensado. O material escolar tinha que comprar tudo: lápis, caderno. Lembro até de uma barraquinha que vendia suco bem geladinho, algumas vezes guardava uns trocados para comprar o suco para comer com pão (ALUNO DE 1969, 2021).

Essa realidade apresentada pelo aluno de 1969 mostra como era a questão econômica de muitas crianças que estudavam no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, algumas oriundas de

famílias com poucas condições financeiras. A merenda da época também era pouca e, segundo nossos entrevistados, a qualidade também não era das melhores. Alguns traziam de casa pão, biscoitos ou algum outro lanche caseiro.

Segue abaixo uma imagem contendo os uniformes utilizados pelas meninas e pelos meninos à época, descritos aqui pelos entrevistados, como não encontramos fotografias, optamos por materializar no desenho seguindo a memória dos alunos e alunas do período.

Imagem 34: Uniforme dos alunos do Grupo Escolar Coelho Rodrigues



Fonte: Hiany Meneses (2022)

Compreendemos, com esse capítulo, que a pesquisa histórica sobre materiais escolares pode ser uma ferramenta valiosa para interpretar a cultura escolar, porque a prática é afetada pelas condições materiais de muitas maneiras. As cadeiras, carteiras e mesas como função de entendimento do espaço escolar. A lousa e o livro didático e sua contribuição no processo ensino aprendizagem. E o uniforme como um artefato disciplinador, mas trazendo as marcas de um tempo em suas cores azul e branco. Todos esses apontamentos mostram a escola o seu tempo e espaço materializados na cultura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa encontra-se vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - UFPI na Linha de Pesquisa intitulada de História da Educação, e teve como principal objetivo o de examinar a cultura escolar do Grupo Coelho Rodrigues no período de 1954 a 1971, objetivo este alcançado com o término deste trabalho. Não podemos esquecer aqui de que as expectativas ao iniciar o Mestrado em Educação eram muitas, mesmo porque o curso seria presencial e terminou sendo realizado no modelo de ensino on-line, por conta da Pandemia do Covid-19.

Destacamos aqui que todo o curso – desde as disciplinas até a pesquisa aqui realizada – passou por todo esse momento delicado pelo qual o mundo vem passando nesses últimos dois anos. Foram muitas perdas irreparáveis e momentos difíceis para realizar a pesquisa por conta do fechamento dos setores nos quais se faziam necessários a busca por fontes seguras e precisas, bem como pelo distanciamento social que não nos permitia chegar aos nossos entrevistados por serem pessoas idosas e do grupo de risco.

Relembramos aqui que o objetivo geral desta pesquisa que foi examinar a cultura escolar do Grupo Coelho Rodrigues no período de 1954 a 1971. Sentimos ter conseguido alcançá-lo, mesmo com alguns percalços pelo caminho. Acreditamos também que os objetivos específicos, que foram desmembrados deste objetivo geral, também foram atingidos. Ao analisarmos a organização e a cultura material do Grupo Escolar, deparamo-nos com alguns objetos que eram utilizados no referido Grupo, bem como a organização destes no ambiente da sala de aula.

No momento da descrição dos aspectos do cotidiano escolar, a partir da memória dos agentes sociais dessa instituição, conseguimos compreender como era a rotina do Grupo Escolar, como eram desenvolvidas as atividades e a preocupação que as professoras tinham com o aprendizado de seus alunos, destacando a questão da disciplina em sala de aula. Foi interessante perceber como a memória afetiva das pessoas guarda as vivencias acontecidas no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, bem como também em seu entorno.

Compreender o desenvolvimento do ensino primário dentro do Grupo Escolar Coelho Rodrigues levou-nos a entender que este ensino era desafiador, pois a partir dele os alunos eram testados se estavam aptos ou não a alcançarem a próxima etapa de seus estudos, que era o Ginásio. Além disso, o ler, o escrever e o contar eram necessários àqueles que almejavam uma profissão.

No decorrer da escrita desta dissertação nos ficou um pouco da essência de cada capítulo aqui produzido. No capítulo 1, no qual tratamos da História da educação piauiense passando pela modernização, a importância dos grupos escolares para o desenvolvimento do ensino primário em nosso país, destacando o grupo escolar Coelho Rodrigues, através das memórias dos entrevistados, não deixando de frisar a cidade na qual o Grupo se encontrava instalado, a cidade de Picos, que crescia e destacava-se entre as maiores cidades do Estado do Piauí à época do nosso estudo.

Abordamos, no segundo capítulo, a organização da cultura escolar do GECR, destacando arquitetura e espaço. Percebemos que é unânime entre as pessoas entrevistadas elogiarem este ponto, até porque para a época tratava-se uma construção muito bonita e bem estruturada, inovadora para a cidade e, principalmente, para a educação. Sobre os documentos escolares encontrados, estes foram localizados no prédio atual da escola, que antes era denominado de Grupo e atualmente se chama Unidade Escolar Coelho Rodrigues.

Sobre os profissionais da fiscalização e boa conduta, os inspetores e as diretoras, ficou compreendido a importância que tinham para o bom andamento do Grupo Escolar, porém as visitas dos inspetores, no decorrer da década de 1960, foram ficando menos constantes, sendo que alguns dos entrevistados só sabiam da existência dos inspetores por ouvirem relatos de outras pessoas que presenciavam as visitas relatadas por nós neste momento da pesquisa. As diretoras eram aquelas que faziam de tudo para o bom desenvolvimento do GECR, sempre presentes e dedicadas, a conseguir melhorias para o referido Grupo Escolar.

O subcapítulo “Professoras primárias: memórias e práticas escolares” remete-nos à dedicação e responsabilidade pela profissão que as entrevistadas mostraram desenvolver no decorrer de sua vida docente, o cuidado pelo ensinar, buscando com que os alunos aprendessem e pudessem dar continuidade aos estudos. Mesmo possuindo o pedagógico, as entrevistadas não se acomodaram, buscando se capacitarem, dando continuidade aos estudos e à formação continuada, para desenvolver sempre melhor a sua função.

No último capítulo, no qual tratamos sobre a cultura material escolar do Grupo Escolar estudado, abordamos os objetos escolares destacando a organização do espaço escolar: cadeiras, carteiras e mesa. Focamos nas falas dos nossos entrevistados sobre como eram esses mobiliários e sua disposição no ambiente escolar. Encontramos algumas fotos dos mobiliários que pertenceram ao Grupo escolar Coelho Rodrigues no acervo do Museu Ozildo Albano.

No tocante ao desenvolvimento das atividades pedagógicas, destacamos que na lousa eram repassados os conteúdos da rotina escolar, bem como eram escritas palavras para

leituras e ditado e cópias de atividades relacionadas aos conteúdos que se encontravam nos livros utilizados pelos alunos. Destacamos aqui que nem todos os alunos possuíam livros, alguns pegavam emprestado com outros colegas que já tinham avançado nos estudos.

Chegando ao subcapítulo “Um artefato disciplinador: o uniforme escolar”, este nos remete à questão da materialidade e encontra-se presente na memória dos entrevistados, fazendo parte da cultura escolar do GECR e principalmente de uma época marcada pelos desfiles cívicos, quando os alunos passavam dias a ensaiar para que tudo transcorresse bem. Os uniformes deveriam estar limpos e bem arrumados no momento das apresentações. Alguns alunos não tinham condições financeiras para adquirir o uniforme, porém maioria dos alunos utilizavam o uniforme sempre no decorrer das aulas semanais. Era por meio dele que os alunos se destacavam, determinando assim a que instituição escolar pertenciam.

Esta pesquisa da história educacional de Picos (PI) de 1954 a 1970, focando na cultura escolar primária do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, ajudou-nos a revisitar a memória, sistematizar dados que poderiam ter se perdido no tempo e agora se encontram aqui registrados. Procuramos sempre fazer alusão a dados e fatos em nível nacional, comparando assim tudo o que era rotina no Grupo com o que era realizado em algumas partes do Brasil. Mostramos, assim, que muitas das escolhas aqui realizadas já vinham sendo realizadas nos grandes centros urbanos.

Os resultados aqui obtidos se tornaram mais concretos sem dúvida pela utilização da História Oral, que nos ajudou a conhecer e entender melhor boa parte da cultura escolar que se encontrava enraizada no Grupo Escolar Coelho Rodrigues no período de recorte do estudo, bem como perceber o desenvolvimento econômico, social e cultural da cidade de Picos/PI. Nossos entrevistados foram de suma importância para a construção desta pesquisa.

Nosso objeto de estudo traduz e revela o cotidiano do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, levando-nos a uma interação com o social, o econômico e o cultural da cidade na qual o Grupo se encontrava instalado, mostrando-nos como a educação pode ir além das paredes de uma sala de aula. Esperamos aqui estimular a produção de novas pesquisas nessa temática ao socializar os resultados deste trabalho e contribuir para valorização da história local. Que outros pesquisadores possam assim revisitar a história de outras instituições escolares e sua importância para a História da Educação de nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: IN: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2015, p.155-202.

ALCANTARA, Wiara Rosa Rios; VIDAL, Diana Gonçalves. Corpo e Matéria: reações (im) previsíveis da cultura material escolar. In: CASTRO, César Augusto; SILVA, Vera Lucia Gaspar da; SOUZA, Gizele de. **Cultura material escolar em perspectiva histórica**: escritas e possibilidades. Vitória: EDUFES, 2018.

ÁVILA, Virgínia Pereira da Silva. Sobre relógios e tempos escolar: ritos, rituais e rotinas. IN: SILVA, Vera Lúcia Gaspar da; PETRY, Marília Gabriela. **Objetos da escola**: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – Séculos XIX e XX). Florianópolis: Editora Insular, 2012.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. Manual de História Oral. São Paulo: edições Loyola, 1998.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003.

BRASIL. **Decreto-lei nº 8.529 de 2 de Janeiro de 1946**. Lei Orgânica do Ensino Primário. Rio de Janeiro, 1946.

BRITO, Itamar de Sousa. **História da Educação no Piauí**: Enfoque normativo, estrutura organizacional, processo de sistematização. Teresina: Editora Gráfica da Ufpi, 1996.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In.: BURKE, Peter. (org.) **A Escrita da História**: Novas Perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992

CASTRO, Raquel Xavier se Souza; SILVA, Vera Lúcia Gaspar. Cultura material escolar: entram em cenas as carteiras *In:* SILVA, Vera Lúcia Gaspar da; PETRY, Marília Gabriela. **Objetos da escola**: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – Séculos XIX e XX). Florianópolis: Editora Insular, 2012.

CURSO PRIMÁRIO **– Programa Experimental** – 1ª série – Piauí [S.l.: s.n.] (1960)/ Arquivo Público do Estado do Piauí

DEUS, Adélia Meireles; MENDES, Bárbara Maria Macedo. **As Narrativas de formação continuada dos professores das escolas municipais de Teresina-PI:** desafios e reflexões sobre a prática docente. Linguagens, Educação e Sociedade: Revista do Programa de Pós Graduação em Educação da UFPI. Teresina ano 21, nº 35 jul/dez 2016.

DEUS, Maria Darcí de. **Picos, a princesa dos Montes**: História e Evolução: Brito, 2001.

DUARTE, Renato. **Picos:** os verdes anos cinqüenta. 2.ed. Recife: Ed. Nordeste, 1995.

ESCOLANO BENITO, Agustín. La arquitetura como programa: espacio-escuela y curriculum. **Revista Historia de la Educación**, n. 12-13, p. 97-120, 1993- 94.

FARIA FILHO, L. M. de; VIDAL, D. G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, 2000.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos Pardieiros aos Palácios**: forma e cultura escolar em Belo Horizonte (1906/1918). 2ª edição revista e ampliada, Uberlândia: EDUFU, 2014.

FERREIRA, Lorena Maria de França. **O estado, as normalistas e a infância em Teresina (1900-1940).** (Dissertação de mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, 2017.
FERRO, Maria do Amparo. **Educação e Sociedade no Piauí Republicano**. Teresina(PI): Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

GONÇALVES, Rita de Cássia. A arquitetura como dimensão material das culturas escolares. *In:* SILVA, Vera Lúcia Gaspar da. PETRY, Marília Gabriela. **Objetos da Escola**: Espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina- Séculos XIX e XX). Florianópolis: Editora Insular, 2012.

GRUPO ESCOLAR COELHO RODRIGUES. **Livro de ponto, diário e frequência**. Picos(PI), 1958 (manuscrito)/ Arquivo do Grupo Escolar Coelho Rodrigues.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JUNIOR, Décio Gatti; PESSANHA, Eurice Caldas. História da Educação, Instituições e Cultura: conceitos, categorias e materiais históricos. In: **História da Educação em Perspectiva**: ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas-SP: Autores Associados/ Uberlândia, MG: EDUFU, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória** - Tradução Bernardo Leitão. Campinas, (SP): Editora da UNICAMP, 1990.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. **O debate em torno da educação escolar primária no Piauí**: constituição, expansão e composição da rede escolar. In: VII Congresso Brasileiro de História da educação, Cuiabá, 2013.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. Das escolas reunidas ao grupo escolar: A escola como repartição pública de verdade.IN: VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos Escolares**: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893 – 1971). Campinas-SP: Mercado de Letras, 2009.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Território Plural**: A pesquisa em História da Educação. São Paulo: Ática, 2010

MACEDO, Marly. **A tessitura entre a História e a memória de professoras primárias piauienses:** da escolha e ingresso no magistério às práticas pedagógicas docentes. In*:* XXII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 2015, Curitiba. Formação de Professores: complexidade e trabalho docente. Curitiba: FTD, 2015. v. 9. p. 37979-37994.

MAGALHÃES, J. P. de. **Tecendo nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2004.

MARTINS, Ana Maria Gomes de Sousa. **Memória sobre a modernização escolar em Teresina nos anos de 1900 a 1950:** diferentes representações. *In:* XII Encontro Nacional de História Oral: política, ética e conhecimento, 2014, Teresina. XII Encontro Nacional de História Oral: política, ética e conhecimento, 2014.

MELO, Salania Maria Barbosa. **A construção da memória cívica**: as festas escolares espetáculos de civilidade no Piauí (1930-1945), Tese de Doutorado. UFC. Ano de obtenção: 2009.

MOGARRO, Maria João. **Arquivos e Educação**: a construção da memória coletiva. Revista de Ciência da Educação, n.1 set/dez/2006. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9875/1/Arquivos%20e%20educacao.pdf Acesso em: 05 de outubro de 2020

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Instituições escolares**: Por que e como pesquisar. Editora Alínea, Campinas/SP, 2009.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. *In:* _____. (Org.). **Vidas de professores** Porto: Porto Editora, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PIAUHY. **Lei nº 548, de 30 de março de 1910.** Reforma da Instrucção Pública do Estado.

PIAUÍ, Governo do Estado. **SEPLAN**: Instituto de Planejamento e Administração Municipal-Um município piauiense: Picos. Teresina, 1975.

PIAUÍ. **Decreto nº 1.438, de 31 de janeiro de 1933**. Regulamento geral do Ensino.

PIAUÍ. **Mensagem apresentada a Assembleia legislativa**, em sua sessão legislativa de 1951 pelo governador Pedro de Almendra Freitas. Teresina: Empresa gráfica O Dia, 1951.

PIAUÍ. **Mensagem apresentada pelo governador do estado** por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1961.Teresina: Imprensa Oficial, 1º de junho de 1961.

PICOS. **Conselho de Inspeção do Grupo Escolar Coelho Rodrigues**. Relatórios Registrados no livro de Termos de Inspeção do Referido grupo. 1932 - 1954. (Manuscrito). (Museu Ozildo Albano)

PINHEIRO, Welbert Feitosa. **Garimpeiros de Memórias:** Práticas educativas de Ozildo Albano- Piauí (1952-1989). 492 fls Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia, 2018.

PODER Executivo. **Diário Oficial**, Teresina, ano XXXVI nº 124, 25 de junho de 1968.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.5, n.10, p-

206-212, 1992.

POULOT, Dominique. Uma nova História da cultura material? In: CASTRO, César Augusto; SILVA, Vera Lucia Gaspar da; SOUZA, Gizele de. **Cultura material escolar em perspectiva histórica**: escritas e possibilidades. Vitória: EDUFES, 2018.

REVISTA PIAUIENSE DE MUNICÍPIOS, 2º semestre de 1955. **Edição especial Centenário de Picos**, Teresina-PI ano 3, nº 6.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

RIBEIRO, Ivanir; SOUZA, Luani de Liz. Corpos escolares, leituras de imagens: o uniforme escolar na Escola Técnica Federal de Santa Catarina – 1964 a 1985. *In:* SILVA, Vera Lúcia Gaspar da; PETRY, Marília Gabriela. **Objetos da escola**: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – Séculos XIX e XX). Florianópolis: Editora Insular, 2012.

SANTOS, Heloísa Helena Meirelles dos. MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Com a palavra, as carteiras escolares. In: CASTRO, César Augusto; SILVA, Vera Lucia Gaspar da; SOUZA, Gizele de. **Cultura material escolar em perspectiva histórica**: escritas e possibilidades. Vitória: EDUFES, 2018.

SANTOS, Nayane Sousa**. Organização e funcionamento do Grupo Escolar Franco Rodrigues (1968 – 1973):** apontamentos sobre a cultura escolar. 2019. Mestrado Profissional em Educação. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO PERNAMBUCO- CAMPUS PETROLINA

SAVIANI, Dermeval. **O legado educacional do século XX brasileiro**. Campinas-SP: Autores Associados, 2014.

SILVA, Enayde Fernandes. **O ensino primário prescrito**: o retrato das mensagens governamentais (1946-1961). In: VI encontro norte nordeste em História da educação, Natal, 2016.

SILVA, Eliana de Moura. **O ensino no Grupo Escolar Vidal de Negreiros (GEVN) nas décadas de 1940 a 1960.** 14 de dezembro de 2012**. Tese:** Doutorado Interinstitucional em Ensino, Filosofia, e História das Ciências. Instituição de Ensino: UEPB, UFPB e UEFS.

SILVA, Maria do Amparo Holanda da. **História e memória das primeiras instituições escolares de José de Freitas-PI.** 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2012.

SILVA, Vera Lúcia Gaspar. JESUS, Camila Mendes. FERBER, Luiza Pinheiro. **O mínimo necessário: mobiliário escolar de escolas isoladas (Santa Catarina, 1910-1920)** in: SILVA, Vera Lúcia Gaspar da; PETRY, Marília Gabriela. **Objetos da escola**: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – Séculos XIX e XX). Florianópolis: Editora Insular, 2012.

SOUSA, Jane Bezerra de. **Picos e a consolidação de sua rede escolar**: do grupo escolar ao ginásio estadual. 2005. 156f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFPI/Programa de Pós-Graduação em Educação, Teresina, 2005.

SOUSA, Jane Bezerra de. **Mulher, mãe, esposa, professora**: apresentando sujeitos e sua ação no grupo Escolar Coelho rodrigues (1929-1954). *In:* X Congresso de História da Educação do Ceará, 2011, Juazeiro do Norte. Discursos, ritos e símbolos da Educação popular, cívica e religiosa, 2011.

SOUSA, Jane Bezerra de. Picos e a consolidação de sua rede escolar. *In:* SANTOS, Maria Escolástica de Moura; ARAÚJO, Francisco Antônio Machado. **Percursos de pesquisa em História da Educação.** Teresina: EDUFPI, 2019.

SOUSA, Higo Carlos Meneses. **Um ginásio para mocidade picoense**: Cultura escolar de uma instituição de ensino secundário (1950-1971) Dissertação (Mestrado em Educação) - UFPI/Programa de Pós-Graduação em Educação, Teresina, 2019.

SOUZA, Rosa Fátima. Espaços da educação e da civilização: origens dos grupos escolares no Brasil. In ALMEIDA, Jane Soares de. SOUZA, Rosa Fátima. VALDEMARIN, Vera Teresa. **O legado educacional do século XIX**. Araraquara: UNESP- Faculdade de Ciências e Letras, 1998.

SOUZA, Rosa Fátima. **História da Organização escolar e do currículo do século XX**. Ensino primário e secundário no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.

SOUZA, Rosa Fátima. Lições da Escola Primária. In: SAVIANI, Demerval. **O Legado Educacional do Século XX no Brasil**. Campinas-SP: Autores Associados, 2014.

SOUZA, Rosa Fátima. **História da Cultura Material Escolar:** Um balanço inicial. BENCOSTA, Marcus Levy (Org.). Culturas Escolares, Saberes e Práticas Educativas: itinerários Históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Tulane da Silva de. **O GRUPO ESCOLAR ELIZEU CAMPOS DE MIRANDIBA- PE (1930-1990).** 2017 Dissertação (Mestrado em Educação) UFPE-Programa de Pós-Graduação em Educação – 2017.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. Pesquisa Histórica da Educação do Tempo Presente**. Rev. Lusófona de Educação** [online]. 2007, n.10, pp.27-40. ISSN 1645-7250. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S164572502007000200003&lng=pt&nrm=.pf Acesso em 04 de outubro de 2020.

TEIXEIRA, Anísio. CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. **Ofícios do Diretor (1932-1937)**. Carta nº 216(?) de 21 de maio de 1932 do Diretor Lourenço Filho ao Direto da Instrução Pública do Distrito Federal.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**: a formação da Classe operária Inglesa. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

VIÑAO FRAGO, Antonio. El espacio escolar: introducción. **Revista História de la Educación**, n. 12-13, p. 11-16, 2007.

VIDAL, Diana Gonçalves. FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970).** Rev. Bras. Hist. [online]. 2003, vol.23, n.45, pp.37-70. ISSN 1806-9347. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102- .

VIDAL, Diana Gonçalves. FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **As Lentes da História**: estudos de história e historiografia da educação no Brasil. Campinas-SP: Autores Associados, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e Práticas escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In*:* SOUZA, Rosa de Fátima. VALDEMORIN, Vera Teresa. **A cultura escolar em debate**: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 3-30.

VIDAL, Diana Gonçalves; ALCÂNTARA, Wiara Rosa Rios. Corpo e Matéria: relações (im) previsíveis da cultura material escolar. In*:* CASTRO, César Augusto; SILVA, Vera Lucia Gaspar da; SOUZA, Gizele de. **Cultura material escolar em perspectiva histórica**: escritas e possibilidades. Vitória: EDUFES, 2018.

VIEIRA, Maria Alveni Barros. **Educação e Sociedade Picoense no Período de 1850 a 1930.** *In:* II Congresso Brasileiro de História da Educação. Natal, 2002.

ZANOTI, Daviani Henrique. **A trajetória do inspetor escolar e seu papel na instituição educacional.** (Trabalho de Conclusão de Curso- Pedagogia). Universidade Estadual Júlio Mesquita. Rio Claro, 2017.

Entrevistas:

ALUNA de 1959. **Depoimento**. Entrevista concedida a Danila da silva Nascimento Gomes. Via Google Meet. 18/03/2021.

ALUNA de 1966. **Depoimento**. Entrevista concedida a Danila da Silva Nascimento Gomes. Via Google Meet. 15/03/2021.

ALUNO de 1969. **Depoimento**. Entrevista concedida a Danila da Silva Nascimento Gomes. Via Google Meet. 31/05/2021.

PROFª. ESPERANÇA. **Depoimento**. Entrevista concedida a Danila da Silva Nascimento Gomes. Via Google Meet. 23/03/2021.

PROFª. ESTRELA. **Depoimento**. Entrevista concedida a Danila da Silva Nascimento Gomes. Na residência da entrevistada, Picos/PI. 15/03/2021.

PROFª. GIRASSOL. **Depoimento**. Entrevista concedida a Danila da Silva Nascimento Gomes. Via Google Meet. 22/04/2021.

DIRETORA EVAN. **Depoimento.** Entrevista concedida a Danila da Silva Nascimento Gomes. Na residência da entrevistada, Teresina/PI. 6/10/2021

APÊNDICES

Projeto de Pesquisa: **GRUPO ESCOLAR COELHO RODRIGUES: um estudo histórico sobre cultura escolar primária na cidade de Picos/ PI (1954- 1971).**
Nome da Pesquisadora responsável: Danila da Silva Nascimento Gomes
CPF: 001.578.143-78
Instituição: Universidade Federal do Piauí- UFPI
Área: Ciências Humanas
Departamento: Programa de Pós-Graduação em Educação PPGED
OBS: As entrevistas serão realizadas conforme a disponibilidades dos colaboradores podendo serem realizadas em mais de um momento.

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA EX-ALUNOS (AS)

Nome do entrevistado:
Data da entrevista:
Local da entrevista:
Data de nascimento:
Nome do entrevistador: Danila da Silva Nascimento Gomes
Nome completo do transcritor:
Data da transcrição:

1) Como é o nome completo do(a) senhor(a)?
2) Onde o (a) senhor (a) nasceu e quando?
3) Qual a sua formação escolar? Em que instituições escolares o (a) senhor (a) estudou?
4) Como era a cidade de Picos (PI) entre os anos de 1954 a 1971?
5) Como era a convivência em Picos (PI) neste mesmo período?
6) Como já havia me relatado anteriormente, o(a) senhor(a) estudou no Grupo Escolar Coelho Rodrigues. Conte-me como era a estrutura física do Grupo na época em estudou no mesmo.
7) Se possível, diga-me quem eram as professoras que lecionaram no Grupo no período em que o (a) senhor (a) estudou no Grupo. E a diretora, quem era?
8) Quem eram as crianças que estudaram neste mesmo período com o (a) senhor(a) no Grupo? De que famílias descendiam? E de que localidades?
9) Quais outras escolas vêm a sua lembrança que existiam neste período?
10) A respeito dos inspetores escolares que visitavam a escola, o que faziam eles? Vocês tinham um bom relacionamento como eles?
11) E os livros que eram utilizados, quais lembra o nome? Se possível, quais eram os títulos desses livros?
12) O ambiente da sala de aula era formado por quais mobiliários? E o fardamento, era obrigatório? Se conseguir lembrar, como era este fardamento?

Projeto de Pesquisa: **GRUPO ESCOLAR COELHO RODRIGUES: um estudo histórico sobre cultura escolar primária na cidade de Picos/ PI (1954- 1971).**
Nome da Pesquisadora responsável: Danila da Silva Nascimento Gomes
CPF: 001.578.143-78
Instituição: Universidade Federal do Piauí- UFPI
Área: Ciências Humanas
Departamento: Programa de Pós Graduação em Educação PPGED

OBS: As entrevistas serão realizadas conforme a disponibilidades dos colaboradores podendo serem realizadas em mais de um momento.

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA EX-PROFESSORES(AS)

Nome do entrevistado:
Data da entrevista:
Local da entrevista:
Data de nascimento:
Nome do entrevistador: Danila da Silva Nascimento Gomes
Nome completo do transcritor:
Data da transcrição:

1) Como é o nome completo do(a) senhor(a)?
2) Onde o(a) senhor(a) nasceu e quando?
3) Qual a sua formação escolar? Em que instituições escolares o (a) senhor (a) estudou?
4) Como era a cidade de Picos (PI) entre os anos de 1954 a 1971?
5) Como era a convivência em Picos (PI) neste mesmo período?
6) Fisicamente, como era o Grupo Escolar Coelho Rodrigues no período em que lecionou nele?
7) Quais eram as disciplinas ministradas no Grupo no período de 1954 a 1971? E qual ou quais o(a) senhor(a) ministrava?
8) Gostaria que me falasse agora dos colegas de magistério, daqueles que forem possíveis lembrar. Quem eram?
9) E seus alunos e alunas, a que famílias pertenciam? E de onde vinham?
10) Os materiais utilizados em salas, quais eram e quem os compravam?
11) Quem eram os inspetores escolares e o que faziam? E a diretora que atuou no tempo em que lecionou no Grupo, tratava-se de quem?
12) As crianças eram obrigadas a utilizar fardamentos? Como era esse fardamento?
13) E as festas comemorativas do Grupo, aconteciam em que momento e quem participava delas?

Projeto de Pesquisa: **GRUPO ESCOLAR COELHO RODRIGUES: um estudo histórico sobre cultura escolar primária na cidade de Picos/ PI (1954- 1971).**
Nome da Pesquisadora responsável: Danila da Silva Nascimento Gomes
CPF: 001.578.143-78
Instituição: Universidade Federal do Piauí- UFPI
Área: Ciências Humanas
Departamento: Programa de Pós Graduação em Educação PPGED

OBS: As entrevistas serão realizadas conforme a disponibilidades dos colaboradores, podendo serem realizadas em mais de um momento.

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA EX-DIRETORES(AS)

Nome do entrevistado:
Data da entrevista:
Local da entrevista:
Data de nascimento:
Nome do entrevistador: Danila da Silva Nascimento Gomes
Nome completo do transcritor:
Data da transcrição:

1) Como é o nome completo do(a) senhor(a)?
2) Onde o(a) senhor(a) nasceu e quando?
3) Qual a sua formação escolar? Em que instituições escolares o (a) senhor (a) estudou?
4) Como era a cidade de Picos (PI) entre os anos de 1954 a 1971?
5) Como era a convivência em Picos (PI) neste mesmo período?
6) Fisicamente, como era o Grupo Escolar Coelho Rodrigues no período em atuou como diretor(a)?
7) Quantas salas de aulas existiam? E que series o Grupo Escolar ofertava no momento em que foi diretor (a)?
8) A escola possuía muitos alunos e alunas? A que famílias pertenciam? E de onde vinham?
9) Quem eram os inspetores escolares e o que faziam? Como era a sua convivência com estes?
10) Relate-me por favor como era o cotidiano escolar do Grupo Escolar Coelho Rodrigues.
11) As crianças eram obrigadas a utilizar fardamentos? Como era esse fardamento? Todas vinham com o fardamento completo?
12) E as festas comemorativas do Grupo, aconteciam em que momento? Quem participava delas?